

REVISTA

DA SEMANA

N. 38 21-9-57 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

ENCONTRO SECRETO COM PERÓN



ela... ele... e

cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ





SÓ A MORTE PÔDE COM JOSÉ LINS DO RÊGO

NO ANOITECER chuvoso da quinta-feira passada (era dia 12), um corneteiro do Corpo de Fuzileiros Navais deu o toque de silêncio, que parecia cortar o coração daquela gente reunida em torno de um túmulo no cemitério de S. João Batista. Então, começou a desaparecer na terra um esquife que guardava os restos mortais de um dos maiores escritores de toda a história de nossa literatura. Terminava ali o romance de José Lins do Rêgo.

A bandeira do Flamengo (negra e vermelha) cobria o esquife, da Academia Brasileira de Letras, onde começara o cortejo, até o túmulo. E um sacerdote, o padre Góis — que dera extrema-unção ao romancista — fizera a encomendação do corpo. José Lins do Rêgo, que tinha medo da morte, tal era o seu extraordinário amor pela vida, morrera com a fé de sua infância: católico. E nas horas de sofrimento, na longa agonia de três meses dos seus últimos tempos de vida no Hospital dos Servidores do Estado, ele costumava exclamar: «Minha Nossa Senhora da Conceição, valei-me».

A multidão foi se dispersando do cemitério. Viam-se ministros de Estado, parlamentares, políticos, escritores, poetas, jornalistas, jogadores de futebol, homens simples do povo. Era como um símbolo da popularidade nacional do morto, que conhecia todo mundo, conversava com todo mundo, apontado nas ruas, felicitado por desconhecidos. Durante aquele dia, o povo carioca desfilara diante de seu corpo, na Academia. E lágrimas tinham brotado dos olhos de desconhecidos que não se conformavam com aquela perda — que um homem como José Lins do Rêgo tivesse durado apenas 56 anos. Vítima de uma crise de hepatite há um ano atrás, José Lins do Rêgo tivera seu estado de saúde agravado com o correr dos meses. A enfermidade evoluíra para uma cirrose, fazendo-o internar-se no Hospital dos Servidores do Estado em junho deste ano. E daquela época até agora, o romancista travara uma dura batalha com a morte.

«Com José Lins do Rêgo ninguém pode», costumava dizer ele, ora alegre, ora triste, bulhento, generoso, cordial. Mas o toque de silêncio do corneteiro, naquele tristíssimo anoitecer de cemitério, provou que a Morte pôde com ele e o venceu. E assim o Brasil perdeu seu maior romancista.

Reportagem de CLARIMUNDO FERRO

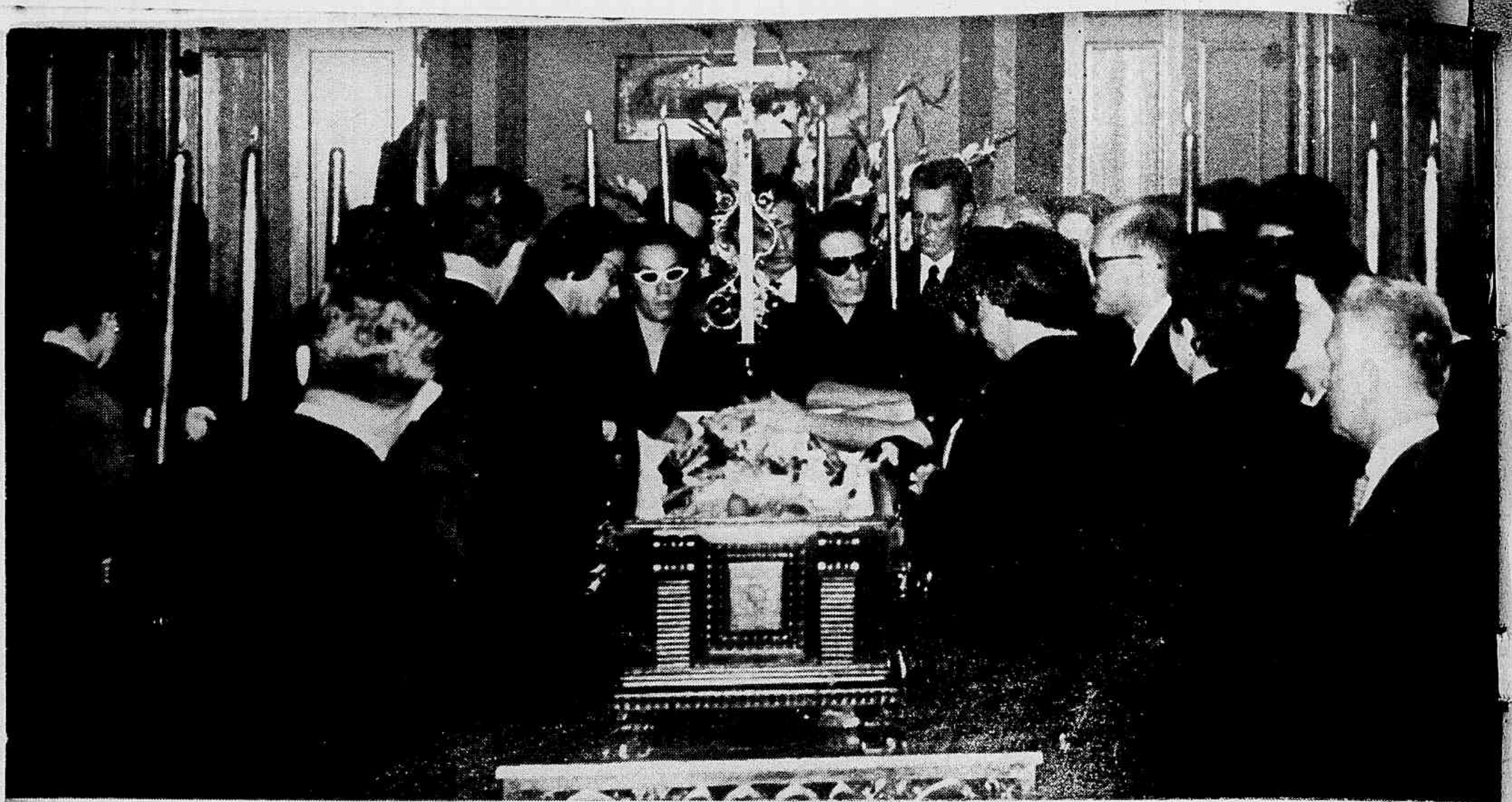
Fotos de V. VASCONCELOS e A. VIEIRA



D. Naná, mulher de José Lins e Bêtinha, sua filha. Dois símbolos de extrema dedicação.



Duas vêzes José Lins do Rêgo entrou na Academia Brasileira de Letras de fardão: uma, vivo, para tomar posse; outra, morto. A seu lado, nos momentos de maior glória ou de maior dor, sempre estiveram sua mulher e suas filhas.



Respeitado intelectualmente por tôdas as gerações, colocado acima de tendências e correntes, o autor de «Fogo Morto» recebe da Academia a derradeira homenagem.

MENINO DE ENGENHO: UM SÍMBOLO DO POVO

● Foi no coração do nordeste que nasceu José Lins do Rêgo: no Engenho Corredor, no município de Pilar, na Paraíba. Ali viu êle a luz, a 3 de junho de 1901. Era descendente de uma família de senhores de engenhos, proprietários feudais e figuras de projeção espalhadas não apenas pela terra paraibana, mas alcançando também Pernambuco. Assim, desde o berço possuía êle um infindável número de «primos», «tios» e parentes. Quando José Lins do Rêgo tinha seis meses, e engatinhava, sua mãe morreu. Êle passou a ser criado pelas tias e avós, sem os carinhos materno e longe de seu pai.

Cresceu então no Engenho Corredor, nesse mundo que haveria de ser recriado pela sua memória e imaginação, numa das obras mais poderosas jamais escritas em língua portuguesa.

E ali mesmo, no alpendre do engenho ou entre bichos e árvores, o menino José Lins passou a receber suas primeiras lições de romancista. Uma preta velha, Totônia, contava-lhe histórias maravilhosas, que o impressionavam fundamentalmente. Pelo engenho, desfilavam componentes de uma profissão hoje desaparecida — a dos contadores de histórias, que viajavam de engenho a engenho, divertindo os seus donos.

Dois livros causaram-lhe eterna impressão. «Os Dozes Pares da França», história de cavalaria que contava as aventuras de Carlos Magno, e a Bíblia, único livro que seu avô possuía.

O menino de engenho começou a estudar no colégio interno de Itabaiana, aos 10 anos — antes, recebera apenas uma instrução leve, para «desasnar». Aos 12 anos, foi para a capital, Paraíba (que é hoje João Pessoa). E ali, no Colégio Pio X, ampliou-se seu interesse pela leitura. Aos quinze anos, descobriu «O Ateu», de Raul Pompéia, e ficou deslumbrado.

(Continua na pág. 59)



JOSÉ RABELO FALANDO EM NOME DO FLAMENGO, NOS FUNERAIS. O POETA AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT EM COMOVENTE ORAÇÃO

Diretor Gratuliano Brito
 Redator-Chefe Reinaldo Jardim
 Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
 Paginação Victor Tapajós
 Desenhos Alberto Lima
 Fotografia Arnaldo Vieira e Alberto Ferreira
 Laboratório V. M. Vasconcelos
 Redatores e Corretores:
 S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Ana
 Colaboradores:
 Eneida, José Roberto Teixeira Leite, Helio Polito, Jeff Thomas, Haroldo Damasio, L. Junqueira, Nelson Gomes Leite.

Propriedade da Companhia Editora Americana —
 Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Tels:
 Redação, 22-4447; Publicidade, 22-9570; Portaria,
 22-5602; Gerência, 22-8647; Contab., 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 500,00
 Seis meses Cr\$ 250,00
 Registrada — Um ano Cr\$ 750,00
 Seis meses Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 900,00
 Seis meses Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo.
 o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao
 Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA
 DA SEMANA está organizado. Só publicaremos
 colaboração solicitada pela redação. Não devol-
 vemos originais, mesmo quando não publicados.
 Os trabalhos assinados são de responsabilidade
 dos autores.

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, C. Postal 434, Lourenço Marques.
 Em Portugal: Helena A. Lima, avenida
 Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito,
 Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia.,
 Constituyente, 1746, Montevideu. Na
 Argentina: Interpresa, Florida 299, te-
 lefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
 Tem agentes em todas as localidades
 do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
 A. Zambardino — Rua Capitão Salo-
 mão, 69 — Fone: 34-1569

DEVANEIOS

● Por que ficará ele assim, horas e mais horas olhando para mim, num silêncio que não consigo entender? Nenhum movimento em seu rosto; nenhuma contração em sua boca. Apenas os olhos vagueiam; só eles parecem vivos em sua fisionomia parada.

O que pensará? O que pensará da vida, do sol que enche nossa casa ou da chuva que cai, feia e fina em nossa varanda? O que pensará ele das plantas, dos livros, dos quadros, desse mundo de pequeninos objetos que nos rodeiam?

Nunca pude saber; jamais poderei conhecer seus melhores ou piores pensamentos; não sei — porque ele vive fechado em si mesmo — o que dirá de minha maneira de ser, de pensar, andar, olhar, sentir e viver.

Que palavras empregaria para examinar o mundo, esse mundo tão ruim que se reflete nas crianças sem pão nem teto, nas mães desgraçadas, nos homens que se guerreiam? Como definiria a bomba atômica e as guerras malditas? Como reagiria diante dos sofredores, dos desventurados, dos miseráveis e dos mal amados?

● Será feliz? A infelicidade que anda lá fora não perturba a sua própria felicidade? Estará contente com este aprisionamento a mim, à casa, aos meus hábitos, ao ruído desta máquina que bate sem cessar, à porta que a todo momento é sacudida pela campainha? Que pensará de minhas conversas telefônicas, que dirá da campainha batendo sem que se saiba se é da porta, do elevador ou do telefone, tanto esta casa é domínio das mais diversas campainhas?

Que pensará de meus amigos? Sabe o quanto qualquer um deles representa na minha vida? Sabe que ponho na amizade uma razão de ser? Saberá por acaso que o considero meu amigo e que chamá-lo assim é uma das minhas alegrias?

O que sabe ele de positivo sobre amizade, amor, estima? O que sabe sobre o caráter, dignidade ou sordice, canalhice dos homens? O que pensa ele da humanidade, essa de calça e paletó, de saia ou vestido? Considera o homem melhor do que a mulher ou vice-versa?

● Suas mãos estão sempre cheias de carícias. Apenas, com que cuidado preciso recebê-las. Ao menor contacto podem ferir, tal a impetuosidade de seu afeto que suas mãos exteriorizam.

Seus olhos acompanham-me como se eu fôsse um mistério; tenho vontade de gritar: — Não me olha assim! — mas o desejo fica preso na garganta. Para que decepcioná-lo? Seus olhos gostam de olhar meus gestos mas o que dirão deles?

São calmos às vezes, outras vezes tão verdes que parecem cruéis. Há crueldade em seus olhos para mim que nunca lhe darei outra coisa além de ternura e amor. Merecem sentimentos ruins, um pagamento tão mau quando em troca lhe dou um afeto tão bom? Quem sabe lá? Como julgar?

— Que personagem é esse — perguntará o leitor. Um boneco ou uma estátua?

Respondo em verdade:

— Um grande personagem da minha vida. Um gato chamado José.

ENEIDA



Gafanhotos estão contribuindo para as pesquisas biológicas realizadas no Laboratório de Argonne.

VIOLANDO A CORTINA DE FERRO DE UM

ESTA REPORTAGEM DIVULGA, PELA PRIMEIRA VEZ, INFORMAÇÕES SOBRE O LABORATÓRIO NACIONAL DE ARGONNE, ONDE VÁRIOS RAMOS DA CIÊNCIA NUCLEAR SÃO PESQUISADOS.

Na região meio-oeste dos Estados Unidos encontra-se um vasto estabelecimento atômico, centro pioneiro de pesquisa onde tem sido projetados muitos dos melhores «reatores pacíficos» do mundo. Trata-se do Laboratório Nacional de Argonne, onde cientistas de muitas nações estão aprendendo a desenhar, construir e operar reatores nucleares. O laboratório, operado pela Universidade de Chicago, para a Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, é um dos maiores e mais antigos do país, dedicado ao desenvolvimento dos usos pacíficos da energia atômica.

Espalhados sobre a extensa área do laboratório encontram-se vários edifícios e um pessoal de 600 cientistas e engenheiros, auxiliados por 1.800 empregados técnicos, administrativos e

de serviços gerais. Aqui realizam-se contínuas pesquisas sobre todas as fases de energia nuclear, em laboratórios dedicados a trabalhos experimentais de física, química, biologia, medicina, metalurgia, eletrônica, engenharia de controle remoto, física de reatores e outros assuntos correlatos. Há edifícios especiais equipados com estufas nas quais espécies de plantas são cultivadas em uma atmosfera radioativa, outras nas quais os efeitos da radiação sobre animais vêm sendo estudados há vários anos e nas quais se realizam experiências, com a preservação atômica de alimentos. Através dos edifícios há máquinas e equipamentos fabulosamente complexos os quais, acrescidos às estruturas do laboratório, representam um capital de mais de 65 milhões de dólares.

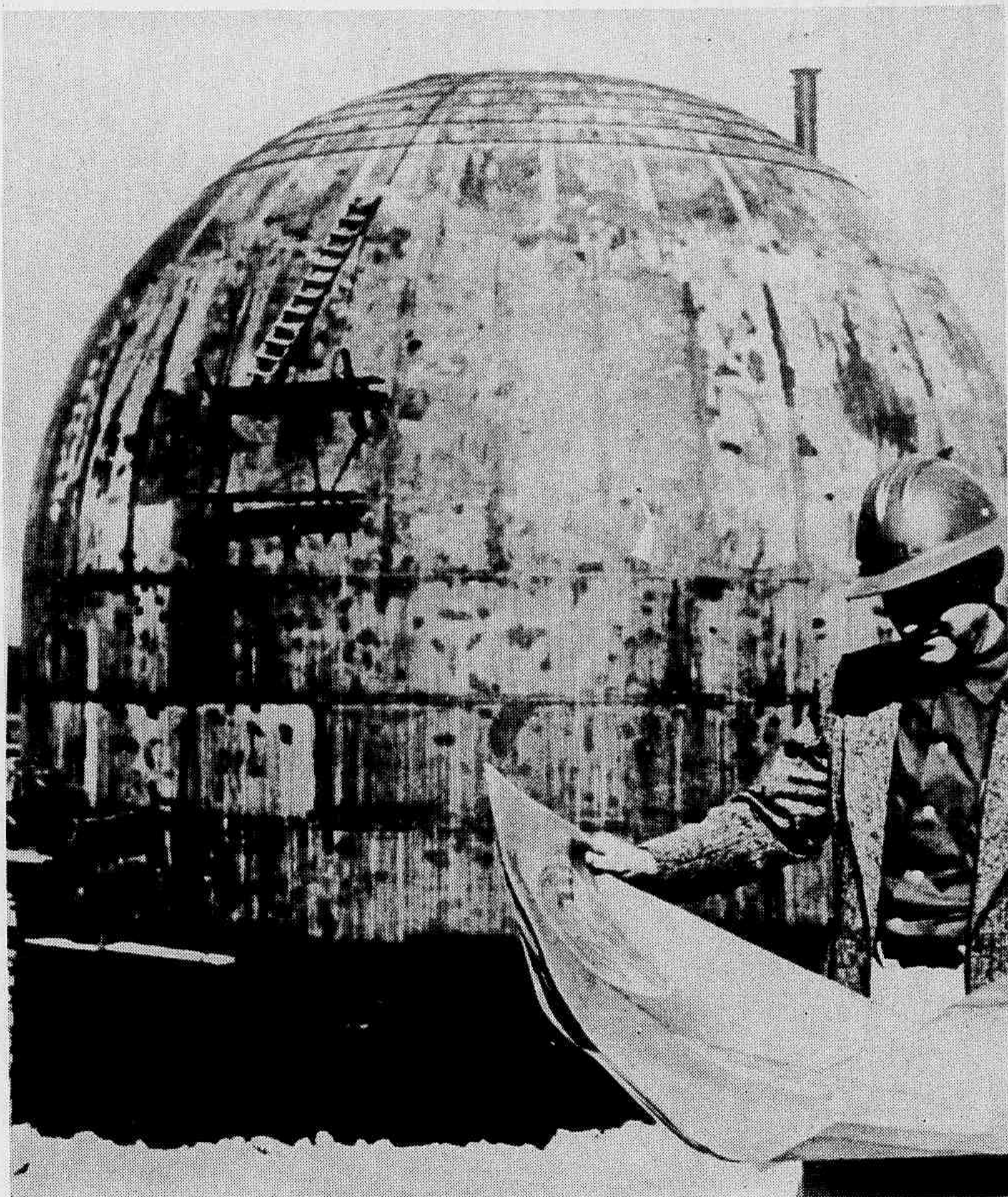
Embora todos os campos da energia nuclear sejam beneficiados com as pesquisas realizadas em Argonne, o Laboratório é mais conhecido pelo seu trabalho e projetos nos tipos mais aperfeiçoados de reatores atômicos. A história do Laboratório data do nascimento da Idade Atômica, quando era conhecido como Laboratório Metalúrgico e se localizava na cidade de Chicago, em Illinois. Neste laboratório, cientistas pioneiros construíram o primeiro reator atômico do mundo, o primeiro mecanismo jamais construído para realizar reações nucleares em cadeia, controladas. Seis anos depois desse acontecimento histórico, em 1948, o Laboratório recebeu o nome de Laboratório Nacional de Argonne, mudando-se para sua localização atual em Lemont, a sudoeste de Chicago.

tornando-se o mais antigo centro de pesquisas da então recentemente estabelecida Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

Desde 2 de dezembro de 1942, quando o Laboratório se lançou na Idade Atômica, tem continuado a fazer história. Produziu ele as primeiras quantidades importantes de plutônio, usando então esse produto para projetar o reator original para a usina de plutônio de Hanford, no estado de Washington. Projetou e aperfeiçoou o primeiro reator de água pesada do mundo; o primeiro reator a propelir um submarino; o primeiro reator auto-gerador a produzir eletricidade, e o primeiro reator de água fervente. As atuais construções incluem tipos aperfeiçoados de reatores de água fervente e do tipo auto-gerador, baseados nos resultados de contínuas pesquisas em física nuclear, transferência de calor, aperfeiçoamentos mecânicos e elétricos, comportamento de materiais radioativos a elevadas temperaturas e corrosão de materiais na água e em metais líquidos, submetidos a intenso calor.

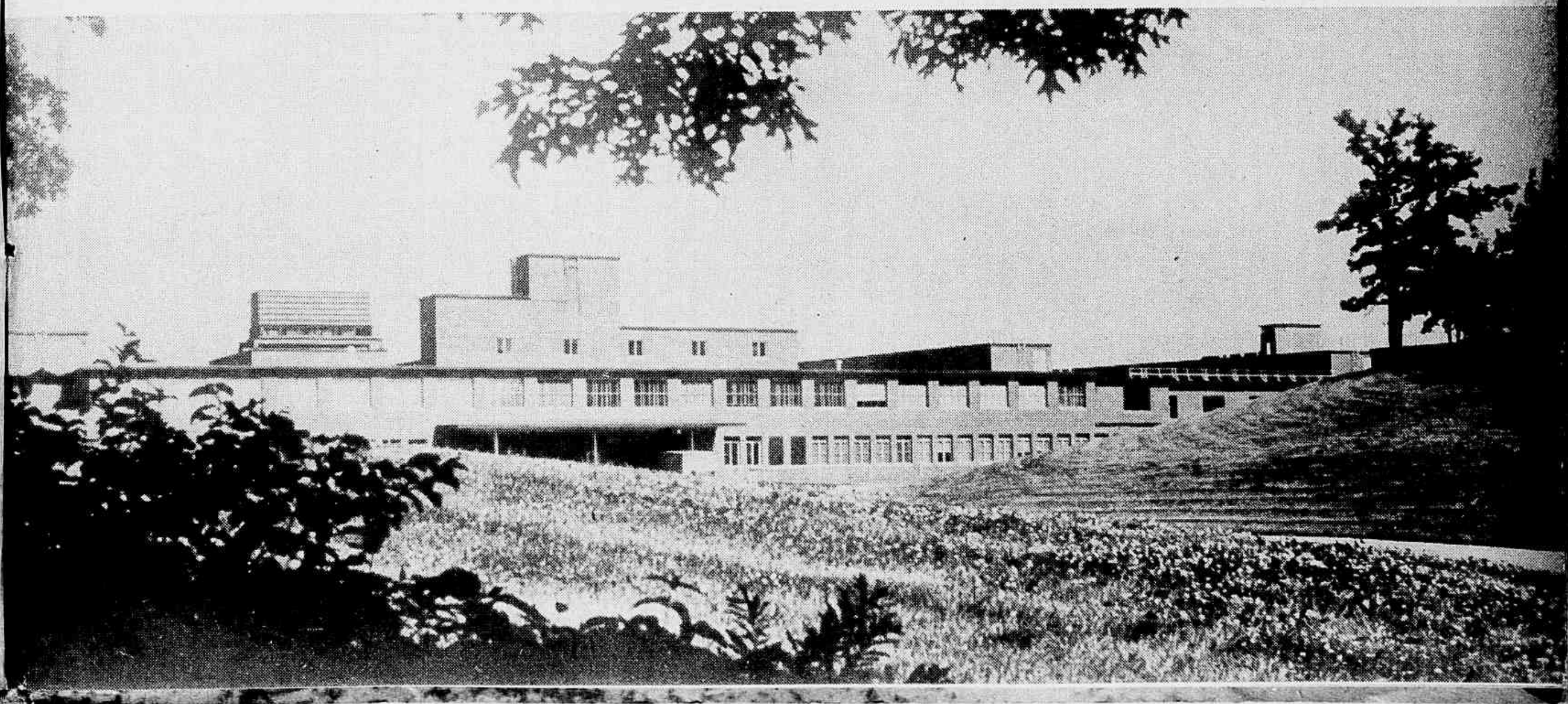
Antes dos projetos de «átomos para a paz» originados em Argonne, poderem ser partilhados pelo resto do mundo, cada aperfeiçoamento tem que ser inteiramente testado. Neste trabalho o Laboratório coopera intimamente com outros estabelecimentos da Comissão de Energia Atômica, universidades, hospitais e indústrias. Alguns dos reatores recentemente aperfeiçoados são construídos e testados na Estação Nacional de Testes de Reator da Comissão, no estado de Idaho. Para determinar o valor de novas descobertas de interesse para a medicina, estudos clínicos são realizados no Hospital Argonne de Pesquisas de Câncer em Chicago, na Universidade de Chicago e em outras instituições. As experiências nas estufas são freqüentemente realizadas em colaboração com universidades e indústrias, assim como outras investigações e pesquisas realizadas em Argonne.

Atualmente com os resultados das pesquisas, o pessoal e o equipamento de Argonne estão sendo partilhados por muitas nações através do treinamento proporcionado a cientistas estrangeiros na escola de Ciência e Engenharia Nuclear do Laboratório. Esta escola é um dos pontos do programa de «átomos para a paz» proposto pelo presidente Eisenhower «para ajudar os povos de nações amigas a desenvolver os usos pacíficos de energia atômica». Trata-se de uma grande tentativa de cooperação internacional «estabelecida para permitir que cientistas e engenheiros de outros países compreendam e trabalhem com novos instrumentos, que contêm promessas abundantes para elevar o bem estar humano».



O novo Reator Experimental de Água Fervente, aperfeiçoado e projetado por cientistas do Lab. de Argonne. Em baixo: O grande edifício, onde se aloja a Divisão de Física do Lab. Nacional de Argonne, é um dos vários existentes na área deste importante centro de ciência e ind. nucleares.

LABORATÓRIO DE PESQUISAS ATÔMICAS





Há uma única boneca para trezentas crianças do jardim de infância. Quando uma criança consegue a boneca



Irmã Odila deita no berço o bebê, com apenas alguns dias de vida. Aparecerá alguém que deseje adotá-lo como filho?

UMA BONECA PARA TREZENTAS CRIANÇAS

Texto de GRACIETTE SANT'ANA

Fotos de A. VIEIRA

Rua Marquês de Abrantes, 48. Velhas árvores quase cobrem completamente o imponente casarão que abriga a Fundação Romão Mattos Duarte. Fundada em 1738, mantém (com que dificuldade!) os mesmos objetivos: amparar a criança abandonada. A roda que existia para recolher os pequeninos teve de ser retirada. O abrigo já não pode proteger a mais ninguém. Está lotado e sem recursos. No entanto, crianças recém-nascidas passaram a ser deixadas à porta da Fundação por mães desesperadas e sem recursos. A presente reportagem mostra com que esforço essa «casa dos expostos» é mantida. E mais que um simples e frio relato, é um apêlo às autoridades competentes que tanto falam em proteção à infância abandonada. Tão criminoso como deixar ao abandono a criança é deixar sem proteção uma Casa destinada a protegê-la. E infelizmente isso vem acontecendo.

A refeição é sempre a mesma, não há recursos para variá-la. E é tudo quanto a boa vontade das irmãs pode conseguir.

△

O HEROÍSMO DAS IRMÃS DE CARIDADE NÃO PODE FAZER MILAGRES PARA MANTER OS ENJEITADOS DA FUNDAÇÃO ROMÃO DE MATOS COM O PEQUENO AUXÍLIO QUE LHES DÁ A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA.

△

Frágil e mal alimentada, esta garôta ajuda no serviço diário. Não há muitos empregados, sua ajuda é indispensável.



ANTES morriam de quatro a dez crianças por ano, na Fundação Romão de Matos Duarte, mas agora morrem de vinte a trinta, porque o heroísmo das irmãs de caridade não pode fazer milagres para manter as mil crianças daquela Casa dos Expostos. Trinta e duas irmãs recebem, da Santa Casa de Misericórdia, alimentação deficiente e uma verba de 30 mil cruzeiros anuais. O Governo não lhes dá subvenção, apesar do sentido social de sua obra. E elas continuam recebendo, por mês, de vinte a quarenta pequenos sem lar, que ali vão encontrar, pelo menos, quem se preocupe por seus destinos incertos.



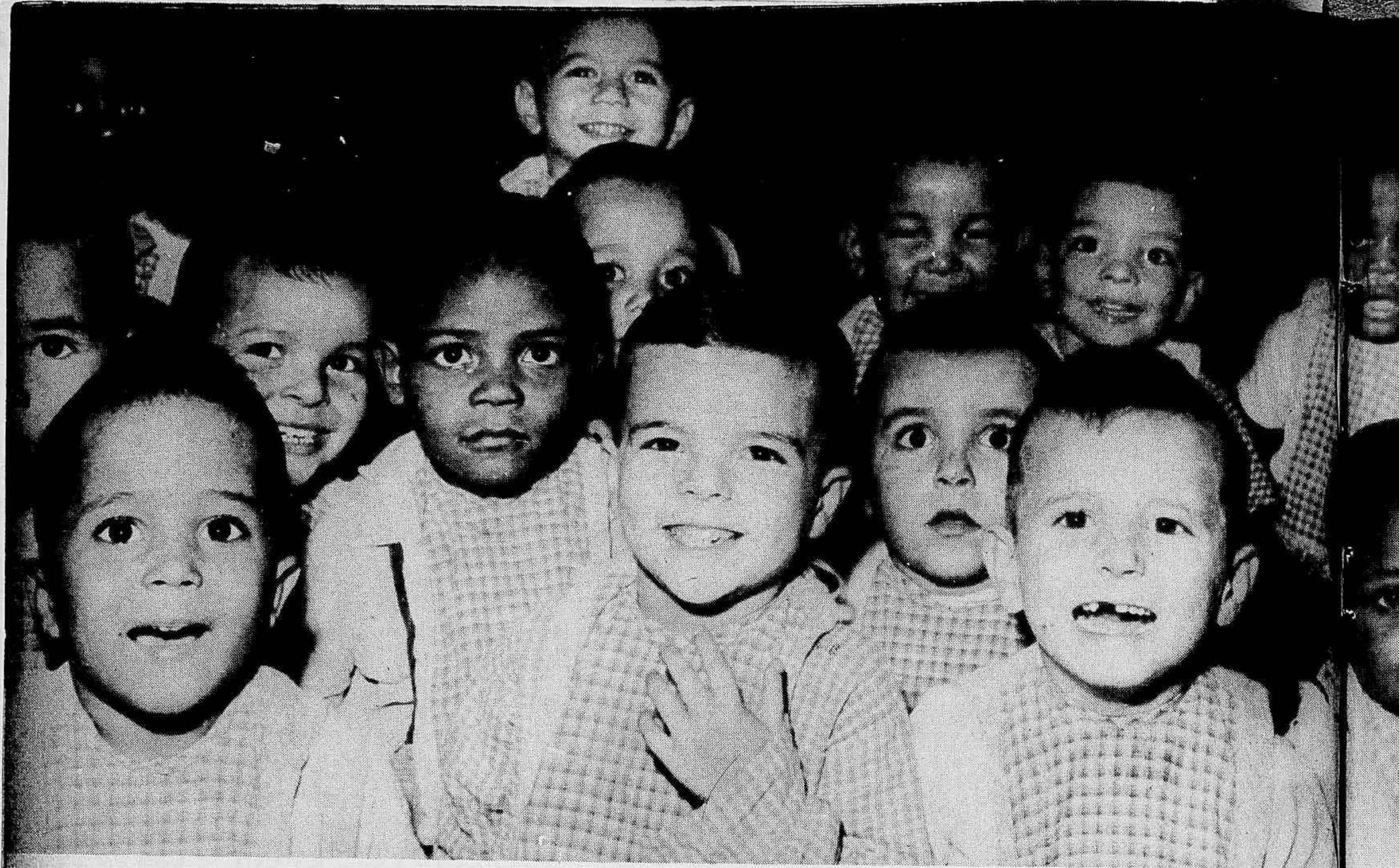
Alimentando o garotinho abandonado, sem lar e sem nome. Seu destino ainda é uma interrogação. Até quando?

A Casa dos Expostos fica na Rua Marquês de Abrantes num antigo casarão que parece abandonado, porque não é possível reparar os estragos do tempo. Ali estão mil crianças, mantidas quase por milagre. Às vezes a sorte escolhe alguma: surge uma família que a adota, um casal sem filhos que deseja alegrar seus dias com um sorriso infantil, que precisa de alguém a quem dedicar-se e a quem amar. Até há pouco, porém, isso era raro. A lei só permitia a adoção de crianças aos que tivessem o mínimo de cinquenta anos. Hoje a lei Mozart Lago modificou a situação: qualquer pessoa, maior de trinta

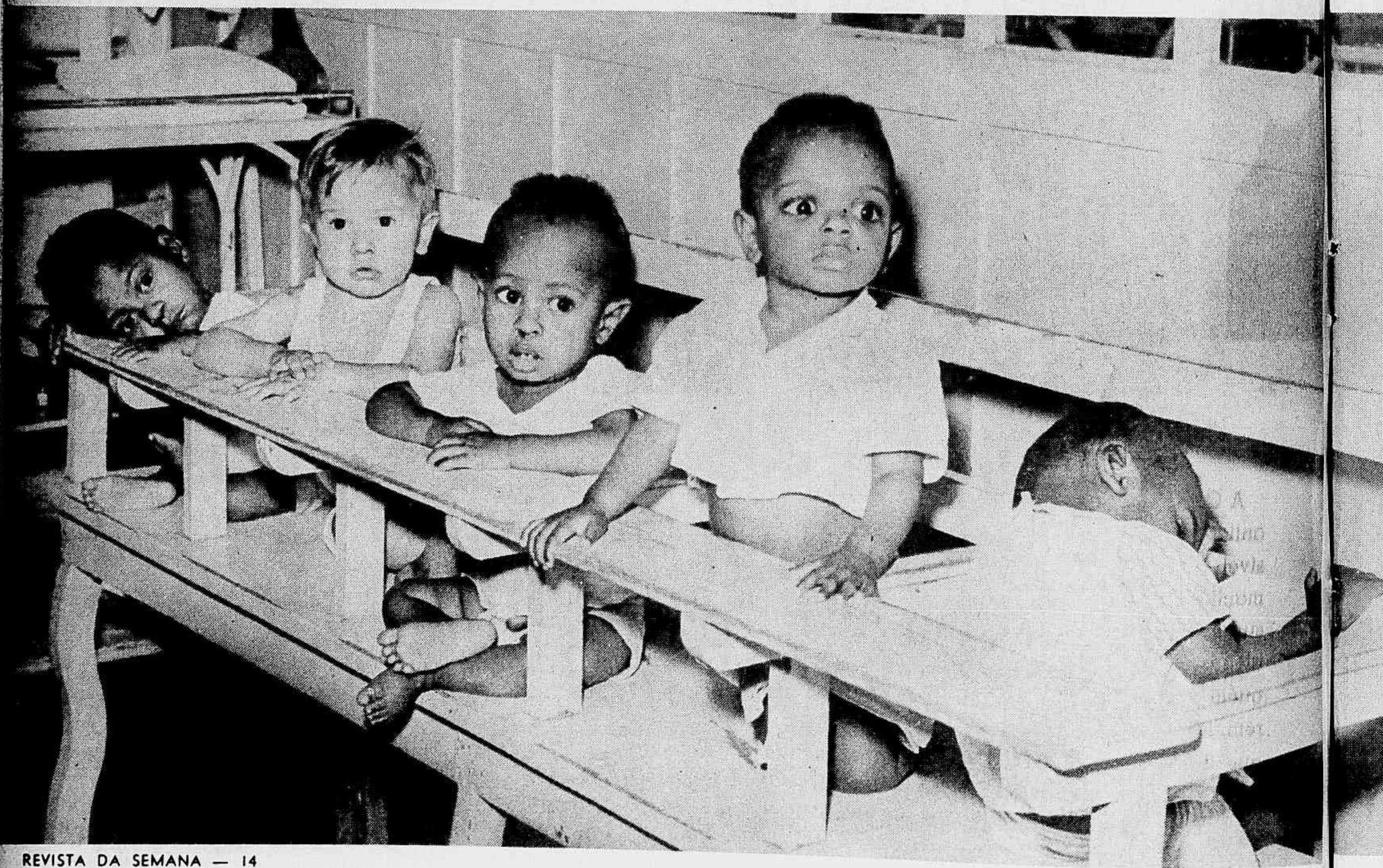
anos, pode adotar um bebê, desde que comprove ter bons costumes e vida equilibrada.

Nem sempre os que desejam adotar uma criança chegam à Casa dos Expostos com boas intenções. Principalmente se a criança é mais velha e já pode prestar serviços. Certa vez uma senhora, abastada, adotou um garoto de treze anos. Algum tempo depois o menino conseguia voltar ao Asilo, depois de muitas peripécias (inclusive um estágio no SAM) e contara sua breve história: a mulher o queria para explorá-lo, fazê-lo burro de carga.

E existe, ainda, o problema da côr. Só formalmente não há



Com o pouco que o Abrigo tem as Irmãs conseguem o milagre de manter a esperança iluminando êsses rostos. Em baixo: Criancinhas doentes ficam isoladas das outras. Apesar de sua dedicação, as irmãs de caridade não fazem milagres.



Mil crianças esperam socorro

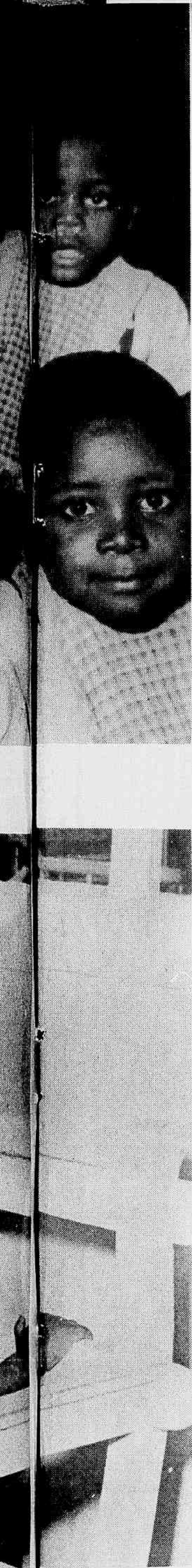
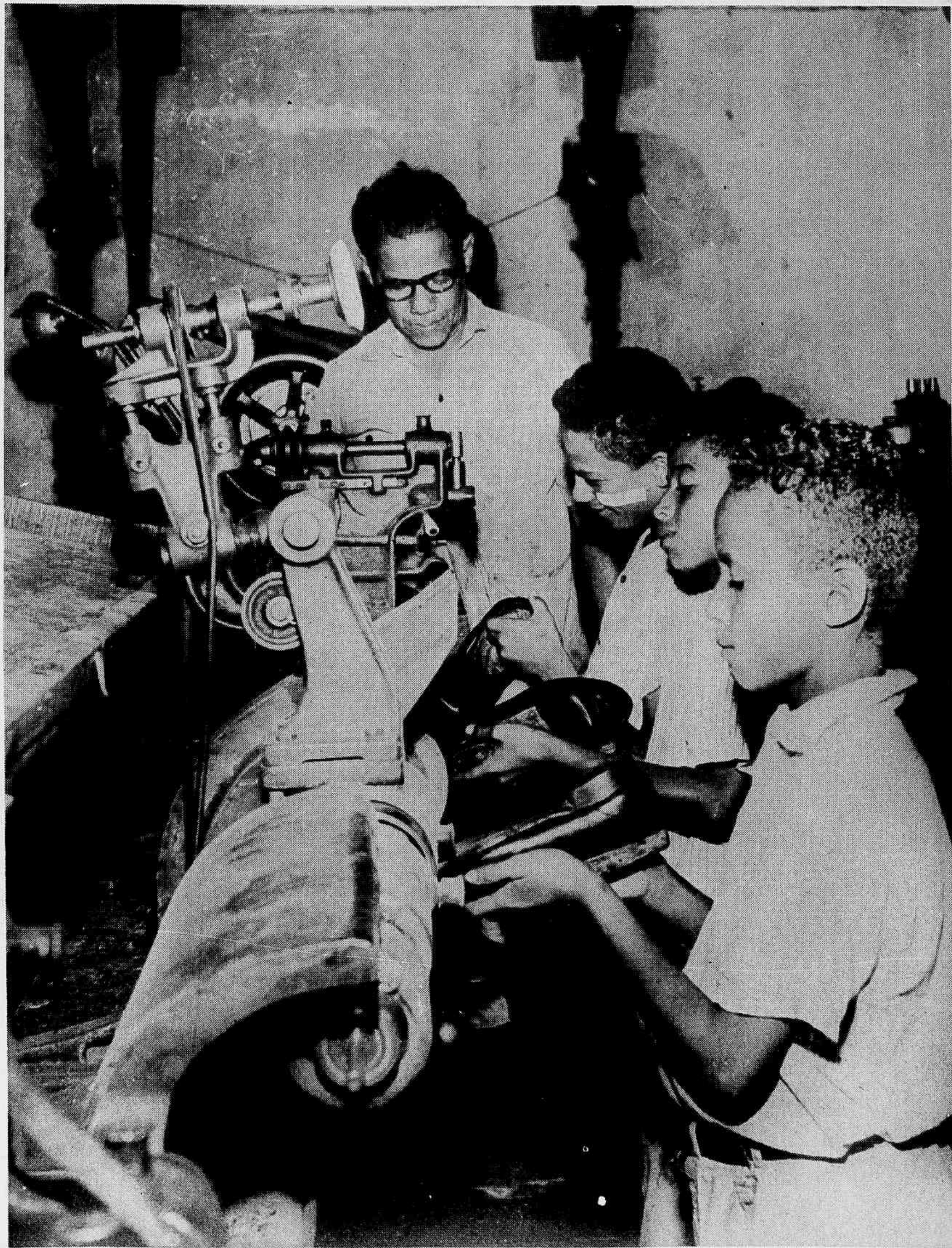
preconceito. A verdade é que as crianças de cor geralmente não encontram quem as queira adotar. E, quando alguém leva um pretinho, as irmãs de caridade ficam preocupadas, com receio de que o garoto vá receber um tratamento inferior.

Assim é a Casa dos Expostos. Não pode deixar de comover-se quem vê o Asilo de mil crianças passando dificuldades, os garotos descalços porque a sapataria não tem material, o pão ra-

cionado porque a padaria não tem matéria prima, a quase completa ausência de brinquedos: há uma boneca para trezentas garotinhas, e o que significa uma boneca para uma criança!

Não faria mal às autoridades uma visita à Fundação Romão de Matos. Teriam muito o que ver e no que pensar. Não há instituição que precise mais de ajuda — de socorro.

O Abrigo tem oficina para confecção de sapatos, mas não pode adquirir o material. As crianças andam descalças.



REVISTA
DA SEMANA

EXCLUSIVO



ENCONTRO

SECRETO

COM PERÓN

NO 7º ANDAR DE UM EDIFÍCIO DE CERTA RUA DE CARACAS, VINÍCIUS LIMA OBTEM A PRIMEIRA ENTREVISTA DE PERÓN NO EXÍLIO — TRES DIAS COM O EX-PRESIDENTE DA ARGENTINA QUE, DENTRE OUTRAS COISAS, DECLAROU E ASSINOU: «A CARTA BRANDI É ABSOLUTAMENTE FALSA — O URUGUAI É SIMPLES SATÉLITE DO GOVERNO ARAMBURU — OS AVIÕES QUE BOMBARDEARAM BUENOS AIRES FORAM MUNICIADOS PELOS INGLESES E PARTIRAM DAS ILHAS MALVINAS — O MONOPÓLIO ESTATAL DO PETRÓLEO É UM ERRO — O PACTO A. B. C. NÃO É OBRA MINHA, MAS DO BARÃO DO RIO BRANCO — O NEGÓCIO DE MADEIRA FEITO PELO SR. JOÃO GOULART É APENAS UMA PERSEGUIÇÃO POLÍTICA — ASSIS CHATEAUBRIAND ME PEDIU ALGUNS MILHÕES DE DÓLARES PARA FAZER UMA CAMPANHA FAVORÁVEL AO PERONISMO NO BRASIL — DIZ O MAJOR PABLO VICENTE — FRONDIZI É UM BOM HOMEM, MAS ESTÁ LIQUIDADO POLITICAMENTE.

Por VINÍCIUS LIMA, enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Venezuela — Pela REAL-AEROVIAS

(1º de duas reportagens)

QUANDO o repórter Vinícius Lima se encontrava em Caracas, Venezuela, entrevistando Juan Perón, vários outros jornalistas de renome também ali se achavam com o mesmo objetivo, sem no entanto consegui-lo. Alguns chegaram a descobrir uma ou duas das muitas residências do ex-chefe do governo argentino que, sistematicamente, se negava a recebê-los, pelas seguintes razões: Perón já sofreu 4 atentados contra sua vida e afirma que a imprensa de todo o mundo deturpa ou somente publica a seu respeito aquilo que é do interesse de determinados grupos. afirmou que fazia exceção à REVISTA DA SEMANA por se tratar de pu-

blicação que jamais tentou obter vantagens com sua pessoa. Além disso, afirmou confiar na honestidade do profissional indicado para entrevistá-lo que, por sua vez, exigiu de Perón que sua entrevista fosse autenticada, para que não pairassem dúvidas quanto à mesma. Ao mesmo tempo, nosso companheiro comunicou a Perón que, após a publicação de suas declarações, iria à Argentina para falar ao presidente Pedro Aramburu, isto porque a intenção desta Revista é somente colocar os pontos nos «ii»; ou melhor, esclarecer a verdade dos fatos históricos na República do rio La Plata, muito confusos até então.



◆ Após duas horas de entrevista, Juan Perón entra em detalhes sobre a sua vida, narrando com minúcias tudo o que tem feito até agora, com exclusividade para a REVISTA DA SEMANA. O jornalista, na presença de Perón, guarda o farto documentário até hoje ignorado pelas autoridades. Note-se que pela primeira vez Perón aparece numa foto fumando.



"O Sr. João Goulart é meu amigo, mas não é peronista, como eu não fui varguista"

ALI estava finalmente Juan Perón, uma das mais discutidas personalidades da América Latina. Estendia-me a mão cordialmente, aquele que dera tantas dores de cabeça a Franklin Roosevelt e ao próprio Truman, que lhe movera as mais sérias campanhas financeiras.

Alto e bem posto, de terno cinza-claro e gravata da mesma cor, Juan Perón aparenta ter apenas 35 anos, quando na verdade já tem mais de 60. Ao seu lado, Pablo Vicente, ex-major do Exército Argentino, homem rijo e disposto a tudo pela preservação da vida de seu chefe. Ia ter início a entrevista que até então havia custado 16 horas de voo num D.C.-4 da Real Aerovias, muitos dólares e aborrecimentos, que voltaram à mente do repórter, numa fração de minuto:

«Como tinha sido difícil chegar até Perón. Primeiramente, as barreiras diplomáticas, através do consulado da Venezuela. Doze dólares do aeroporto ao Hotel; a viagem, num confortável avião, contrastara com a péssima alimentação do famoso hotel Potomac. Um Cafézinho, 22 cruzeiros, uma refeição, Cr\$ 700,00, e, além disso, onde estava Perón?

Seus amigos no Rio tinham dado endereço errado para o jornalista, que adotou a seguinte tática para descobrir o endereço de Perón: entrávamos num «táxi» e dizíamos. Toca para a quinta de Juan Perón. Naturalmente que saímos logo que o motorista dizia que ignorava onde ficava a tal quinta, e muitos nem sabiam quem era Juan Perón; mas, após a 56ª experiência, um chofer disse ao repórter:

— Creio que Perón vive no edifício Rosemary, na avenida Andrés Bello.

Era uma pista e tocamos para o local.

Realmente Perón ali residia (4º andar) mas ninguém no edifício sabia informar para onde se mudara. A única esperança era o porteiro que juntava a correspondência remetida para o antigo endereço e a entregava a um emissário que costumava apanhar as cartas do ex-Presidente argentino, todas as manhãs.

No dia seguinte o homenzinho apereceu. Anotou o endereço do repórter e seguiu o seu caminho. Discretamente, porém, tratamos de segui-lo sem que disso ele desconfiasse. Localizado o edifício, fácil foi encontrar um escritório onde nos prometeram, para o dia imediato, um encontro com o major Pablo Vicente, única pessoa capaz de levar quem quer que seja à presença de Juan Perón.

A entrevista com Pablo Vicente fôra favorável. O encontro com Perón foi marcado, mas, com uma condição — não revelar, em hipótese alguma o lugar de onde se realizaria a reportagem.

E ali estava Perón, sorridente, simpático, a estender-me a mão cordialmente, sem, no entanto, tomar conhecimento do fotógrafo David Berberian, que fôra revistado da cabeça aos pés:

— Buenos días, General!

— Buenos días — respondeu Perón, ao mesmo tempo em que apontava uma das três poltronas existentes naquele gabinete acanhado, no qual apenas se via um retrato de Evita e outro de Perón falando aos seus descamisados. Sobre a mesinha de centro um maço de cigarros, um isqueiro e alguma correspondência.

Sentamo-nos. Perón cruzou as pernas, o mesmo fazendo o repórter, enquanto o major Pablo Vicente deixando de coçar sua «colt 45», acendia o cigarro, seguro de que se tratava de um jornalista que apenas desejava entrevistar Juan Perón e que no momento olhava para os móveis modestos do pequeno compartimento, contíguo a uma vasta sala onde dois outros auxiliares de Perón, por via das dúvidas, conversavam animadamente com uma jovem perdida num montão de cartas e telegramas:

— Belas fotografias — disse o jornalista, apontando para os flagrantes fotográficos nos quais Perón aparecia entre o povo de sua Pátria.

EVITA, O ASSUNTO NÚMERO 1

O major Pablo Vicente, talvez inquieto com a calma do repórter, iniciou a conversa explicando as razões das precauções tomadas em relação ao jornalista. Disse também da conveniência de não ser revelado nem o edifício em que se efetuava aquele encontro. Para ilustrar a conveniência dos cuidados que tem com o seu chefe, disse o major Vicente: «Aramburu já enviou vários indivíduos para matar Perón. Recentemente, aqui chegaram 4 oficiais da Marinha Argentina, que vinham exclusivamente para matar o General, mas foram descobertos a tempo. Além disso — acrescentou o ex-major — os nossos inimigos queimaram e esquarteraram o cadáver de Evita, lançando os restos no Rio de la Plata. Imagine o sr. o que não desejam eles fazer com o General».

Prosseguindo, disse, ainda, o homem de confiança de Perón: O Presidente da Suprema Corte de meu país está louco em virtude das torturas por que passou».

PERÓN FALA SOBRE A REVOLUÇÃO QUE O DERRUBOU

Quando o major Pablo encerrou sua breve explanação, tirei do bolso um questionário previamente feito e, com o máximo cuidado, dirigi-me a Perón.

— General, o objetivo da «REVISTA DA SEMANA» é apenas dizer a verdade. Reproduziremos com absoluta isenção de ânimo aquilo que nos fôr dito. Não há dúvida de que algumas das perguntas que pretendo fazer são um tanto indiscretas, porém, de todas o público do Brasil deseja resposta. Ao sr. naturalmente resta o direito de responder ou não às perguntas formuladas e a «REVISTA DA SEMANA» se reserva de divulgar as perguntas sem resposta.

— Perfeitamente, respondeu Perón.

O repórter prosseguiu falando em português e traduzindo em seguida as perguntas para o General que durante os três encontros com o jornalista não pronunciou uma só frase em nosso idioma:

— Sr. General, muitas são as versões publicadas sobre o alijamento de seu Governo da Argentina. Poderia historiar o que de fato se passou naquela época?

Juan Perón não titubeou na resposta. Parecia tê-la preparada:

— Os detalhes são tão amplos e tão numerosos que me seria difícil descrever tão numerosos episódios e circunstâncias. Por isso me permita juntar a entrevista um exemplar de meu livro, «La Fuerza es el Derecho de las Bestias», no qual se encontrará fielmente descrito tudo o que realmente se passou.

— E o que pensa do atual governo chefiado pelo presidente Pedro Aramburu?

Aqui Perón retificou a pergunta, talvez sem intenção:

— O que penso do atual governo de fato presidido por Pedro Aramburu está baseado no desempenho da tirania argentina destes dois anos negros do destino nacional, nos quais o povo argentino tem sofrido as consequências de um bando de assassinos e ladrões que entraram na Argentina como em território conquistado. Cometeram as maiores atrocidades e entregaram o país a estrangeiros, arruinando a sua economia e reduzindo o povo à miséria, à dor e à desesperança. Os fuzilamentos em massa de cidadãos, os massacres de trabalhadores e as torturas mais espantosas foram os meios para dominar as massas que se encontram em plena resistência. Vou juntar aqui, — disse apanhando um folheto de propaganda que publicamos em outro local — um folheto denominado «La realidad de um Año de Tirania», do qual sou autor. Nesse folheto se encontra as razões porque qualifico esse Governo da forma que o faço.

PERÓN CONFIRMA A AUTENTICIDADE DE DUAS CARTAS PUBLICADAS NO RIO E DESMENTE OUTRAS

O repórter encontrava dificuldade para escrever o que dizia Perón, que fala de maneira apressada, embora suas palavras sejam muito claras. Então, partiu a segunda pergunta:

— E sobre as cartas publicadas pelas revistas e jornais do Brasil. São elas verdadeiras?

Aqui o major Vicente interrompeu a entrevista para dizer: «O sr. Chateaubriand queria 15.000 dólares para não publicar, recentemente, em sua revista, uma reportagem sobre o General. Prontificou-se a fazer uma campanha favorável caso pagássemos uma boa soma para os seus diários...»

Perón sorriu. Não confirmou nem desmentiu as palavras de seu secretário, limitando-se a dizer: — Foi uma boa publicidade!... (Ao autenticar a entrevista, toda ela traduzida para o espanhol, Perón não subscreveu as palavras do major, fazendo questão de autenticar, conforme verificará o leitor, apenas aquilo que disse ao repórter).

E a entrevista prosseguiu com a resposta do ex-Presidente Argentino:

— Entre essas cartas existem algumas que são verdadeiras e que foram violadas pelos agentes da ditadura que atuam em distintos países. Outras são falsificadas pela ditadura e seus agentes.

Perón sorveu um cafézinho e depois de oferecer um cigarro ao repórter, continuou: — Esse assunto de cartas é muito curioso. A ditadura queria provar minhas atividades subversivas mediante cartas por mim dirigidas a meus amigos em distintas partes do mundo. Nessas cartas naturalmente que eu me referia à terrível situação em que se encontra a minha Pátria e também à penúria que está passando o Povo Argentino. **Essas cartas levavam minha firma**, mas, desde que se trata de documentos privados, estão amparados por numerosas convenções internacionais que asseguram sua inviolabilidade. Mesmo porque falar sobre os outros não pode constituir delito algum e muito menos no caso argentino onde se trata de uma ditadura que usurpou o poder pela força, derrubando um Governo Constitucional legalmente constituído. Acho que a ditadura cometeu um grave delito ao violar minha correspondência. As cartas que me pertencem são poucas. **SÃO AS QUE ESTÃO COM A MINHA FIRMA**.

Nesta altura da entrevista, o major Vicente retirou-se, deixando o repórter a sós com o General, que prosseguiu:

— As demais cartas que figuram nas diversas publicações são falsas. Mas esse fato é fácil de explicar:

A ditadura pagava fortes somas pelas nossas cartas aos seus agentes que interessavam a empregados de distintos correios. Esses agentes dos diversos correios desses países, em conclusão com os agentes da ditadura, entregaram algumas cartas nossas aos interessados; mas, quando a «mercadoria» (as aspas são de Perón) rareou, recorreram ao expediente da falsificação e a vendê-las aos agentes como se fossem legítimas. Creio mesmo que muita gente, para fazer fundos, tenha vendido cartas falsificadas. Eis, pois, a história das cartas publicadas.

«URUGUAI, SATÉLITE DO GOVERNO ARAMBURU»

É o que Perón afirma, conforme verão os leitores, ao prosseguir, ainda, com referência as famosas cartas:

— Com referência as representações das embaixadas argentinas que em nome da ditadura me acusam em quase todos os países sul-ameri-

Perón exhibe ao repórter provas e documentos) muitas das cartas com que o acusa

REFUTACION AL EMBAJADOR ARGENTINO EN CARACAS

"He leído, con pena, el insólito, ingenuo e insolente comunicado que, en nombre de la Embajada de mi país, ha entregado a los diarios locales el representante de la tiranía argentina. Como argentino me siento avergonzado y aunque yo no deseo descender a 'pelear con escuderos', no puedo menos que hacerme eco de las falsedades que contiene.

No quiero aventurarme a suponer sino que, desde ya, me someto a las investigaciones que las autoridades venezolanas realicen y que, a no dudar, han de establecer la verdad, que tan temerariamente, se atreve a adelantar el "embajador" de marras, instándolo a que haga lo mismo con todo el personal que tiene escondido en la Embajada y en su residencia.

Si el Gobierno Constitucional fue una tiranía, como afirma, ¿qué será el "Gobierno Provisional" que ha comenzado por usurpar el poder popular, que se ha impuesto mediante fusilamientos, masacres y asesinatos y que, hoy, tambalea ante una ciudadanía indefensa que resiste a sus ya famosos "Comandos Civiles Revolucionarios" que saquean y matan en la impunidad más espantosa?

No se puede crear una realidad con falsedades porque la realidad es sólo la verdad, el "embajador" puede decir muchas mentiras, pero no las podrá hacer por más que se empeñe. Ellos comenzaron con las bombas en Abril de 1953, cuando en una concentración obrera en la Plaza de Mayo, mataron e hirieron a numerosos trabajadores por ese medio. Llevan fusilados sin juicio a más de dos mil personas y masacrados a más de diez mil obreros. Han empleado la tortura moral y física en medida jamás conocida en la delincuencia argentina y han atropellado el honor, la vida y los hogares en insólita proporción. Desde setiembre de 1955, han pasado por las masmorras de la tiranía, más de quinientos mil argentinos. Porque, quien les

el "embajador" de Aramburu, parecería que se trata de un angelito, cuando en realidad si, como afirma, nosotros fuimos "un flagelo de Dios", ellos están resultando uno del Diablo.

Con evidente y lamentable falta de imaginación, el "embajador" vuelve a colación "el asunto de la Bandera" que según la información internacional que circuló hace un año, se sabe que en el "juicio público" realizado y teatralizado por disposición de la propia dictadura —que resultó un sainete— apareció un pseudo "Capitán Gandy", que allí hacía las veces de fiscal y maestro de ceremonia y que, al final, resultó que no era ni Capitán ni Gandy, sino un conocido delincuente, de apellido Fernández Alvarado, perteneciente a los "Grupos Insurrexit". En esa ocasión no se pudo establecer sino lo que era lógico: que en una manifestación opositora al Gobierno Constitucional que llegó al Congreso, arrió la bandera del establecimiento, que luego apareció quemada en partes, probablemente al intentar apagar la lámpara votiva que ardía en la puerta del Palacio. Pero, este señor Montero, parece que no se ha enterado de ello y me carga a mí un hecho que sólo puede caber en su rudimentaria imaginación.

¿Cómo pueden hablar de respeto humano, los que profanaron la tumba de Eva Perón, quemaron su cadáver y arrojaron sus cenizas al Río de La Plata? Este solo hecho sería suficiente para calificarlos en su tremenda hipocresía al invocar a Dios profanamente.

¿Cómo pueden invocar las glorias de la Patria, el coro de hipócritas que suprimió en ella la justicia social, la recolonizó y subordinó vergonzosamente su soberanía? Y, ¿cómo pueden mentar al Pueblo los sicarios que sus crímenes y desesperada por la opresión lo escarnecieron y que hoy reciben justamente el repudio total de la ciudadanía asqueada por que soporta?

Así también, con el mismo cinismo y la misma irresponsabilidad vemos a este "embajador" (que sabe más de la bomba que lo que dice), imputarme a mí la peregrina acusación de haberme colocado yo mismo el explosivo, como una moderna y pirotécnica forma de "Hara-Kiri".

Por elemental prudencia, por respeto al país que me alberga con una amabilidad que obligará mi eterna gratitud, he evitado hasta ahora de hacer declaraciones pero, la imprudencia manifiesta de este "embajador", que si siquiera conoce la más elemental ética diplomática, me obliga a contestar sus calumnias e inconsistentes declaraciones. Por ello, pido disculpas a todos los venezolanos.

Si el señor Toranzo se atreve a decirme algo personalmente, sabe dónde encontrarme.



FRAUDE en

EN LAS ELECCIONES PARA CONSTITUYENTES

La canalla dictatorial, contando con el apoyo de los partidos políticos que respaldaron sus crímenes y persecuciones, busca a través del fraude el escape político.

Una vez más con el apoyo, la tiranía trata de destruir la Constitución Nacional Justicialista, para así consumar la entrega del país y el sometimiento de los trabajadores a la explotación y a la miseria.

La oligarquía y las fuerzas pretorianas que la sostienen contra el Pueblo, intentan así demantelar la estructura Justicialista, crear un continuismo que la respalde y escapar a las consecuencias de sus desatinos, sus robos y sus crímenes.

Los partidos políticos que piden angustiosamente el apoyo de las fuerzas peronistas, son unos falsarios que, después de haber respaldado las masacres de obreros, los fusilamientos de ciudadanos, las persecuciones más crueles y los crímenes más inauditos, pretenden que el Pueblo los apoye en sus futuras ignominias.

Ellos saben que, cualquiera sea la circunstancia en que se desarrolle una elección en nuestros días, será a base del fraude más escandaloso y piden que los ciudadanos voten, porque la abstención de la masa los presentaría en la más vergonzosa orfandad, no les daría escape político y a corto o a largo plazo serían aniquilados irremisiblemente.

El
J
Por Ar

AÑO I

BAJO LA DCT

En
ditar
diar
abra
corri
cha
lante
situa
nes
ticias
Arg

Nuestro
sido
como
de
la
cierra
la
"re
as de
trario

El gobiern
régimen us
dencia ante

Eis um dos famosos documentos feitos em papel de seda tão discutidos e pela primeira vez divulgados. Documento indiscutível: o jornal que dispensa co-

canos, somente no Uruguai tem obtido êxito porque esse país é UM SATELITE DA TIRANIA. Nos demais, como era de esperar, não tem havido êxito porque a simulação e a burla de documentação são tão pueris que não se podia tomar a sério semelhantes trivialidades. Só a ignorância e a falta de inteligência dos homens da ditadura poderiam supor que semelhantes falsidades poderiam ter sucesso em países que possuem governos sérios e responsáveis.

A pergunta seguinte foi:

— Pretende voltar ao governo da Argentina, General?

— Perón respondeu com um largo e significativo sorriso:

— Isso não depende de mim, mas do povo argentino. O tempo dará a resposta.

A intenção do repórter era aproveitar ao máximo a boa-vontade de Perón, mas, a partir de então, várias pessoas começaram a interromper-nos, dando a entender que a entrevista estava terminada. Perón, no entanto, discordava dos amigos e acabou mandando que fechassem a porta para poder ficar mais a vontade. Nova pergunta foi formulada:

— Ouviu por acaso falar nos negócios de madeira em que o sr. João Goulart, vice-Presidente do Brasil, andou envolvido e que, por isso mesmo, foi objeto de um inquérito parlamentar no Brasil? É fato o que ali se diz sobre o vice-Presidente do Brasil? Que é Peronista?

Perón não gostou da pergunta. Alegou não ser de sua alçada fazer comentários sobre a política de um país amigo, coisa que já negara mesmo para amigos íntimos, mas, diante dos argumentos do repórter de que sua palavra seria importante no esclarecimento do caso, disse:

— Tenho do sr. João Goulart a melhor opinião, pois já o conheço há muitos anos, desde quando era Presidente dos argentinos. Ele me merece muita simpatia, porque é um homem progressista e amante de seu povo. Sua simpatia pelos trabalhadores e pelo povo humilde creio que é muito sincera. Mas o sr. João Goulart é brasileiro e em consciência acho que não pode ser peronista, porque o peronismo é um sentimento partidário pertencente aos argentinos, que compartilham comigo a responsabilidade de uma doutrina nacional que pouco tem a ver com o Brasil. O sr. Goulart foi «varguista» (as aspas são de Perón), tendência MUITO ANTERIOR ao peronismo. Eu fui amigo do ilustre presidente Vargas mas esse fato não quer dizer que eu seja «varguista».

Relativamente aos negócios de madeira, desconheço os detalhes do que foi ventilado nas câmaras do Brasil, mas, pelo pouco que sei, se trata de uma investigação sobre fatos anteriores à investidura do sr. João Goulart na vice-presidência do Brasil, e, por minha vez, pergunto: será que aos cidadãos do Brasil é vedado fazer negócios de qualquer natureza? Porque o sr. Goulart, como simples cidadão, não pode dedicar-se a qualquer negócio lícito em sua Pátria? Não sei se o sr. Goulart o faz, mas, desde que o Brasil vende madeira e os outros países o comprem, não

sei a razão porque não possa ele ter intervindo em negócios de tal natureza.

Para mim, todo esse assunto que só conheço superficialmente, foi apenas uma burla, uma calúnia levantada contra um homem público com o evidente propósito de prejudicá-lo politicamente. O que lhe posso assegurar é que o sr. Goulart é um perfeito cavalheiro, e, no tempo em que o conheci, me deu provas de ser um homem honrado, um honesto brasileiro por quem só tenho estima e admiração. Tudo quanto se possa dizer sobre esse homem são puras falsidades.

Um cafézinho foi servido e nova e contundente pergunta surpreendeu o ex-Presidente argentino:

— E sobre a famosa «Carta Brandi», da qual V. Excia. deve ter ouvido falar? Acredita que a mesma seja verdadeira?

Juan Perón coçou o queixo altivo e respondeu com segurança, sacudindo em seguida a cabeça negativamente:

— Sobre a famosa «Carta Brandi», não é a primeira vez que seus autores têm falsificado cartas da mesma natureza. É um caso de reincidência de falsificação. (posteriormente Perón disse ao repórter que carta idêntica foi feita antes da «Carta Brandi», da parte de um senador argentino e que os falsificadores foram os mesmos. Não quis, no entanto, citar Mallusi, Cordeiro e outros, porém, mais tarde, contaria toda a história a este jornalista).

NELY RIVAS, UMA INCÓGNITA

Disse o repórter a Perón que tinha conhecimento do que nos bastidores se passou com Nely Rivas, sua suposta amiguinha que publicou uma interessante história de que teria vivido com Perón. Nely Rivas teria recebido cerca de 20.000 dólares para permitir a publicação da reportagem, no final da qual propôs casamento ao ex-Presidente. Sabedores, ainda, de que a moça será a «estrêla» de um filme sobre sua própria vida, atacamos Perón por todos os lados, mas sem resultado, porque o homem apenas sorria e meneava a cabeça, como se desapontado com a pergunta indiscreta do jornalista que, por sua vez, silenciou. Era a primeira pergunta sem resposta.

Seguiu-se uma interrogação menos maliciosa, da qual logo obtive resposta:

— Tem inimigos no Brasil?

— Tenho muitos e bons amigos no Brasil e dos quais guardo boas recordações.

— Que pensa do rompimento das relações entre a Venezuela e a Argentina?

— É mais um exemplo de prepotência e ignorância da ditadura argentina — afirmou Perón, que concluiu, quase sem fazer pausa — Os

mentos e diz que são forjadas (ou detur-
sam de chefiar um movimento subversivo

ARGENTINA!..

Justicialista

Por Argentina Justa, Libre y Soberana

JULIO 1957

No. 1

DEL SIGNO DEL TEMOR A LA DITADURA PROTESTA

Editorial publicado en el
diario "La Nación", de fe-
brero de 1957, se comenta la
situación en las relaciones
entre Argentina y Venezuela.

insinuando el recuerdo de los crímenes de ju-
nio— ha estereotipado en el ridículo un tem-
blor de cobardía. El gobierno de las cár-
celes, de las proscripciones y de los fusila-
mientos siente amenazada su seguridad por la
presencia de UN HOMBRE en el continente!

Es menester hablar claro para entender-
nos en estos momentos de confusión y descon-
cierto. La realidad es esa. Se le teme a un
hombre. Y más que al hombre al espíritu.
Agigantado el mito por los profundos erro-
res de quienes utilizaron el trampolín de una
"revolución" fraudulenta, el "hombre" se ha
convertido en un fantasma inmune a la pro-
paganda montada para destruirlo.

Empeñada la dictadura en sepultar su
nombre en el olvido, sólo ha conseguido pro-
vocar el efecto contrario. Es que el gobierno

Quando em 1955, a ditadura militar usou
o poder do Estado, encontrou a economia
equilibrada e a dívida externa, com
um orçamento proporcionado a renda na-
cional (em 1955 a renda nacional era de 145.000
milhões de pesos e o orçamento nacional
de 15.000 milhões), com uma emissão total de
31.859 milhões (dato del Banco Central de la
dictadura), un alto poder adquisitivo popu-
lar, con una pujante industria y una produc-
ción agraria proporcionada, un perfecto orden
social, sin el menor asomo de inflación y un
comercio en plena expansión y reactivación.
Esto lo sabe cualquier argentino o extranjero
que haya estado en el país entre 1946 y 1955.
Entonces, el valor del peso argentino era:
cambio oficial de pesos 7,50 a 15 por dólar
(según la naturaleza del material importable)
y el cambio libre, término medio, de 24 pesos
por dólar.

El régimen actual argentino se ha caracte-
rizado por sus falsedades y, como ocurre a
menudo con los mentirosos, ha terminado por
convencerse de sus propias falsedades y, así,
un día exclamaron: "hay que equilibrar la
economía" y a renglón seguido comenzaron a
desequilibrarla todo. Devaluaron la moneda
por decreto; interdicieron a los comercios
de empresas privadas paralizándose y des-
montando la industria, mientras abrían in-
discriminadamente la importación; suprimie-
ron el control de precios y congelaron los sa-
larios de los trabajadores (en tanto ellos se
duplicaban los sueldos); bloquearon los redem-
tos bancarios, desviando los préstamos al
Estado; dilapidaron más de 20.000 mil-
lones de pesos de las reservas aureas en la
compra de aviones y armamentos innecesarios
e inútiles; emitieron por más de 12.000 mil-
lones de pesos durante el año de 1956; pro-
yectan para 1957 un presupuesto nominal de
25.000 millones de pesos (en realidad será
cuatro veces mayor); han comprometido em-

préstimos al exterior; han anarquizado al país
provocando graves conflictos sociales reducen-
do así la producción al cincuenta por ciento
de la normal; redujeron a la tercera parte el
poder adquisitivo del Pueblo, amenazando con
ello al comercio, la industria y la producción
que han entrado así en una peligrosa a-tonía,
próxima a la paralización; han desencadenado
una inflación catastrófica e indetenible y una
carestía que amenaza con el hambre y la mi-
seria a la población.

Como era de esperar, con estas peregrinas
medidas, el valor del signo monetario ha se-
guido la línea de viciaciones de la economía.
El nuevo Ministro de Hacienda confiesa hoy
que no es posible mantener el cambio oficial
de 18 pesos por dólar, fenómeno que se ha pro-
nunciado bruscamente cuando Aramburu y su
Ministro anunciaron la bancarrota para fines
de 1957.

La suma de desequilibrios provocada por
esta inconsciente medida les ha llevado progre-
sivamente a una situación caótica y sus con-
secuencias comienzan a hacerse sentir, mis-
tras los simuladores empiezan a darse cuenta
que, en la economía, nada se puede remediar
con la mentira. Estos embusteros, que han
abusado sin medida de la falsedad para va-
luntariamente a sus enemigos en lo político y en lo
social, se perratan ahora que no se puede crear
una realidad económica con simulaciones y, su-
despertar, ha sido verdaderamente trágico al
comprobar que la realidad es sólo la verdad.

En última síntesis, han olvidado allí lo
esencial para dedicarse a lo superficial. La más
elemental regla de gobierno aconseja: una eco-
nomía privada equilibrada y eficiente perma-
nentemente impulsada, ayudada y reactivada
por el Gobierno que debe vigilar también que
la economía popular no sufra; una economía
estatal proporcionada a la renta nacional con
presupuestos equilibrados y contenidos en los
gastos; un equilibrio social que ayude a am-
pliar racionalmente la producción, la transfor-

mación y la distribución y, una honestidad ad-
ministrativa que sea una garantía para la Na-
ción y los ciudadanos.

Hemos mencionado cómo han destruido a
la economía privada, cómo han desquiciado a
la economía estatal y cómo han anarquizado
el equilibrio social antes existente, deseamos
ahora decir pocas, pero elocuentes cosas, sobre
la desonestidad administrativa del actual ré-
gimen argentino. Dos ejemplos nos bastarán:
cuando se anunció la intervención e interdic-
ción de las firmas industriales, se lo hizo me-
diante un decreto que contenía las "listas ne-
gras" de las empresas que debían ser destrui-
das o tomadas por personas de la dictadura.
Entre ellas figuraba, por ejemplo, "A.C.I.N.
D.A.R.", establecimiento siderúrgico con un ca-
pital de más de 800 millones de pesos, cuyas
acciones, ante el anuncio de intervención, ba-
jaron a la mitad de su valor nominal. En ese
momento, gente allegada a los "popes gorilas"
compraron esas acciones. El día antes de ha-
cerse efectivo el decreto de intervención, salió
otra retirando algunas firmas de la lista (en-
tre ellas "A.C.I.N.D.A.R.") con lo que las ac-
ciones retornaron a su valor real y los "liberta-
dores" se ganaron la diferencia.

Con las fluctuaciones del peso ha ocurrido
algo semejante: para evitar su desvalorización
se ha recurrido a lo de siempre: la falsedad.
Han evitado la baja del signo monetario in-
yectando dólares libres en el "mercado ne-
gro" de cambios, que la Nación ha perdido
(se calculan unos 150 millones de dólares)
pero, paralelamente a esto, los mismos apro-
vechados "bolistas" que ahora operaban en
el mercado de cambios, hicieron su agosto por-
que, conociendo lo que había el "gobierno", a
través de un negociado de cambios, se queda-
ron con los dólares que la Nación perdió.

Como éstas, se podrían mencionar cientos,
que demuestran que esta gente ha resultado in-
saciable, por eso, un presupuesto de 15.000 mil-
lones (que el Gobierno Constitucional le pro-
ducía un apreciable superávit) le ha produci-

do a la dictadura un déficit de casi
15.000 millones y, para 1957, todo indica
que los incalculables gastos, al parecer, in-
cluirán los 30.000 millones de 1956, llegando
a 100.000 millones. Allí habrá para todos.

Frete a este pavoroso panorama,
hay ingenuos que se preguntan: ¿por
qué el peso argentino? Una política
no se mantiene con falsedades al
nihilismo ingenuo sino que es el reflejo
de la situación económico-financiera que se
trata de la tragedia del peso argentino ha
agravado de que la relación de radio
no es proporcional porque, para el
signo monetario bajo el cien por ciento
ha ocurrido en un año en la Argentina
la situación de la Nación y de su Pueblo,
que ser diez veces peor que la que
cuando el peso estaba al doble de su
valor real si tal desvalorización obedece,
en este caso, a factores absolutamente



Mayo de 1957.

mentários e cujos trechos de artigos transcrevemos Outro documento assinado por Juan Perón. As intenções do líder argentino ficam muito claras.

fatos se produziram de maneira insólita e repugnante para os espíritos
menos pré-dispostos. Trata-se de um Governo irresponsável e esbanja-
dor, capaz dos maiores absurdos contra a prudência, serenidade e sabe-
doria do Governo da Venezuela...

... Tudo começou quando o embaixador Toranzo Montero, muito bi-
zonho em assuntos diplomáticos, apresentou ao Governo venezuelano
uma série de cartas (muitas delas falsas) com as quais pretendia mi-
nha expulsão da Venezuela. Tais documentos eram tão inconsistentes que
a ridícula pretensão Argentina não encontrou o eco que esperava na
Chancelaria Venezuelana; então, diante do fracasso, o Embaixador Ar-
gentino resolveu ofender o probo Governo da Venezuela. Eis a realidade...

Faço aqui um parêntesis para caracterizar a imparcialidade da
«REVISTA DA SEMANA»:

O repórter que redige o presente trabalho apurou, com absoluta se-
gurança, que os jornais brasileiros que continham entrevistas de To-
ranzo, foram rasgados e queimados no aeroporto local, pelas autoridades
subalternas da Venezuela. É possível que as altas autoridades venezue-
lanas não tenham conhecimento do assunto, mas que o fato é lamentável,
não resta dúvida. Mas voltemos a Perón, que prosseguiu:

— As causas estão no comunicado que a Chancelaria Venezuelana
publicou na ocasião: primeiro: declarar persona non grata o embaixador
da ditadura argentina, sr. Toranzo Montero, (notar que as palavras es-
critas com maiúsculas ou minúsculas são a reprodução fiel do texto cor-
rigido por Perón que inclusive passou a limpo as anotações do repórter,
sem alterar, contudo, em nada suas declarações feitas na véspera) por
haver-se negado expressa e deliberadamente a comparecer às soleni-
dades da Semana da Pátria, atitude com a qual ofendeu a dignidade
nacional. Segundo: por haver tomado atitudes desrespeitosas para com
as autoridades venezuelanas e Terceiro: por existirem fundados indícios
de que, na sede da representação diplomática da Argentina, se haviam
articulado sucessivos atentados contra a vida de refugiados políticos,
que neste país (Venezuela) se valeram do direito de asilo político.

Ante esse ato tão justo e bem fundamentado por parte do Governo
da Venezuela, a ditadura argentina resolveu dar 24 horas à representa-
ção venezuelana em Buenos Aires, para que abandonasse o território
argentino, agregando, dessa maneira, o escárnio e a torpeza inaudita, do
que havia feito antes. E' que essa gente não tem respeito por nada.
Resolvem se fazer solidários a um esbanjador incapaz, sem tino, total-
mente irresponsável, arrojando sobre o país uma atitude somente digna
de um país da África Equatorial.

No que a ditadura argentina tem evitado de falar é na acusação do
terceiro ponto do comunicado da Chancelaria Venezuelana: os sucessivos
atentados que contra minha pessoa foram preparados na Embaixada Ar-
gentina da Venezuela. E' indubitável que se comprovou, de maneira

irrefutável, que a bomba colocada em meu automóvel e que destruiu
completamente o veículo, foi obra exclusiva do embaixador Toranzo
Montero, por intermédio do ajudante de seu Adido Militar, Capitão
Gimenez e outros. Também foi comprovado, anteriormente, que a Em-
baixada Argentina havia contratado um marginal no estado livre de
Tânger com a mesma finalidade. De tudo isto a ditadura não fala, nada
tem declarado a respeito dessa acusação que está implícita no comuni-
cado do Governo da Venezuela. Poderia — pergunto eu — um governo
responsável tomar outra atitude, ante tais assassinos que, em seu terri-
tório, planejam semelhantes crimes?

É indiscutível que, na atual como em qualquer circunstância, o Go-
verno Venezuelano agiu com seriedade e prudência. A contestação do
Governo Argentino não poderia ser mais lamentável e irresponsável. Na
Venezuela existe verdadeira garantia. É um país cujo Governo, respon-
sável e realizador em alto grau, se encontra ocupado na grandeza da
Pátria de Simón Bolívar e, em consequência, não pode permitir que
irresponsáveis venham perturbar a ordem e a tranquilidade indispen-
sáveis ao trabalho fecundo em que se encontra empenhado o Povo Ve-
nezuelano e seu excelente Governo.

Nessa altura da entrevista, Perón já havia tomado vários cafézinhos
e o mesmo fizera o repórter. Havia cansaço de ambas as partes e, além
disso, o major Pablo Vicente propôs que a reportagem prosseguisse no
dia imediato, às 8,30 horas, no mesmo local. Tudo combinado, o repre-
sentante da Revista retirou-se, deixando antes o questionário e as ano-
tações para que fossem feitas possíveis correções. Além do mais, Perón
prometeu ao repórter trabalhar à tarde e à noite para que, no dia se-
guinte, nosso trabalho ficasse concluído. Restava ao jornalista a tristeza
de ver, no dia imediato tudo completamente modificado, como é de há-
bito quando se entrevista uma figura internacional. Era engano, porém,
conforme os leitores poderão atestar pela continuação da entrevista.

O DUQUE DE EDINBURGO NUM EN-
CONTRO SECRETO COM ARAMBURU

◆ Eis uma das muitas declarações que publicaremos na segunda
e última reportagem de Vinícius Lima, na próxima semana, quando
prossequiremos igualmente na divulgação de documentos secretos e
das acusações feitas por Perón até a jornalistas brasileiros.

TRAÇOS GERAIS

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»
(Continuação do número anterior)

«A observação registra que a perda de sangue em quantidade excessiva e, às vezes, até de uma pequena porção, traz como consequência o sono, o delíquio, a síncope, ou vertigem e, mesmo, a morte, que é um sono do qual não se desperta.

«Ainda outras manobras provocam o sono: a inalação dos anestésicos, os passes magnéticos, a sugestão, o repouso e até o movimento, quando cadenciado, um canto monótono e a só ausência de luz, tudo isso, tôdas essas manobras são apenas condições para o sono; são, quando muito, causas pre-disponentes.

«A causa do sono, a única real, verdadeira, aquela que o determina e impõe, é a necessidade da suspensão da atividade psíquica, a supressão das funções de relação; a paralisação temporária da vida animal.

«O sono é para a vida animal o que a fome e a sede são para a vida orgânica: pela fome e a sede, o corpo reclama alimentos; pelo sono, a alma pede alento.»

«Os sonhos e as alucinações são fenômenos puramente psíquicos, não podem ser explicados fisiologicamente; por isso as teorias que a ciência materialista criou para os explicar são falsas e até irrísórias.

«Por elas os sonhos são produzidos por perturbações do aparelho digestivo! São o produto de uma atividade inconsciente!

«São o fruto da superexcitação de certos grupos de células cerebrais, quando outros centros estão em repouso, daí a sua incoerência!

«Não se lembram os criadores de tais teorias esdrúxulas de que há, registrados, sonhos autênticos que foram verdadeiras profecias.

«Passa-se no sonho o mesmo fato que se dá no sonambulismo lúcido: a alma do magnetizado vê e ouve aquilo que se dá a centenas de léguas: lê no passado e no futuro. Fatos, que o corroborem não faltam: encontram-se nos livros religiosos e nos profanos, nos romances e nas páginas da História.

«As alucinações estão no mesmo caso, não podem ser explicadas fisiologicamente, porque nem são fenômenos psíquicos, mas fatos espirituais.

«A pretensão da ciência materialista a explicá-las é simplesmente ridícula.

«Não se pode aceitar, seriamente, como perversão dos sentidos, alucinação, a audição de palavras, frases e dissertações em língua que o ouvinte não conhece e que ele repete com dificuldade, ou ainda a audição de uma peça de música.

«Assim também a descrição exata da figura de um indivíduo que o vidente nunca vira antes, falecido ou ausente, descrição minuciosa do seu porte, feições, atitude e gestos habituais, o que revela a realidade e prova a identidade da pessoa, embora só a ele visível.

«São numerosos os fatos desta natureza, registrados na literatura médica, na dramática e em outras.

«Portanto, as teorias inventadas pelos materialistas para explicar o como e o porquê dos sonhos e alucinações, são falsas, não passam de meras hipóteses, sem fundamento, sem as condições das científicas.

«Fenômenos puramente psíquicos e fatos espirituais, como certas alucinações, verdadeiros casos de mediunidade, não obedecem às leis orgânicas.

«As nevroses e, entre elas, principalmente, o sonambulismo, a catalepsia e a loucura, não têm explicação satisfatória e racional, fora das teorias, princípios e leis provenientes do estudo dos fenômenos espirituais.

(Continua no próximo número)

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

A MORTE DO EX-FUZILEIRO

(Continuação da pág. 58)

Sim, ela lera a respeito do assassinato de Bob. Mas não o via desde que partira para a guerra. Não a procurara mais, insistia; na verdade, ela nem sabia que ele voltara a Massachusetts. Sim, tinham trocado cartas por algum tempo, correspondência que terminara logo depois de Bob ter seguido para o Pacífico. Por que não se apresentara para declarações mal soube do crime do homem tatuado? Bem, não quisera reviver o passado. Estava noiva e ia casar-se em breve. E o noivo, achava ela, podia ficar com ciúmes — tudo indicava que sim — apesar do romance entre ela e Bob ter sido dos mais inocentes.

Bem, agora Duggan tinha duas «Kittys». Uma com um noivo ciumento; a outra, desaparecida. Que conclusão tirar?

E NQUANTO isso, a polícia de Lynn, de Haverhill e de Boston andara ocupada com outras pistas magras. Os areais, perto do local em que acharam o corpo, conservavam marcas de pés, bastantes para mostrar que Williams e mais dois homens tinham caminhado da estrada até aquele ponto. Uma das marcas de pé — não a de Williams — era bem visível. E, ao lado da estrada, perto do ponto em que começavam as três linhas de pegadas, e onde terminavam duas delas, de volta, via-se a marca de pneus. Verificaram os detectives que eram de pneus fabricados exclusivamente para táxis, todos os táxis de Boston os usavam. Bob Williams fôra, de táxi, ao encontro da morte.

Sòmente após uma semana é que encontraram a arma do crime — no leito de um riacho, sob uma ponte que, certamente, os assassinos tinham atravessado ao voltarem do areal. Era o revólver que disparara a bala fatal, e o mesmo que ferira, gravemente, um certo Antônio Gardella durante um jogo de dados, num acampamento perto de Haverhill, dias antes do assassinato do ex-fuzileiro!

A S duas Kittys, afinal, forneceram a informação precisa. Kathryn Miles, a cantora de cabaré, apresentou-se para declarar que nada havia de misterioso acêrca de seu desaparecimento de Lynn, pois simplesmente, arranjava melhor emprêgo em Boston. Tivera relações com Williams uns dias antes d'ele ter sido morto. Mas scubera bastante a seu respeito e vira que gostava de jogar. Catherine Bauer se recordava, também, dêsse detalhe. Antes da guerra, seu companheiro de infância gostava de jogar dados.

Foram precisos meses de paciência para reunir as pequenas provas até resultar numa prisão. Os jogadores de dados identificaram Williams como um dos dêles, mas nenhum conhecia os dois que tinham jogado com Gardella no dia em que êste saíra ferido.

Por fim, a polícia prendeu Philip Bellino, conhecido assaltante, que já cumprira duas penas por ofensas menores. Após dias de interrogatório, confessou ter roubado no jogo de dados, mas não fôra quem ferira Gardella. Isso fôra obra de seu companheiro, Edward Gerston. Gardella reconheceu os dois homens.

Um chofer de táxi forneceu o elo final entre os dois crimes. Apresentando-se, disse que levava Gerston e Bellino, com um homem a quem não conhecia, até os areais do Rio Saugus, na noite em que Williams fôra assassinado. Não dissera nada com mêdo de Gerston, homem perigoso, como todos sabiam.

Estava completo, então, o caso, para a promotoria: depois de «levantarem» o jogo de dados, os dois homens ficaram com mêdo de Williams os reconhecer e denunciar. E mataram-no para silenciá-lo.

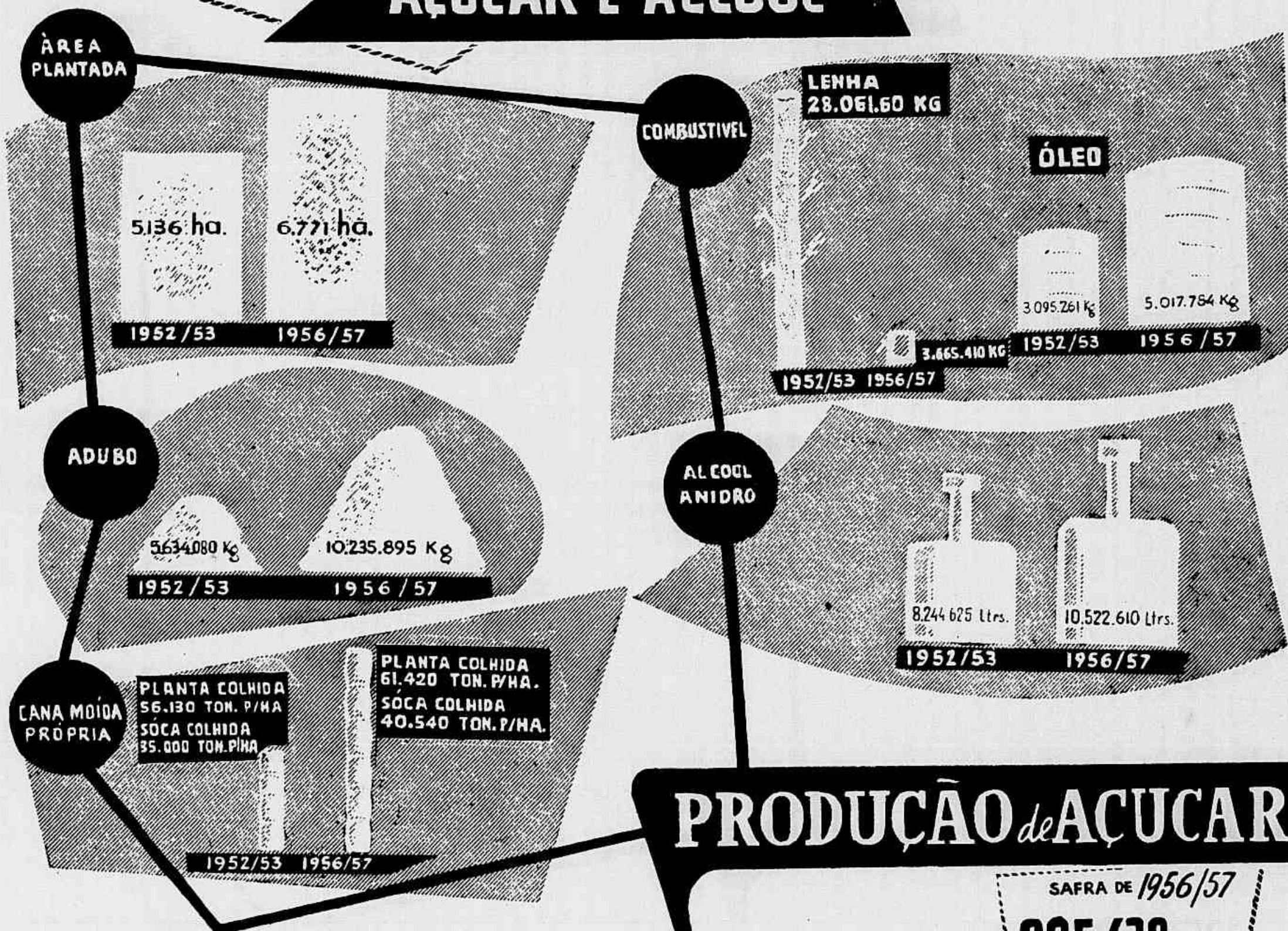
Foi sòmente em 17 de janeiro de 1946 que Gerston e Bellino foram processados por crime de morte. Julgados e declarados culpados primeiro grau, tiveram sentença de morte. No seguinte 17 de agosto foram executados.

As duas Kattys — «Miles» e «Bauer» são nomes fictícios, já que as duas jovens foram inocentemente envolvidas no caso — seguiram os respectivos caminhos e nunca mais se ouviu falar delas.

a USINA CATENDE

Bate novo record nacional!

AÇUCAR E ALCOOL



PRODUÇÃO de AÇUCAR

A USINA CATENDE MELHORA AS MÁQUINAS
RECUPERA AS TERRAS, RESTAURA AS MATAS,
AJUDA O HOMEM.

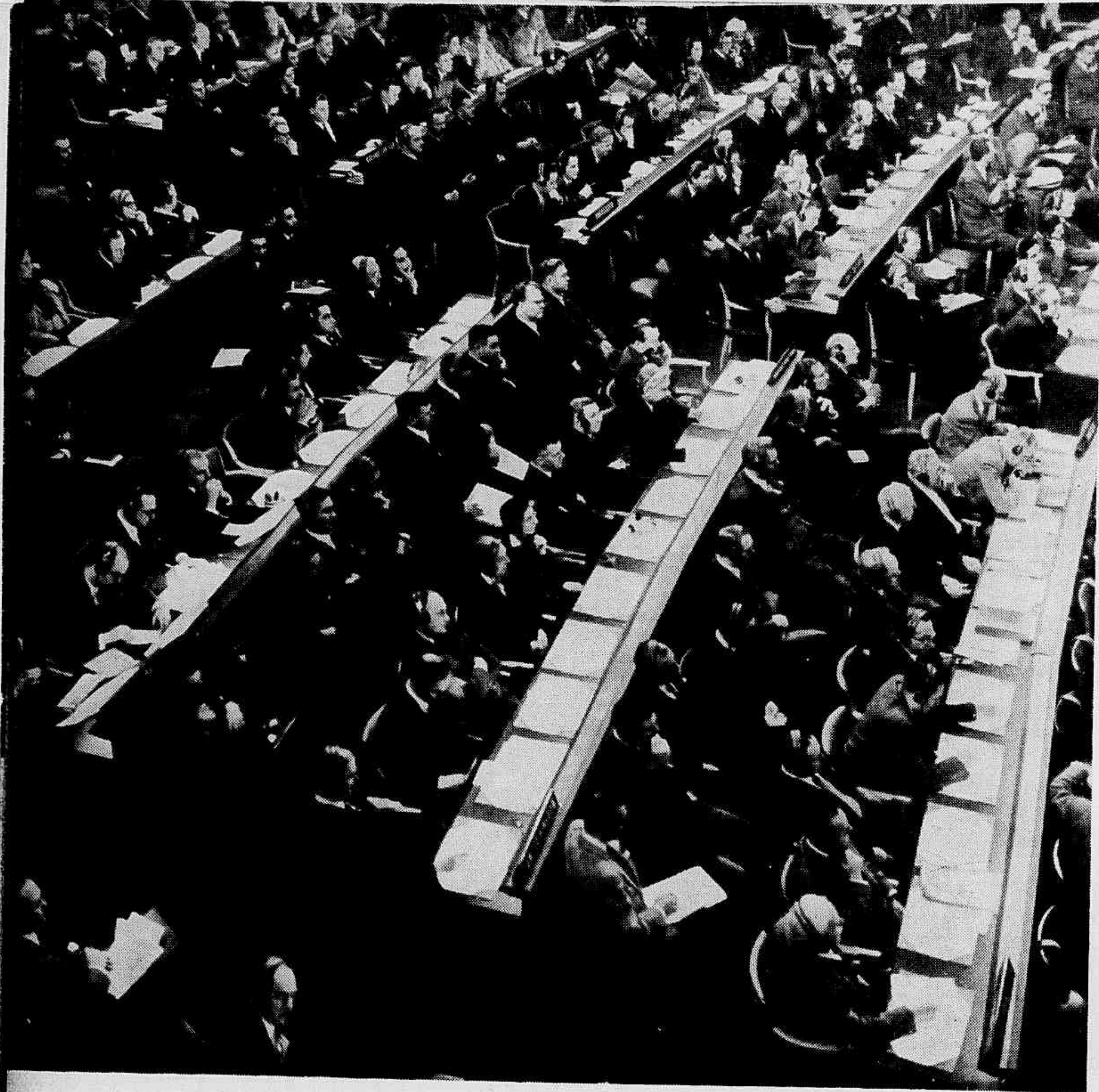
INDICES DE UMA ADMINISTRAÇÃO:

- a) maior produção de canas próprias
- b) maior produção de açúcar
- c) maior produção de álcool
- d) maior produtividade agrícola
- e) menor consumo de combustível, por unidade



DESENVOLVIMENTO DA OBRA DE COSTA AZEVEDO

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



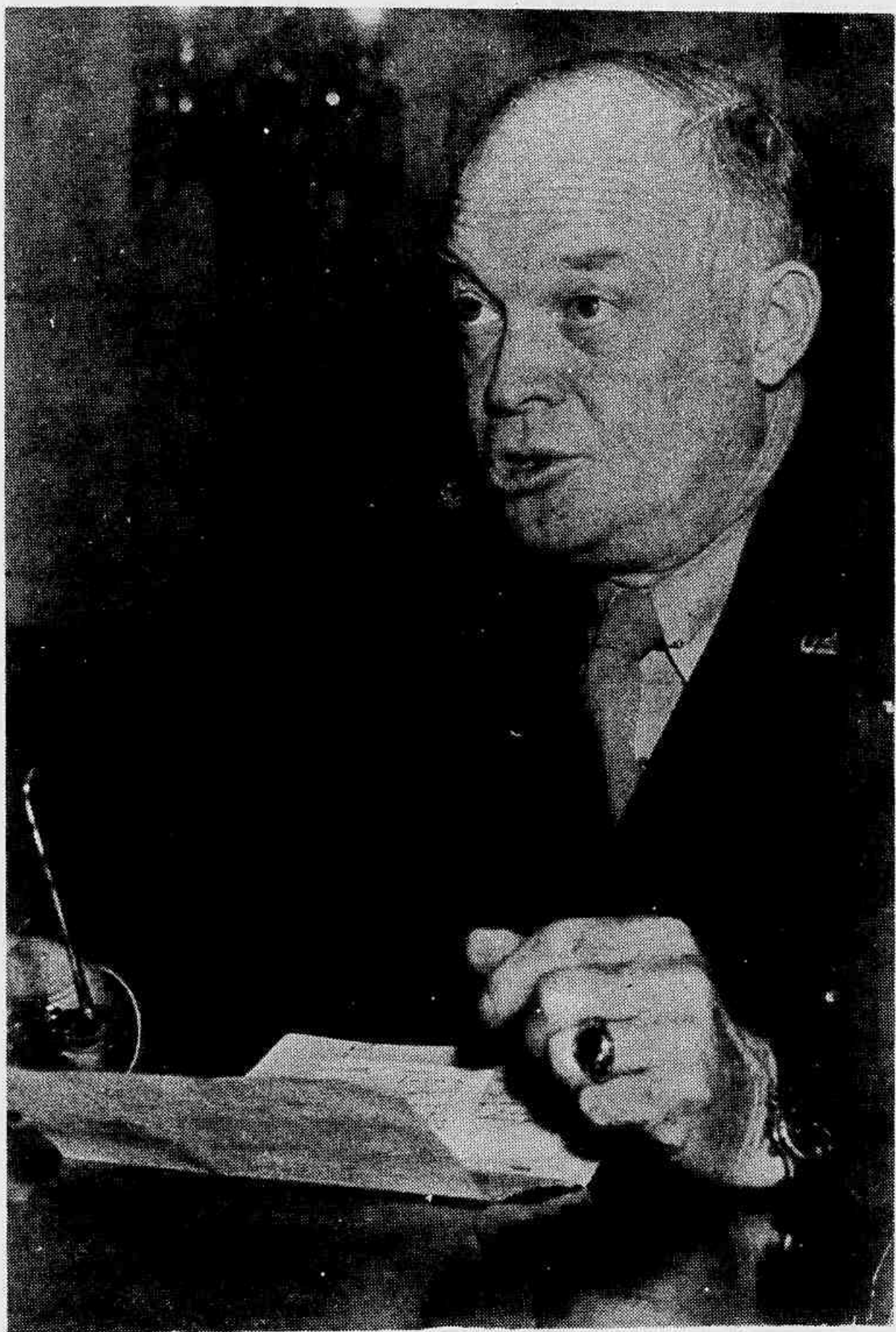
HUNGRIA VOLTA AOS DEBATES

◇ No próximo período de sessões da Assembléia Geral das Nações Unidas, a iniciar-se a 17 de setembro, a Rússia soviética deverá ser denunciada por sua intervenção na Hungria. Os Estados Unidos desenvolvem esforços neste sentido, já tendo apresentado um projeto de resolução a mais de 60 delegações, pedindo que se mantenha a Comissão Especial sobre a Hungria. O projeto de resolução é baseado nas conclusões do relatório da Comissão Especial sobre a Hungria (Uruguai, Ceilão, Austrália, Dinamarca e Tunísia) onde se afirma que «o regime atual foi imposto ao povo húngaro pela intervenção soviética» e que «a União Soviética, violando a carta das Nações Unidas, privou a Hungria de sua liberdade e independência política». O ponto VIII do projeto pede a eleição de um membro que, representando a ONU, dê «os passos necessários, levando em conta as conclusões da Comissão Especial, para alcançar os objetivos das Nações Unidas, consultando a Comissão Especial, informando e fazendo as recomendações que julgue necessárias à Assembléia Geral». Este membro poderá ser o ex-presidente do México, General Lazaro Cardenas, o presidente da Tunísia, Habib Bourguiba, ou o Ministro de Defesa da Índia, V. K. Krishna Menon, ou ainda o príncipe Wan Waithayakon, da Tailândia, último presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas que goza das simpatias dos Estados Unidos.

SEPULTADO O MACARTISMO

◇ Com uma diferença de mais de 116.000 votos, o democrata de tendências liberais, William Proxmire, derrotou ao republicano «eisenhowerista» Walter Kohler, na eleição para substituir o falecido senador republicano Joseph McCarthy, eleito pelo Estado de Wisconsin que granjeou fama combatendo o comunismo. Proxmire obteve 435.467 votos enquanto Kohler 318.894, deixando muito para trás o «republicano macartista» Howard Boyle. Embora o «macartismo» não tenha sido o tema favorito da campanha eleitoral, todos os candidatos a ele se referiram. O sintomático do fato reside no seguinte: 1) desde 1932, os democratas não elegiam um senador pelo Estado de Wisconsin; 2) o candidato vencedor, William Proxmire, já fôra derrotado, duas vezes, por Walter Kohler, em eleições para chefe do Governo estadual. Comentário de Eisenhower: «foi uma grande decepção para nós». Disseram os democratas: «trata-se de um repúdio esmagador à política do Presidente Eisenhower». Com este resultado os democratas passaram a ter 50 senadores e os republicanos 46.





«DOCTRINA EISENHOWER» PARA A SÍRIA

◇ Como consequência do relatório do enviado especial dos Estados Unidos ao Oriente-Médio, Loy Henderson, onde se afirma que a situação síria «representa uma ameaça para o Mundo Livre», o Departamento de Estado informou que o Presidente Eisenhower e o Secretário de Estado, Foster Dulles, conferenciarão sobre a penetração comunista na Síria. Em seu comunicado, o Departamento de Estado insinuou, ou deixou entrever, que os dois estadistas discutirão a conveniência de aplicar a «Doutrina Eisenhower» na Síria. A «Doutrina Eisenhower» permite o envio de tropas dos Estados Unidos para qualquer parte do Mundo, desde que seja solicitado pelo país em questão. Depois do problema jordano, dominado pela diplomacia norte-americana e para onde estão sendo enviadas grandes quantidades de armas com o objetivo de permitir o Governo de Amã se defender de uma possível agressão síria, os Estados Unidos se defrontam, agora, com o problema sírio que vai ganhando proporções no tabuleiro de xadrez da intricada política do Oriente-Médio. A questão síria foi provocada com a nomeação do coronel Affif Birza, de tendências comunistas, para Chefe do Estado-Maior do Exército sírio.

REVOLTA EM CUBA

◇ Enquanto o Presidente Batista passava em revista uma guarnição naval em Havana, acompanhado de todo o seu Estado-Maior, 250 homens componentes da guarnição naval de Cienfuegos, sede do Comando Sul da Marinha cubana, se rebelaram e apesar do bombardeio e dos ataques das tropas do exército, resistiram durante várias horas às forças leais, depois de se apossarem dos quartéis militares da cidade. O Governo Batista informou, horas depois, que os rebeldes tinham sido rechaçados em seus ataques pelo pessoal naval, sob o comando do Capitão de Fragata Roberto Comesanas. A população do local uniu-se aos marinheiros de Cienfuegos, mas não se sabe ainda se o movimento está ligado às atividades de Fidel Castro, o líder cubano que das selvas de Sierra Maestra desencadeou o rastilho de pólvora que ameaça, de uma vez por todas, derrocar o regime do ditador Fulgêncio Batista.



«EM TÓRNO DE MUSSOLINI O CORAÇÃO DA ITÁLIA»

◇ A manchete é do jornal neo-fascista de Roma «Il Popolo Italiano», comentando a cerimônia de entêrrio de Mussolini no cemitério de San Cassiano, em Predappio, onde nascera. Cerca de 7 mil fascistas, 100 dos quais envergando as tradicionais «camisas negras», renderam homenagem ao «Duce» morto pelos «partigiani» quando tentava escapar para a Suíça. Os restos de Mussolini — que já tinham sido roubados de sua tumba há 11 anos e depois recuperados pelo Governo — foram entregues à viúva do extinto ditador, Rachele Mussolini, numa cerimônia secreta perto de Milão. Houve choques entre os neo-fascistas e fotógrafos durante as cerimônias fúnebres.

Em tempo: O Instituto de Patologia da Califórnia, dos Estados Unidos, examinou os fragmentos do cérebro de Mussolini, concluindo que o «Duce» não sofria de nenhuma lesão cerebral que pudesse alterar suas faculdades mentais.



"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Loção
XAMBÚ

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

PREÇO: CR\$ 10,00

ALTOS E BAIXOS

PEDRO LÔBO



● TIRA-GÔSTO: ELEFANTE

Existe no Brasil um tipo de morcegos hematófagos que, durante séculos, só se alimentam de sangue de boi. Quem já morou na roça conhece a praga que esses bichinhos representam para os rebanhos. Pois bem, de uns meses para cá, a nova geração (transviada) desses hematófagos resolveu quebrar a tradição alimentar da família passando a sugar, senhores, sangue de elefante! Descobriram dois elefantes no Brasil (no Jardim Zoológico) e toda noite vão a eles. O medo do diretor do Zoo é que os morcegos da velha geração sejam também tentados a provar do «tira-gôsto raríssimo».

RIR DA GÔGO

● O humorista Millor Fernandes que, como Vão Gôgo, faz atualmente, a sério, uma exposição de desenhos engraçados no Museu de Arte Moderna do Rio, é um homem dividido entre o teatro e a vida, a praia e a piada, entre o humorismo vão e a gôga seriedade burguesa... De tanto falarem estes dias em seu nome, lembramo-nos de um episódio, passado com ele num centro cultural de Niterói, que bem reflete o seu drama de homem sério que faz graça. Convidaram-no para fazer, naquele centro fluminense, uma conferência a sério sobre humorismo. Millor achou graça mas topou. Releu obras, pensou, anotou e escreveu um longo ensaio, grave e erudito, sobre a arte de fazer rir. Na noite da conferência, mal pôs o pé na sala de conferência, o pessoal desandou a rir. Millor ficou desconcertado,

riu azêdo, pigarreou e disse, iniciando a palestra: «O humorismo...» Nova onda de gargalhadas, que Millor esperou passar, para repetir, mais sério ainda: «O humorismo...» O auditório estrebuchou de rir outra vez. E Millor, já gago, em vão tentou prosseguir, terminando por se entregar à piada, isto é, ao Gôgo. Foi uma triste experiência — confessou ele aos amigos, que riram a valer.

Ouçam esta (é a apresentação que faz de sua revista «Myrtos», o sr. Christovam de Camargo): «Rogo encarecidamente com o maior respeito, com todo acatamento, quase com ternura aos parentes, amigos, correligionários, admiradores, simples conhecidos e escritores em geral, a fineza de não enviarem espontaneamente suas lucubrações, coisas para serem aqui publicadas. Isso evitará

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

constrangimentos, ressentimentos, dissabores. Jornal desta categoria não pode ficar aberto aos quatro ventos do espírito, ou da falta de espírito (sic). Sômente mandem artigos aquêles senhores e senhoras formalmente solicitados para isso. E só serão solicitados para isso alguns senhores (e senhoras), poucos, realmente inteligentes e cultos e que tenham alguma coisa que dizer. Quando houver dificuldade em obter colaborações — nem todos sabem agarrar pelos cabelos as grandes oportunidades

da sua vida — encherei o número com escritos meus — só por isso, não por cabotismo — pois, segundo os meus piores amigos e os meus melhores inimigos, sou inteligente, culto e tenho muita história que contar. Fico meio encalistrado com esta declaração aparentemente imodesta, mas, afinal de contas, não tenho nada com isso, que já pertence ao domínio público». Assim fala o homem, e se o leitor me pergunta quem é ele sou obrigado a confessar que se trata de um «famoso desconhecido».

BICHO IRRESISTIVEL

● A escritora Dinah Silveira de Queiroz, que escreve semanalmente em jornais e revistas cartas de conselhos à nova geração (ela acha que as jovens desrespeitam as mães por inveja: os cosméticos permitem hoje que a mãe seja tão jovem quanto a filha) e colabora uma dezena de anos no venerando «Jornal do Comércio», teve uma de suas crônicas rejeitadas pela direção da folha que a considerou «inconveniente». Na referida crônica, a sra. Dinah S. de Queiroz contava os detalhes de uma reunião de «coroas» da qual participaram alguns representantes da juventude transviada. A cronista concluía observando que «o homem é cruel» na sua fome de conquista, que embora nascendo sem nada saber dessas coisas «aprende sozinho» a ser irresistível, etc. etc.

QUESTÃO DE LÍNGUA

● A 9ª Circunscrição do Registro Civil foi abalada outro dia pelo casamento de uma jovem, de origem espanhola, cujo sobrenome era impronunciável em público. O «Diário Oficial», pundonoroso, tendo que noticiar o fato, fê-lo truncando o sobrenome obscuro. Mas o pior cabia a D. Ilda, escrevente do cartório, a quem cabia fazer a chamada dos nubentes para o ato, no salão da Pretoria, cheio de convidados e pares casadoiros. A resistência de D. Ilda em pronunciar, alto e bom som, o palavrão, levou as pessoas amigas da noiva a sugerir-lhe que se casasse em casa, pois dentro de sua casa cada um fala o que quer. A noiva, Dolores Garcia (.....), disse que não, queria casar na Pretoria e ia casar lá mesmo. Explicou que em espanhol o seu sobrenome queria dizer «caixinha de rapé» e que a maldade estava na alma dos que viam nisso obscenidade. Ademais, como poderia casar sem o sobrenome paterno?



MANSA BARRA MANSA

Ao contrário de Caxias, no Estado do Rio, que se distingue por seu espírito bélico-dramático, o município de Barra Mansa, como o nome mesmo indica, vai dia a dia se destacando por sua mansidão e seu lirismo. Faz algumas semanas, o presidente da Câmara municipal dali fêz votar uma resolução criando, no município, o Dia Oficial da Poesia: 22 de setembro, data inaugural da Primavera. E para que não se duvide da autenticidade poética de Barra Mansa, damos aqui um flagrante da mesa que presidiu à homenagem, naquela cidade, ao ministro da Agricultura: a mesa era tãda ela coberta por uma delicada toalha de renda que só encontrou páreo no discurso, florido de imagens primaveris, com que foi saudado o ministro.

Funcionário municipal

O INFORTÚNIO NÃO ESCOLHE

- idade
- sexo ou
- condição social

FAÇA UM SEGURO PECÚLIO FACULTATIVO

no

Montepio dos Empregados Municipais

Av. Presidente Vargas, 1248

ÓLEO DE CEDRO



INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS

RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES

Mil



Mil

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LAMPADAS PARABOLICAS
RUA MÉXICO 98A - FONES 521066 800 11
ATENÇÃO: ENTENDENDO POR REFINO AGRADO
A MILIONÁRIA DO CASTELO

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRÔNICA

VOTO DE ANALFABETO E OUTROS DISPARATES

◆ DE TEMPOS para cá, os dirigentes do Brasil teimam em apresentar projetos de lei altamente danosos à cultura nacional. Como se não avaliassem os males que podem advir — e certamente advirão — de semelhante política, insistem em defender pontos insustentáveis, mais como demagogos que como governantes democráticos. Ainda agora, circula no Congresso uma lei, que, se aprovada, permitirá ao analfabeto o direito de voto. Já imaginaram os leitores com que tirocinio não irão votar esses leitores analfabetos? E — como quem vota pode ser votado —, já imaginaram que «sábias medidas» não há de tomar um legislador analfabeto, se os tantos apenas alfabetizados que temos nas duas Casas do Legislativo já perpetraram tantas tolices?... Só falta, para atingir ao cúmulo do descabimento, que alguém se lembre de fazer votar uma lei, proibindo o voto aos analfabetos. Porque, afinal de contas, é bem mais cômodo governar analfabetos do que alfabetizados, mais maleáveis aqueles do que esses, mais dóceis, mais ingênuos. Então, seria o caso de se proibir, definitivamente, o direito de voto a toda pessoa que soubesse ler e escrever corretamente; os eleitores seriam, todos, analfabetos; e os candidatos à vereança, à deputação, à senatoria e aos altos cargos eletivos, de Presidente e Vice-Presidente da República, necessitariam somente de alguns rudimentos de gramática e língua, a saber: os vereadores, somente do A. B. C.; os deputados e senadores, apenas da leitura (sem gagueiras excessivas) do Hino Nacional, por exemplo; o Presidente e o Vice-Presidente, concluindo, somente das regras mais essenciais da gramática. Haveria, é claro, dificuldades quanto à redação do «Diário do Congresso», «da Justiça»

e «Oficial», mas tais dificuldades seriam sanadas com a contratação, nos Estados Unidos, de peritos em português — que lá os deve haver às dúzias, ora se. O cargo de Ministro da Educação seria abolido, ou — o que dá no mesmo — ficaria eternamente às mãos do senhor Clóvis Salgado, se não achassem melhor entregá-lo aos cuidados, sem dúvida zelosíssimos, de algum índio do Brasil. Na Reitoria da Universidade do Brasil — onde se passaria a ensinar as letras dos últimos sambas, a maneira mais fácil de se jogar futebol, etc. —, continuaria, salvo ordem em contrário, o senhor Pedro Calmon; Oswaldo Teixeira seria nomeado Ministro das Artes Plásticas, Joanídia Sodré, da Música Nacional; todo autor de livro considerado bom, por um grupo de conselheiros especialmente, exclusivamente alfabetizados para tal fim, seria banido do Brasil, e seus livros queimados em praça pública, em meio a fogos e bandas marciais. Punir-se-ia severamente qualquer tentativa de alfabetização não permitida, anteriormente, pelo Estado: todos os livros seriam colocados na quinta categoria — a dos dólares para «Cadillac», os quais passariam para a primeira. Os editores seriam condenados à morte, com José Olympio, Carlos Ribeiro e Enio Silveira à frente; Manuel Bandeira e uns poucos outros escritores seriam expulsos da Academia de Letras, que seria uma instituição exclusivamente para médicos, jornalistas e ministros de Estado. Procurar-se-ia, enfim, por todos os meios, extirpar dessa infeliz terra o câncer da Cultura, passatempo de ociosos altamente perigoso, capaz de dotar, a quem o pratique, de um instrumento de avaliação metuculoso de um bom, ou mau governo.

POESIA

POEMA

*Um rio de claridades
vem batizar de tremor
teu corpo de sombra pura
lavrada por muito amor.*

*Há um pânico de rosas
na bravura do horizonte.
Assombro de aves que irrompem
do seio crespo das fontes.*

*Mas em nós vai sendo adeus
esse rumor de água clara,
pois somos canto noturno
que a forte luz desampara.*

Marly de Oliveira

REVISTA DA SEMANA — 28

AS PESSOAS

NA EUROPA o colunista Valdemar Cavalcanti, de «O Jornal». Visitará diversos países do Continente, antes de regressar. *** O PADRE Sales Brasil está causando furor, com seu livro «Comunismo para Crianças», em que ataca ferozmente as obras infantis de Monteiro Lobato, taxando-as de perigosos veículos de propaganda subversiva. Ainda não lemos o livro de Sales Brasil, mas já lemos «Reinações de Narizinho», «O Poço do Visconde» e tantas obras-primas, e afirmamos: Sales Brasil está imaginando coisas. *** O POETA Foed Castro Chamma continua entusiasmado com a Alquimia e a Magia. Sua poesia — reparem bem — repousa sobre essas duas bases. É talvez um caso único entre nós. *** JOSÉ OLYMPIO partiu também para a Europa — em gozo de férias. *** ADELINO MAGALHÃES, um dos precursores do Modernismo Brasileiro, completou 70 anos. *** HÉLIO POLVORA, escritor baiano, editará brevemente seu livro de estreia: «Os Galos da Aurora». São contos dotados de princípio, meio e fim, pelo que nos afirma o poeta (e agora colunista literário, em «O Mundo») Tel-

mo Padilha. *** POR FALAR em Telmo Padilha: cadê a «Antologia de Poetas Baianos» que esse moço está organizando para a Progresso de Salvador? *** OUTRA ANTOLOGIA encailhada: a de Gasparino Damata, sobre a Lapa. *** MÁRIO FAUSTINO deve publicar (nos «Cadernos de Cultura», por exemplo) a excelente análise que fez, no «Jornal do Brasil», sobre a poesia de Jorge de Lima. *** ENEIDA REVIU as últimas provas de seu novo livro de crônicas, «Aruanda», a sair breve pela José Olympio. Enquanto o livro não vem a lume, ela continua firme trabalhando na «História do Carnaval Carioca». *** LÚCIO CARDOSO, um de nossos bons romancistas, é também um dos mais preguiçosos. Agora, então, que o jornalismo o solicita 24 horas por dia, o tempinho dantes dedicado à Literatura evaporou-se. Ou reservá-lo-á o autor de «O Desconhecido», alguma surpresa para breve? *** UMA MELINDROSA, indagada por um colunista social sobre quem levaria como companheiro, em uma viagem à Lua, indicou o romancista Armino Pereira. Deve ser isso a glória literária...



Quadro de Chapman sorteado
no Círculo de Amigos da Arte

PESSOAS, COISAS E FATOS

ADIADO PARA janeiro de 1958 o «Salão do Mar», que deveria inaugurar-se dentro de poucos dias, no Ministério da Viação. *** «SETE FLÔRES», chama-se o álbum luxuosamente editado, há dias, pela Galeria Exclusividades (rua Xavier da Silveira), para comemorar o 60º aniversário de Di Cavalcanti. O álbum — cuja tiragem foi de 120 exemplares apenas — contém a reprodução, em «silk-screen», de várias obras de Di, e mais um poema-prefácio de Carlos Drummond de Andrade. *** MILLOR FERNANDES está expondo, no Museu de Arte Moderna, um grupo de desenhos humorísticos. Esse artista, autodidata, atingiu a um raro nível de categoria estética. *** DESENROLA-SE em Nápoles e na Sicília o VIII Congresso Internacional de Críticos de Arte, com a participação do Brasil. *** INAUGURA-SE DENTRO de poucos dias, a IV Bienal de Arte de São Paulo. Ponto alto da grande e famosa exposição: as salas Chagall, Ben Nicholson, Pollock e Morandi, retrospectivas. *** VINCENT IBBERSON apresentou-se na Cultura Inglesa, com trinta obras não-figurativas. *** CARLOS MAGANO e esposa, Tana, se apresentaram no Ministério da Educação, com pinturas e gravuras. *** SALÃO ACADÊMICO aberto, desde o dia 15. *** EM PORTUGAL acaba de aparecer estudo de Adriano de Gusmão sobre Nuno Gonçalves. *** GEORGES MARLIER, crítico belga, pesquisa atualmente dados sobre o pintor flamengo (do século XVI) Pieter Coecke van Alost. *** OS CAROLLO apresentam-se na «Maison de France», com aspectos de Paris. *** BENJAMIN SILVA ilustrou os contos de José Louzeiro, «Depois da Luta». *** ANO VINDOURO, por iniciativa do PEN CLUBE e de seu diretor, Celso Kelly, catedrático de História da Arte da Faculdade Nacional de Filosofia, será levado a efeito no Rio de Janeiro, o Primeiro Simpósio de História da Arte, com a possível presença de nomes ilustres da Crítica e da História da Arte. *** UM QUADRO de Myra Landau foi sorteado há tempos, quando da realização da última reunião mensal do «Círculo de Amigos da Arte». É essa obra que apresentamos aqui fotografada. *** CHEGARÁ BREVE ao Brasil a exposição «Dez Anos de Pintura» organizada na Itália, pela Bienal de Veneza. Um panorama completo da pintura italiana dos últimos tempos.

OS LIVROS

POESIA

*** Aníbal M. Machado: «Cadernos de João» (José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1957. 245 páginas. Capa de Manuel Segalá).

HÁ TEMPOS, na bela Coleção Maldoror, da Civilização Brasileira, Aníbal Machado publicou seus «Poemas em Prosa»; pois esses «Cadernos de João» contêm os «Poemas em Prosa» e mais o «ABC das Catástrofes — Topografia da Insônia», que já fôra editado em 1951 pela Hipocampo. As duas coletâneas foram revistas e aumentadas pelo autor, nessa edição que parece ser definitiva. Os poemas de A. M. pretendem ser um «mapa irregular do nosso descontínuo interior, com os fragmentos, vozes, reflexões, imagens de lirismo e revolta — inclusive amostras de cerâmica verbal — dos muitos personagens imprecisos que o animam. Afloramento de íntimos arquipélagos, luzir espaçado das constelações predominantes»; sendo que «o autor apenas se reserva o direito de administrar o seu próprio caos e de impor-lhe certa ordem na tranquilidade formal das palavras». Por outra: o A., por meio da razão, determina o ordenamento de sua inspiração. Mas isso, sem que a inteligência, em momento algum, venha a prejudicar a emoção — o que seria o contrário, até, da essência poética. Há, em «Cadernos de João», lado a lado com muitas banalidades («O pássaro agonizante põe pela boca os milhares de quilômetros que devorou pelos ares»), muitas belezas e muitas verdades superiormente expressas. Particularmente interessante a «Topografia da Insônia», onde surgem frases como «Não se pode dormir em mim com esta barulheira», «Vou mudar-me para os pés: de lá será mais fácil fugir...», e o «ABC das Catástrofes», com pequeninas jóias como essas: «Qualquer que seja a arquitetura dum edifício, seus escombros obedecerão ao estilo barroco», «Uma casinha transfigurada pelas chamas executa para suas companheiras de rua o ballet com que se despede de sua condição de casebre: é o seu momento de revanche e o único de esplendor», etc. «Cadernos de João» recorda, constantemente, o «Sapato Florido», de Mário Quintana: o mesmo lirismo, idênticas virtudes e falhas. É, em suma, poesia menor, livro que se lê como divertimento, embora por vezes dê, a quem lê, um choque maior de beleza. Cumpre ainda realçar o aspecto gráfico, excelente.

*** Marly de Oliveira: «Cêrco da Primavera» (São José Editora, Rio de Janeiro, 1957. 74 páginas).

MUITO JOVEM ainda, Marly de Oliveira vê editado seu primeiro e diga-se de passagem bom livro de poemas, esse «Cêrco da Primavera» onde a forma enxuta e apurada desempenha papel de tão grande monta. Uma epígrafe de Cecília Meirelles serve para delinear a atmosfera em que se desenrola o livro inteiro: «Conheço o coração da primavera / e o dom secreto do seu sangue verde». Aliás, Cecília Meirelles — como Tasso da Silveira, a quem é mesmo dedicado «Cêrco da Primavera» — vem influenciando cada vez mais certo número de jovens poetas, mormente do sexo feminino. Em Marly de Oliveira, contudo, não se pode falar senão com muita reserva em influências, seja de Cecília, seja de qualquer outro poeta: essa jovem é senhora, de forte personalidade, e busca entoar seu próprio canto, embora com voz nem sempre clara e extensa, em que, vez por outra, parece-nos reconhecer o timbre de outros cantores, cantores de Espanha de preferência. Estruturalmente, a A. dá predileção a um gênero de poema composto de três estrofes de quatro versos, cada verso com sete pés, rimados (com rimas femininas ou masculinas) o segundo, o quarto, o sexto, o oitavo, o décimo e o décimo segundo entre si; tematicamente, há em muitos poemas alusões diretas ou indiretas ao Amor, à presença ou ausência do Amado. Vejam os leitores o grau de beleza a que atingiu Marly de Oliveira, nesse pequenino «Epigrama»:

Bom é ser árvore, vento.
Sua grandeza inconsciente.
E não pensar, não temer.
Ser, apenas. Altamente.

Permanecer uno e sempre
só e alheio à própria sorte.
Com o mesmo rosto tranqüilo
diante da vida ou da morte.

REPORTAGENS LITERÁRIAS

*** Homero Senna: «República das Letras» (São José Editora, Rio de Janeiro, 1957. 367 páginas).

HOMERO SENNA, em 1944-1945, andou entrevistando, para jornais e revistas, alguns de nossos mais conhecidos escritores. Foram entrevistas literárias que ficaram famosas, pela profundidade e seriedade dos temas abordados. Colocadas em alto nível intelectual, quando de sua publicação em jornais e revistas da época — respectivamente «O Jornal» e «Revista do Globo» — não faltou quem achasse que melhor ficariam elas recolhidas em volume, que esparsas na imprensa. E só agora, mais de dez anos passados, adquirem elas a forma de um elegante e nitidamente impresso volume. São vinte curiosas e úteis entrevistas, com Carlos Drummond de Andrade, Lúcia Miguel Pereira, Agrippino Grieco, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Afrânio Peixoto, Tristão de Athayde, Sérgio de Holanda, Jorge de Lima, Prudente de Moraes, neto, Sousa da Silveira, Viana Moog, Graciliano Ramos, Cyro dos Anjos, José Américo de Almeida, Gastão Cruls, Murilo Mendes, Aurélio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Mello Franco e Otto Maria Carpeaux. Essa leitura é amena, e mais que amena, proveitosa.

ARI (MISTER SAMBA) BARROSO NUM SHOW DE TELECO-TECO

JUSTA homenagem. Todo mundo aplaudiu a idéia. Ari merece. Carlos Machado resolveu montar um show que contasse a vida do criador de Boneca de Pixe. Das primeiras composições e tentativas de vencer até a consagração definitiva no Brasil e no estrangeiro. Tudo foi revivido com grandes montagens, num espetáculo em que a economia não funcionou. Carlos Machado tinha a idéia fixa: para homenagear Ari Barroso devemos dar o máximo. E os elementos começaram a ser arregimentados. Era preciso encontrar alguém que imitasse com classe o grande compositor. Ninguém o faria melhor que Vieirinha, o conhecido cômico teatral. Quem fala em Ari lembra imediatamente de Carmem Miranda. Carmem lembra Aurora. E Aurora foi a escolhida. Um punhado de garôtas bonitas, um texto inteligente. E Pronto. No palco da boite Night and Day a vida de Ari Barroso foi contada e cantada.





DAS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE VENCER ATÉ A CONSAGRAÇÃO
PELO BRASIL INTEIRO: ESTA A HISTÓRIA (BELA E MOVIMENTADA)
DE ARI BARROSO, CONTADA PELO "SHOW" DE CARLOS MACHADO





MARINA MARCEL, DOROTHY FAGGIN, NORMA BENGELL, ENTRE AS
GARÔTAS BONITAS DESTACADAS PELA RICA MOLDURA DA MONTAGEM



A VIDA DE ARI (MISTER SAMBA) EM GRANDES MONTAGENS. NÃO FALTOU CARMEM MIRANDA, QUE AURORA PERSONIFICA, NEM O TELECO-TECO, QUE SEM ISSO (ARI SEMPRE DISSE), NÃO HÁ SAMBA



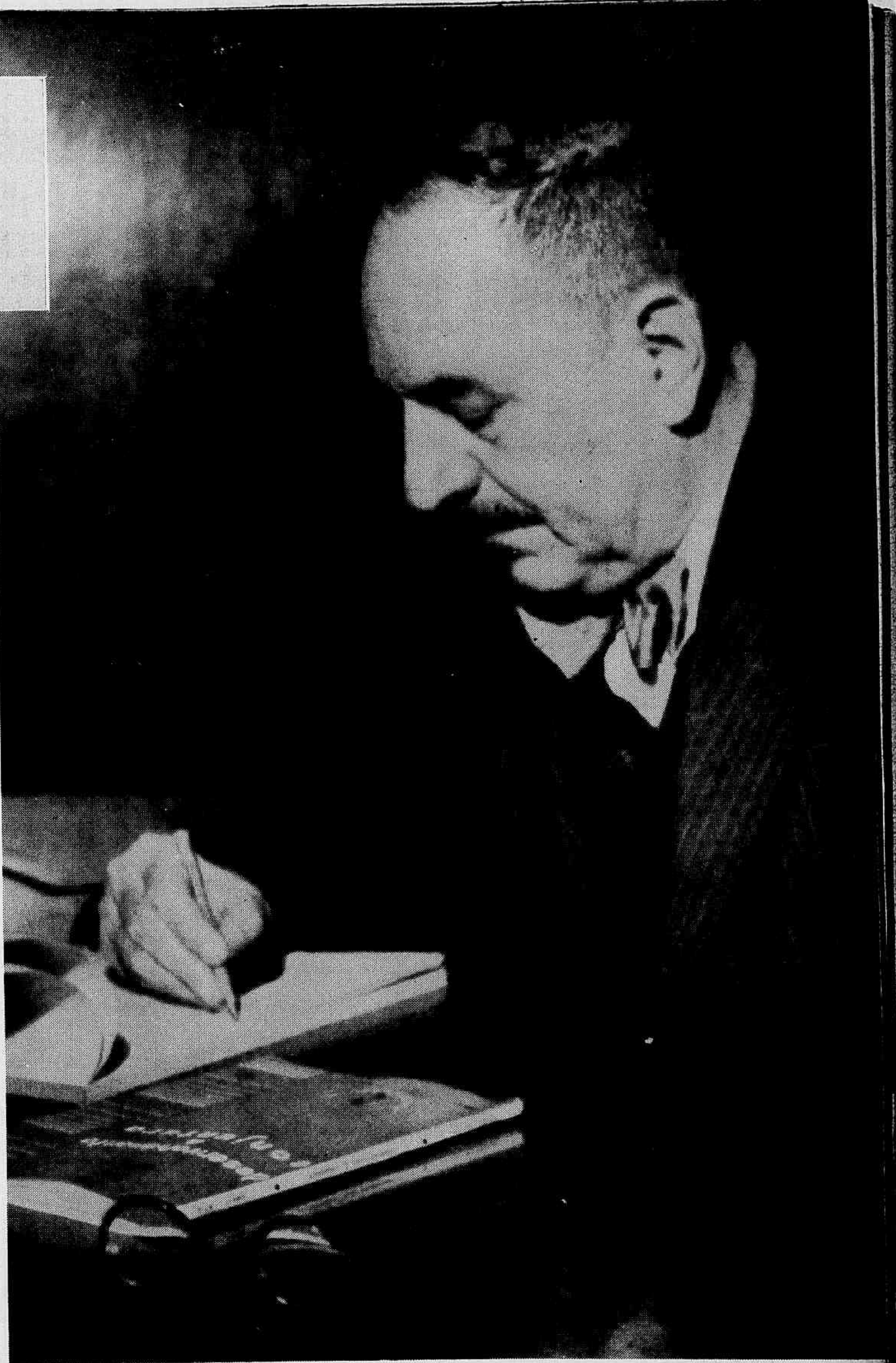
S EM teleco-teco não há samba, já disse mais de uma vez Ari Barroso. Carlos Machado não se esqueceu disso ao montar «Mister Samba». Enquanto dura o show ali permanece a «batida» autêntica, executada com a classe e o calor que exigem as composições do autor de «Aquarela do Brasil». Assim apareceram vestidas de dança, luzes e côres os ritmos de «Morena boca de ouro», «Risque», «Na baixa do sapateiro», «Quando eu penso na Bahia», «No tabuleiro da baiana», num espetáculo em que o luxo não prejudicou o bom gosto, e em que a música de Ari foi apresentada com tóda sua autenticidade.

«Mister Samba» faz com que seja mantido na mão de Carlos Machado o título de o produtor dos grandes shows. Montando espetáculos de categoria internacional êle coloca no palco um mundo fabuloso de garôtas bonitas num cenário realmente digno de ser apresentado em qualquer teatro de N. York ou Paris.

GENERAL ANÁPIO GOMES,
EX-PRESIDENTE DO BAN-
CO DO BRASIL, AFIRMA:

VERDADEIRA DELEGAÇÃO DE
PODERES DO LEGISLATIVO —
A OPINIÃO DO CONSELHO DE
POLÍTICA ADUANEIRA PREVA-
LECERÁ SÔBRE O VETO DO MI-
NISTRO DA FAZENDA — NÃO
CUIDOU A NOVA LEI DE FACILI-
TAR AS EXPORTAÇÕES.

Texto de NELSON GOMES LEITE



A NOVA LEI DE TARIFAS CRIA UM QUARTO PODER: O ECONÔMICO

General Anápio Gomes: verdadeira delegação de poderes a nova lei

PROCURANDO oferecer aos seus leitores uma opinião abalizada sobre a nova lei de tarifas, que acaba de ser sancionada pelo Presidente da República, procurou a REVISTA DA SEMANA ouvir um dos maiores técnicos no assunto, apontado por todas as correntes políticas como um de nossos mais hábeis administradores: o general Anápio Gomes, ex-presidente do Banco do Brasil.

ASPECTOS FUNDAMENTAIS

Acha o general Anápio Gomes que quatro aspectos fundamentais, em princípio, devem ser destacados na nova Lei de Tarifas:

- a) mudança de sistema
- b) criação do Conselho de Política Aduaneira
- c) normas para o comércio exterior
- d) alterações do regime cambial

MUDANÇA DE SISTEMA

— Saímos do sistema obsoleto das tarifas específicas, declarou o general Anápio Gomes, para o sistema "ad-valorem". Realizamos assim um grande progresso, visto como o sistema que acaba de ser substituído já não tinha mais sentido, quer como fonte de receita orçamentária, quer como instrumento de proteção à economia nacional, em face da constante desvalorização de nossa moeda e, consequentemente, alta do preço das mercadorias importadas. Aliás, como é do conhecimento geral, a deficiência do nosso sistema de taxas aduaneiras como fonte de renda vem sendo suprida (se bem que um tanto ilegalmente) com a receita dos ágios, a partir da portaria número 70, da SUMOC, isto é, a partir de outubro de 1953.

O amparo à economia e principalmente à indústria nacional vem sendo assegurado também pelo regime de ágios.

Com a ressalva de alguma possível falha na fixação da percentagem ou alíquota de uma ou outra mercadoria, o novo código tarifário nos coloca em dia com a moderna política aduaneira.

CONSELHO DE POLÍTICA ADUANEIRA: QUARTO PODER

Analisando os poderes atribuídos ao Conselho de Política Aduaneira, afirmou o sr. Anápio Gomes:

— Órgão novo na alta administração do país, o conselho criado pela nova lei constitui, a rigor, o Quarto Poder da República, tal a soma e importância de suas atribuições. Ao lado do Executivo, Legislativo e Judiciário, temos agora, por assim dizer, o Poder Econômico. De fato: o conselho restabelece o regime básico de funcionamento da antiga CEXIM, já que fixará restrições qualitativas e quantitativas para importações; decide sobre similares, que era até agora atribuição de um órgão específico do Ministério da Fazenda; pode tomar decisões inapeláveis, visto que seu voto final poderá prevalecer sobre o veto que o ministro da Fazenda opor a uma deliberação sua; absorve atribuições fundamentais da SUMOC; e — "last but not least" — poderá suprimir, aumentar ou diminuir, consideravelmente, as percenta-

gens ou alíquotas constantes das tabelas que acompanham a nova lei, o que por si só dá bem uma idéia da soma de poder que o conselho enfeixa em suas mãos, pois neste ponto recebeu, a rigor, verdadeira delegação de poderes do Legislativo.

NORMAS PARA O COMÉRCIO EXTERIOR

— O mecanismo de nossas importações, continuou o general Anápio, vai sofrer grande alteração com a nova lei; o retorno às restrições qualitativas e quantitativas só por si representa modificação substancial no regime que se instituiu com os leilões de divisas. Outras grandes alterações: a classificação de todas as mercadorias em duas categorias apenas em vez de cinco até agora em vigor, ou seja, a categoria geral e a especial. Aquela compreendendo em geral os artigos de primeira, segunda e terceira categorias, e a categoria especial abrangendo os bens de consumo restrito (os da quinta e parte da quarta categorias), além daqueles de que haja suprimento satisfatório no mercado interno. A supressão da licença de importação para os produtos da categoria geral e da fatura consular para todas as importações, etc.

Mas a lei, que não é apenas de tarifa aduaneira como estamos vendo, devia, a meu ver, encerrar também alguns dispositivos que facilitassem as exportações.

ALTERAÇÕES DO REGIME CAMBIAL

Finalizando suas considerações sobre a nova lei de tarifas, declarou:

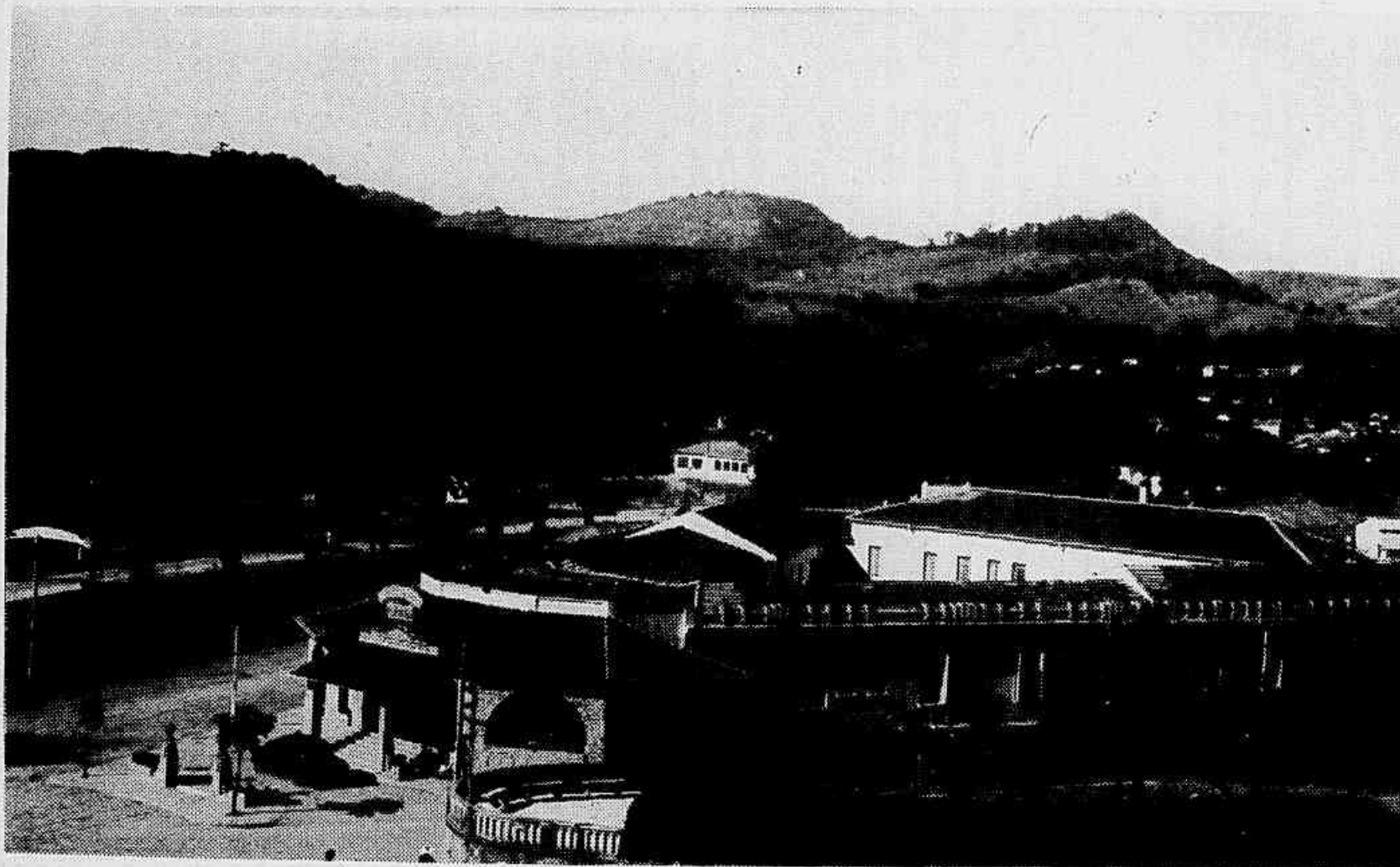
— A nova lei trouxe algumas alterações ao regime cambial do país. Até certo ponto encerra mesmo uma nova política cambial que "nose pas dise son nom". Assim, as licitações de divisas poderão desaparecer dentro de algum tempo, segundo os artigos 48 e 53. Sábiamente acabou com o privilégio cambial de alguns setores que gozavam de taxas especiais, inferiores ao custo de câmbio, isto é, que eram subvencionados pelo Tesouro. Daqui por diante os únicos favores de que poderão gozar se resumem na isenção de tarifas aduaneiras e de câmbio pela taxa de custo, favores que atingem, aliás justamente, poucos setores.

Outros dispositivos interessantes se encontram na nova lei de tarifas, tais como a unificação das várias taxas e impostos cobrados sobre transferência de fundos para o exterior e mercadorias importadas, pois foi estabelecida a taxa única de despacho aduaneiro (5%), como também a aplicação do regime "draw-back". Trata-se, porém, de um diploma legal destinado a grande repercussão na economia e nas finanças de nosso país, não podendo ser inteiramente apreciado no curto espaço desta entrevista.

Não devo, todavia, encerrar minhas ligeiras observações sobre a lei tarifária sem uma referência ao artigo 58 e seus parágrafos: trata-se de um dispositivo que visa a proteger as indústrias nacionais de papel de imprensa e de fertilizantes, mas a sua redação pouco feliz (ou propositalmente hábil) poderá dar lugar a que alguns grupos ou poucas instituições façam fortuna rápida à custa da coletividade.



ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

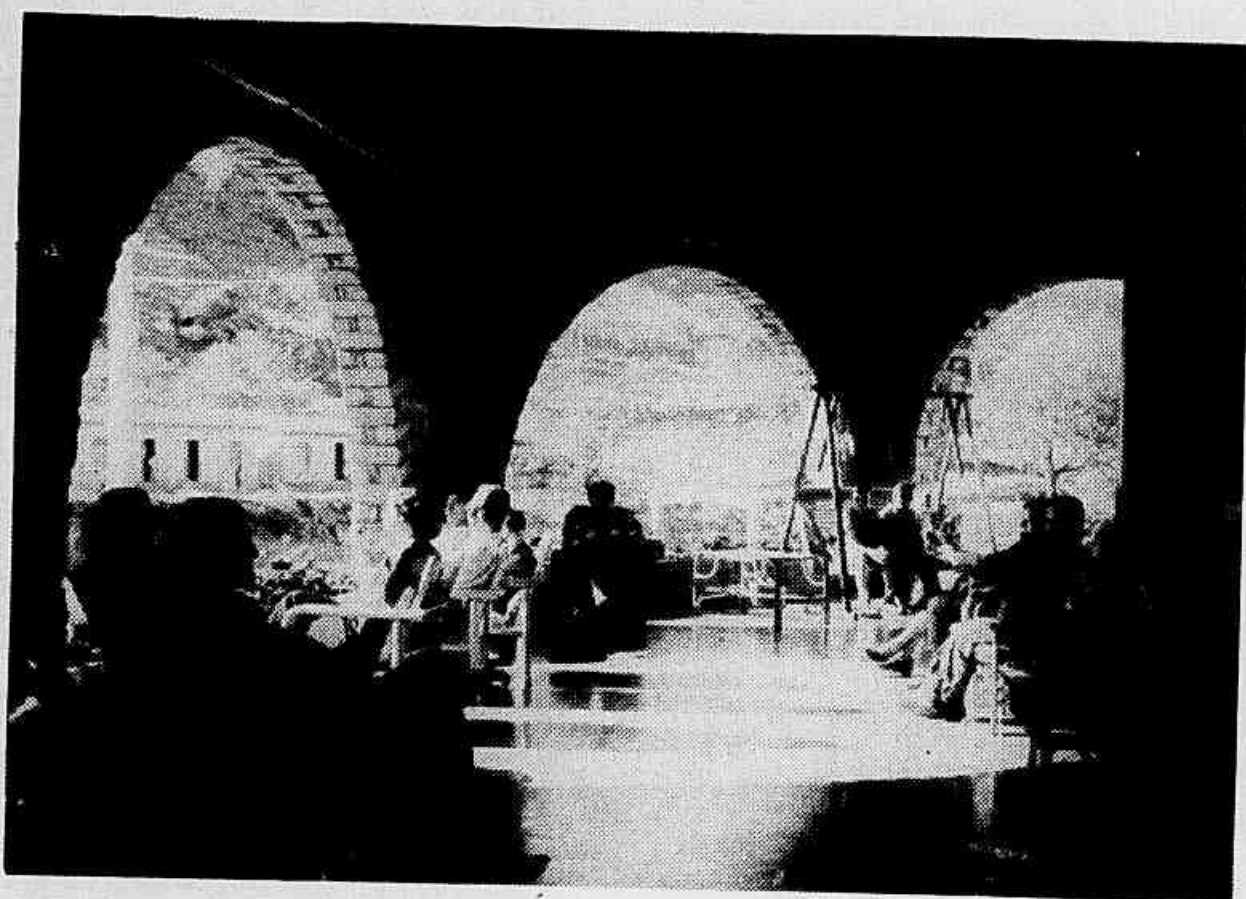
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACO-
LHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Águas da Prata, Est. S. Paulo. ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

Lúcio Cardoso. Na literatura: um ficcionista de primeira água. Na vida: um boêmio capaz de virar a Lapa de pernas pro ar. Sob qualquer ponto de vista uma figura humana impressionante pela extraordinária capacidade de fazer com que viva tudo aquilo (todo aquele) que dêle se aproxima. Ao contrário do Rei Midas, Lúcio Cardoso transforma até ouro em gente.



LÚCIO CARDOSO EM 21 RESPOSTAS

Entrevista a Edson Guedes de Moraes

— 100 romances?

(1) Sim; 45 esboçados, 3 quase prontos e um entregue a José Olympio para publicação.

— «Crônica da casa assassinada»?

(2) É o primeiro. Levei quatro anos para concluí-lo. Não sei quanto tempo levarei para escrever os outros ou se terei tempo para isso; não importa.

— E como «nasceu» esse primeiro romance?

(3) Do mais longe que me lembro de mim mesmo encontro um esboço, um projeto, uma palavra que se refira à «Crônica».

— Você o escreveu...

(4) Não foi escrito — nasceu de mim mesmo, e os seus defeitos são os meus defeitos... Não sei como se irradiou em mim, mas tive a impressão que era uma rosa escura e impetuosa que se abria no meu íntimo. Ainda é sua luz que me queima.

— Qual o seu enredo?

(5) Câncer e violetas.

— Câncer!

(6) E violetas.

— Símbolos?

(7) Câncer, e seu trabalho obscuro de desagregação — violetas, a estação do mundo. É um câncer que rói a casa, entre violetas é que vivem os personagens.

— História de amor?

(8) Sim, sou do tempo em que se acreditava que todos os grandes romances são histórias de amor.

— Que espécie de amor?

(9) De qualquer espécie; o que importa, o que conta é o amor. Se algumas vezes o livro ruma

para caminhos adversos, é que o ódio é um avesso, um outro lado do amor. Não concebo a humanidade senão estruturada nesses dois polos — o que é um segredo de Polichinelo.

— Como sempre, um tema triste.

(10) Triste e pobre, se bem que fatal: é o tema do apodrecer e cheirar mal. Ao mesmo tempo é um apelo constante à Ressurreição.

— E por que deve ser assim no seu romance?

(11) Porque não imagino romances como divertimento — meu intento é inquietar e escurecer. Se um livro é poeticamente realizado, seu efeito é o de afrouxar as sufocantes paredes do cotidiano. Imagino que o leitor se aborrega e, nos casos plenos, até adoeça fisicamente. O que importa é a febre.

— E se essa febre não nos leva a nada?

(12) Para mim é o mesmo. Mas não creio nisso. Toda febre tem sua forma e resplandesce em sua aparelhagem de luxo.

— Seja. Mas, fale da «Crônica», sua estrutura, estilo, linguagem.

(13) Com a «Crônica» não quis levar a efeito o que comumente se chama cópia da vida — quis criar uma fábula. Essa fábula tem a minha linguagem, e sua efígie, tal como está, se não é perfeita, é a porta por onde sonhei entrar. Sua figuração, na ordem dos fatos é um velório: uma festa fúnebre onde se reúnem, intencionalmente, todos os personagens da comédia futura. O estilo em que isto foi vasado, é outro assunto. Não o fiz natural, porque me considero, bem ou mal, um artista. Quis fazer um romance que fosse artístico, sem nenhum pudor disto. Usei e abusei do adjetivo, porque nada existe de mais belo que o adjetivo.

— Quando bem empregado.

(14) Claro. O substantivo é para a poesia, mas o adjetivo é para a prosa. Poetas sem força in-

ventaram sua condenação: é preciso reintegrá-lo. Proust, Meredith, Henry James, todos os grandes romancistas de nossa época que possuem um estilo artístico e pessoal, são príncipes onipotentes do adjetivo. E se são os maiores, por que não seguir a lição que nos legaram?

— Depois de «Crônica da casa assassinada», os três livros seguintes que você disse quase terminados, já têm títulos?

(15) Sim, são: «Retrato do viajante», «Requiem» e «O menino e o mal».

— Qual a relação entre estes romances?

(16) «O menino e o mal» são três novelas curtas. Todos estes livros, no entanto, formam um só: a crônica de uma cidade idealizada e cituada por mim em Minas Gerais. A «Crônica da casa assassinada» é apenas uma introdução, não é um livro, é uma seqüência.

— De 630 páginas...

(17) Apenas um começo. Não sei se terei forças, persistência e suficiente entusiasmo para ir até o fim. Sonhei uma melodia. Pensei vê-la desenrolar-se de mim, solene e fúnebre. Talvez tenha me iludido e seja necessário recomeçar tudo de novo. Não importa. Meu despudorado orgulho é confessar que ainda me sinto moço para todas as audácias.

— Quando será lançada a «Crônica»?

(18) Não sei.

— Será ilustrada?

(19) Não. Somente capa de Darel.

— Estas folhas fazem parte do livro?

(20) Sim, são um dos seus capítulos. Este desenho é a planta da «casa».

— Posso lê-las?

(21) À vontade.

Para 1960 já temos

QUATRO NA LUTA PARA O LUGAR DO PRESIDENTE QUE QUER DOBRAR

♦ Cinco candidatos com reais possibilidades já estão agindo em função do pleito presidencial de 60: quatro aspiram a eleger-se e um a reeleger-se. Os mais prováveis futuros disputantes do lugar que o sr. Juscelino Kubitschek espera continuar ocupando — se continuar lhe sorrindo a «estrêla» de sua vida política — são todos (exceto um que, num ano e meio, já perdeu a aspereza com que se viu obrigado a reconhecer o atual Presidente da República) aliados ou força ativa na composição do atual governo. O general Teixeira Lott, o sr. João Goulart e o sr. Ademar de Barros são três pés na mesa onde se realiza o banquete da situação política do país. O sr. Jânio Quadros contenta-se com algumas das sobras do festim e consegue guardar uma certa ou talvez apenas aparente independência. O aspecto novo do pleito presidencial em nossa pátria: não partiu da oposição a abertura do jogo sucessório. Tanto assim que nenhum

PELA PRIMEIRA VEZ A LUTA COMEÇOU «DENTRO DE CASA» — A OPOSIÇÃO ACHA CEDO, POIS JK AINDA NÃO CHEGOU AO FIM



nome existe ainda em cogitações nas esferas dos partidos e grupos que discordam do atual governo, desde a sua posse. O senador Juraci Magalhães, galgando a presidência da UDN e imprimindo um ritmo ativo ao partido, começou a ser olhado como o mais provável homem com que a UDN irá à sucessão do atual ocupante do Catete. Mas, com a experiência que já têm de três pleitos, pensam os homens da oposição que é ainda cedo demais para tratar eleitoralmente da questão. Pois pode muito bem dar-se a hipótese de não chegarmos até lá.

◆ ABRE-SE A LUTA

Evidentemente, é o fracasso do governo federal — eleito à base de promessa e que não conseguiu, com medicamentos de candidato, curar os males da República (pelo contrário, agravou-os a ponto de haver quem considere inadiável uma intervenção cirúrgica) — o fator que determinou o início de um discreto tomar de posições para a futura (se houver) batalha presidencial.

Aspecto interessante da questão: são os próprios homens que se constituíram em costas-largas do atual governo, o sr. João Goulart na campanha e o general Teixeira Lott na posse, os mais salientes pretendentes ao lugar que o sr. Juscelino Kubitschek não chega a esquentar... O outro pé-de-mesa, o sr. Ademar de Barros, mal terminada a campanha e apenas iniciada a apuração, perdeu a esperança e aderiu, pois que de briga com governo já estava esfolado pelo sr. Jânio Quadros. O sr. Jânio Quadros ainda é candidato, embora sua indefinição e principalmente a vacilação que o acometeu depois do 11 de novembro lhe tirem dia a dia as possibilidades, que foram muitas em 50, mas escassearam muito para o próximo pleito, para o qual estará aliás já afastado do governo bendeirante.

◆ POSSIBILIDADES

As possibilidades dêsses quatro pretendentes variam muito com as circunstâncias e todos eles participam de um jogo ativo e sutil, tecido desde a posse do sr. Juscelino Kubitschek, e que também procura tirar algum proveito dos interesses que se entremostam aqui e ali, no curso dos fatos que se desenrolam. Enquanto vai somando dias à existência de seu governo — que já ultrapassou o prazo de vida que lhe previra — o sr. Juscelino Kubitschek alenta ora êste ora aquêle dos aspirantes, nunca sem perder de vista aquilo que seu «entourage» proclamava e ainda sustenta (embora com muito mais discrição): um quinquênio é pouco para um programa tão amplo como o Trinômio. É bom lembrar que Brasília ainda não contava nos planos mirabolantes do homem que fundiu à sua mitomania ruínosa de pioneirismo a todo preço — e principalmente com prejuízos colossais — um jogo aritmético pela primeira vez

usado em público, falando em meio século em termos de quinquênio presidencial. É indisfarçável que o sr. Juscelino Kubitschek aspira à auto-sucessão. E para obter êxito conta justamente prolongar o atual quadro de pretendentes que o cercam desde o 11 de novembro até as vésperas do pleito. Com isto, terá prolongado (espera JK) o seu governo, pelo qual ninguém nunca deu nada, até o fim. A essa altura, já desunidos seus aliados pela luta, ele procurará coordenar-se para continuar exercendo por mais cinco anos a presidência da República, já então por ele passada a si mesmo na futura Capital, desde que consiga reformar a Constituição, no capítulo das inelegibilidades.

◆ JOGO

Do mesmo modo, os partidários das candidaturas Lott e Jango acham que o melhor ainda é ganhar tempo. A sombra fresca do atual governo, recuperam forças e fazem suas promoções de caráter eleitoral, avançando e recuando conforme a reação dos juscelinistas. De vez em quando, o pessoal de Jango diz ao general Lott que o «candidato natural» é o homem do 11 de novembro. Tanto que o general já hoje oferece sorrisos em público e em fotografias, em retribuição aos aplausos que lhe oferecem, em buquês de palmas sindicais, os ativistas do PTB. Dizem que Jango foi mais longe e declarou mesmo ao ministro da Guerra que êle, Jango, «era ainda muito novo e que poderia esperar outro quinquênio», como que sugerindo que Lott era velho e que convinha logo aproveitar.

O governador paulista, por seu turno, entrega-se a uma especulação que varia entre o arrependimento de não ter tido a coragem de aproveitar a hora que lhe soou em 55 e o fantasma de uma traição (remember Ademar) com que fatalmente o brindará aquêle a quem êle fizer seu sucessor, se conseguir elegê-lo, o que é outra hipótese.

O sr. Ademar de Barros amarga a chance perdida em 50, quando Vargas o embrulhou em grande estilo em 50, e a derrota de 55, além do desgaste sofrido em consequência da perseguição que lhe moveu Jânio Quadros. Mas, ainda sonha com o Catete e se deixa mover um pouco pelos interesses políticos de JK é para ganhar tempo. Mas, para que isto prossiga, é preciso que não se fale em reforma da Constituição, porque aí Ademar estrila. Kubitschek, que acha pouco terminar seu mandato e que sonha com mais cinco de lambuja, impacienta-se. Quer ver aberto o ciclo das reformas, sobre as quais a oposição soube exercer até agora uma vigilância que raia pelo paroxismo, mas que é legítima.

A reforma eleitoral, nos moldes em que foi lançada — criar atritos — é bem um pano de amostra. Seu andamento fará luz sobre fatos e situações.



RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

Sempre às suas ordens!

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

JUNDIAÍ

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395 | Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912 | Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

LEIAM

EU SEI TUDO

DE SETEMBRO

- * PODE UM "FEITIÇO" MATAR?
- * O "ESPELHO" DO CÉREBRO
- * OS ATLETAS VIVEM MENOS?
- * AGORA QUE VEM A GRIPE...

A VENDA — PREÇO CR\$ 10,00

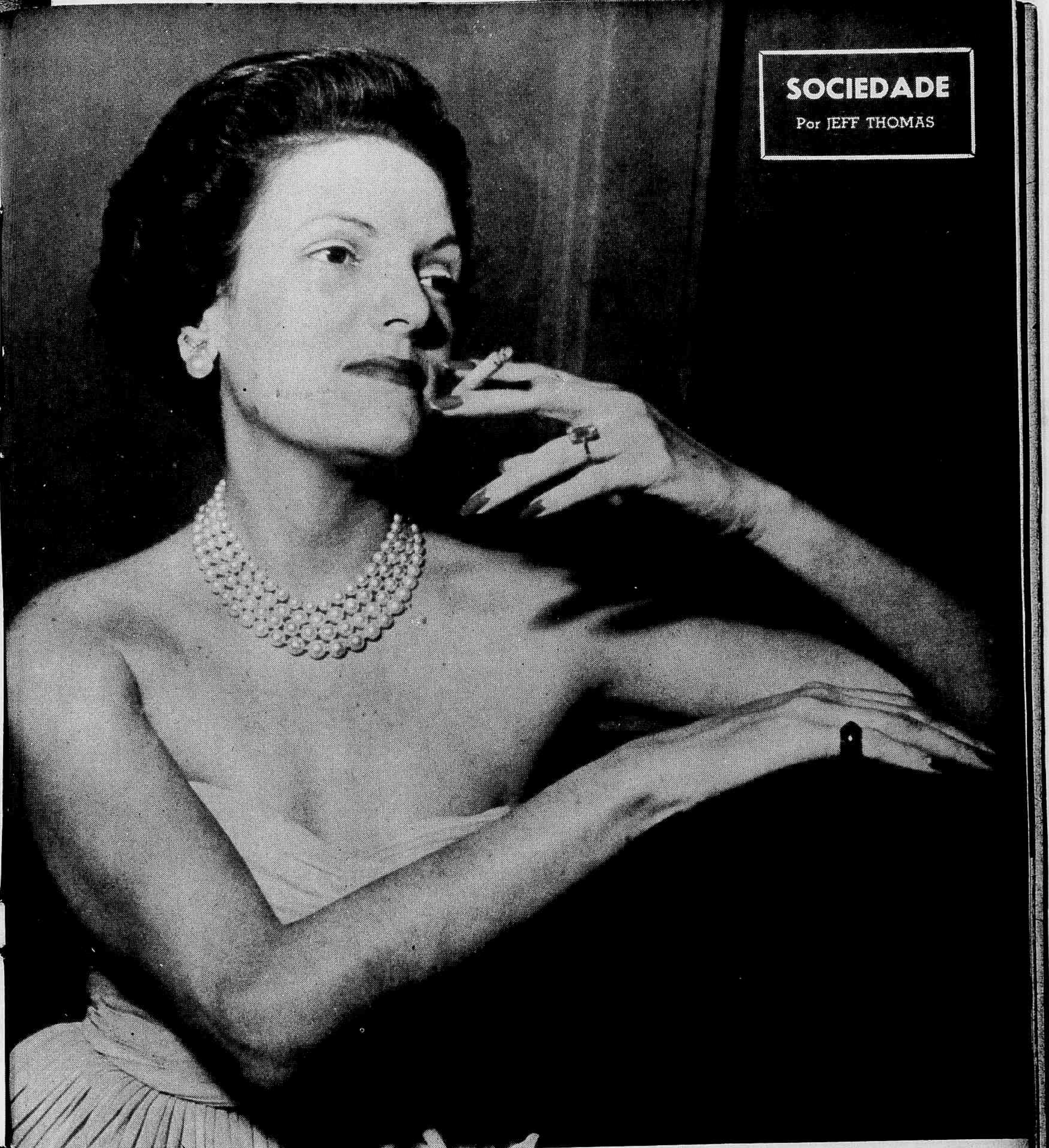
CIENTISTAS SEM CIÊNCIA

◆ Há uma longa estrada a palmilhar para acompanharmos os progressos do espiritismo-superstição até ao Espiritismo-Ciência, como também existe a separá-las uma longa distância entre a medicina sacerdotal dos Asclepiades e a ciência instaurada por Hipócrates, melhorada por Pasteur e completada já hoje, com a contribuição maravilhosa do estudo psíquico do ser.

«É o Espiritismo-Ciência, como disse Pinheiro Guedes, «que nos faz compreender melhor o mecanismo das funções orgânicas ou psíquicas e as relações da alma com o corpo, cujas perturbações são causas predisponentes e até determinantes de estados mórbidos.»

O grande erro entalhado pelo dogmatismo das Escolas, impedindo que os novos sacudam ou até renovem, o que há de errado nos seus princípios, está em proibir qualquer estudo científico no terreno do psiquismo desde que fuja ao campo experimental traçado pelo clássico paralelismo psico-fisiológico. Sempre se afirmou haver uma correlação estreita entre o cérebro e o pensamento, aferindo-se a atividade psíquica à proporcionalidade do trabalho dos centros nervosos. Isto manteve-se de pé até ao século XIX mas no dealbar do século atual a psicologia antiga fracassou diante do volume de fatos que a contradizem. Eis por que o materialismo médico é insuficiente para explicar os enigmas da personalidade, mas, embora reconhecendo a sua insuficiência o orgulho acadêmico, manobrado pelos mestres do dogmatismo, não permitiu em nosso meio, que uma tese sobre Espiritismo fôsse até hoje defendida nos templos de Hipócrates.

NOTA — Cientistas sem Ciência — crítica às afirmativas da ciência materialista, mostrando a influência psíquica em numerosas enfermidades — 4ª edição, 249 páginas, Cr\$ 25,00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119, Rio de Janeiro.



SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS

Sra. Yvone Lopes, uma verdadeira líder no «Estado-maior» do «high-society» carioca. Yvone além de elegante é FASCINANTE, comanda vários grupos, que com frequência lhe pedem opiniões, conselhos e às vezes ordens também.

YVONE LOPES UMA LÍDER FASCINANTE

PIPA AMARAL — O NOVO "DON JUAN"

★ Apresento para vocês o novo "Don Juan", que transita pelos "night-clubs" da "soirée-snob", e elegantes salões do "high-society" carioca. Trata-se do jovem galante milionário paulista João Batista Amaral Filho (não suspirem meninas), chegado ao Rio no ano passado para dirigir a TV-Rio, que é de propriedade de seu pai. Hoje o Pipa filho é o dono absoluto da conhecida estação de Televisão.

★ Agora vamos a vida romântica do novo e disputado "Don Juan". Logo que o João Batista chegou aqui, iniciou um romance com a nossa conhecida Ilde Garavaglia (com quem ainda é visto, e segundo os mais íntimos é sua preferida) e passou a ser com freqüência notícia nas colunas sociais. Depois apareceu no palco sentimental do Pipa a paulista (já desquitada) Léa Almeida. E ele passou a ser visto com as duas (uma de cada vez, é claro), sendo que ambas sabiam que estavam disputando o mesmo namorado. Acontece que um dia Ilde se irrita, e decola para o Peru onde passou alguns meses para esquecê-lo. Enquanto isso Léa passou a ser a preferida. Ilde volta e o romance é reatado. Entra Léa em cena novamente e o romance acaba, mas depois foi seriamente reatado. Léa decola para o Planalto, e ficou Ilde como seu caso sentimental, esperando que o disputado "Don Juan" lhe fizesse o pedido de noivado, coisa que não aconteceu. Por que? Entra em cena uma nova figura: Eloisa Dolabela. Hélo que é loura e FASCINANTE com seus requintes de Princesa, passou a ser a nova Rival de Ilde.

★ Foi aí que aconteceu o já tão comentado caso "Scotch-Bar", onde Ilde (então inseparável amiga de Hélo) faz por seu bem amado Pipa uma daquelas cenas (copos) que Zsa Zsa Gabor costuma fazer nas Boites de Paris pelo famoso Rubirosa. Depois dessa, o Pipa passou a ser chamado de novo "Don Juan".

"GOSSIPS SÃO GOSSIPS, E DAÍ?"



Ilde Garavaglia, que foi o primeiro caso sentimental do jovem Pipa Amaral no Rio. Surgiu Léa Almeida em cena, e a famosa "Glamour-Girl" carioca decola para o Peru. Mas na volta o romance continuou...



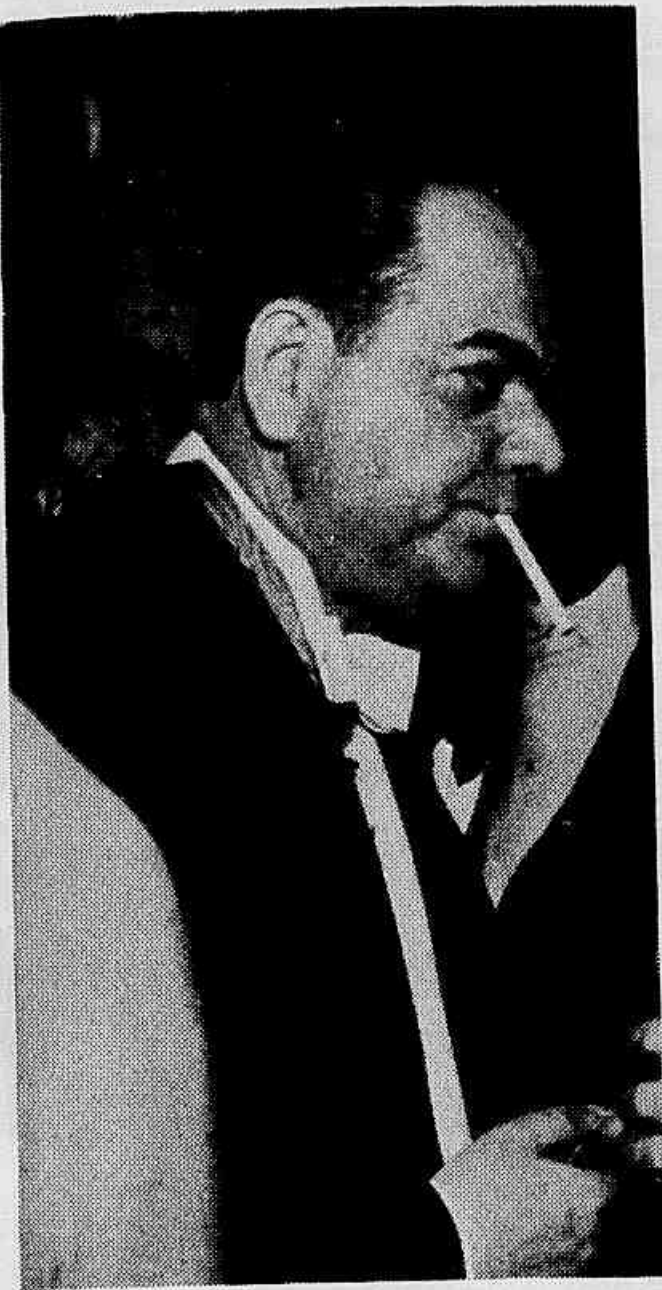
Léa Almeida, é paulista e desquitada. Disputou durante quase um ano com Ilde Garavaglia o novo "Don Juan". Atualmente Léa encontra-se no Planalto, vindo muito dificilmente ao Rio. O motivo parece ser a entrada de nova concorrente.



Eloisa Dolabela — Inesperadamente entrou em cena no palco sentimental do disputado "Don Juan". Hélo, de amiga íntima de Ilde, passou a ser sua inimiga e maior rival. Os três tiveram um encontro muito "suspense" no "Scotch-Bar". No momento a loura e FASCINANTE Hélo, é quem está vencendo a grande disputa.



Este é o novo "Don Juan" carioca. Trata-se do jovem galante milionário (Dono da TV-Rio) João Batista Amaral Filho, que está provocando rivalidades entre várias jovens do "high-society", sendo que uma já quebrou copos e tudo. Gossips informam



O «Business-man» Ricardo Jafet, participou na outra semana do centenário da progressiva cidade paulista de Mogi das Cruzes, onde foi homenageado o saudoso casal Mani Jafet, seus pais».



A elegante Sra. Maria Eudoxia Gualberto de Oliveira, reabriu na «soirée» do dia 13 seus luxuosos salões com um «dinner» em homenagem ao Embaixador do Egito, que está de partida.



Senhora Léa Duvivier, fundadora e organizadora anualmente da festa da «glamour-Girl», está indecisa quanto a realização este ano desta grande e já tradicional promoção.

NEWS - WEEK

OS GUALBERTOS — Na soirée do dia 13, a Sra. Otacilio (Maria Eudoxia) Gualberto de Oliveira, reabriu seus salões com um «dinner» de «Black-Tie» em homenagem ao Embaixador do Egito. No próximo número detalhes sobre essa promoção que foi muito «suspense».

—)o(—

NO RIO, a parisiense senhora Izabel Medeiros, filha do Ministro Maurício Medeiros. Izabel, que reside em Paris, há vários anos, deverá decolar de volta ainda este mês.

—)o(—

IA NOS «STATES» o Sr. Eduardo Tapajós, onde deverá passar dois meses como convidado de um famoso Hoteleiro Americano.

—)o(—

TRANSITOU PELA «Soirée-snob» carioca, uma das mulheres mais FASCINANTES da «high-society» paulista. Trata-se da muito bonita Sra. Roberto Raicher, née Maria Helena Alves Lima.

—)o(—

O JORNALISTA FRANCÊS Jacques Ebstein, que reside no Hotel Glória vários anos, está escrevendo um livro de suas «memórias».

—)o(—

O «LE PETIT-CLUB» continua sendo o Restaurante preferido para um bom jantar em Copacabana.

Lá conhecidas figuras que freqüentam as colunas sociais, transitam com freqüência.

—)o(—

TEVE GRANDE repercussão nos círculos políticos o tópico publicado aqui sobre o Governador Dinarte Mariz. O vaidoso Governador Potyguar continua residindo no Rio. Sem comentários.

—)o(—

MARCADA PARA a «soirée» do dia 29 de novembro a já programada festa dos colonistas sociais do Estado de São Paulo, que foi batizada de «Noite da Crônica».

—)o(—

O PEQUENO «NIGHT-CLUB» CAVE é atualmente no Planalto o mais freqüentado pelo «high-society» local.

—)o(—

O JOVEM CASAL Hellmut Herzfeld recebendo para pequenos jantares na sua bonita «mansão» situada no Leblon.

SISTEMATICAMENTE estão muito concorridos os jantares dançantes no Country, que apresentou «Uma noite com Villaret», e outra com Dany Dauberson em grande estilo. A diretoria do Club mais «fechado» do Brasil, está de parabéns.

—)o(—

DEVIDAMENTE concorridos os almoços no luxuoso restaurante «Verde-Mar» ali na Rua do Rosário. Bom menu e ótimo serviço.

—)o(—

A «DIVINA», que é loura e FASCINANTE esteve de «asiática».

—)o(—

TRANSITOU pelo Rio o Presidente do Paraguai, que veio assistir às comemorações de 7 de Setembro. Grandes promoções (casacas e decorações) aconteceram em honra ao ilustre Estadista.

—)o(—

DETERMINADAS colunas (masculinas e femininas) continuam perdendo substâncias. E' o que se comenta.

—)o(—

TALVEZ ESTE ano não haverá a já tradicional festa da «Glamour-Girl». Sua organizadora, Sra. Léa Duvivier, programou uma viagem à Europa para novembro. Sou de opinião que a festa da «Glamour» não deveria deixar de acontecer, pois trata-se de uma promoção que muito movimentou o jovem «high-society» carioca.

—)o(—

A PRÓSPERA cidade paulista de Mogi das Cruzes, ao comemorar recentemente o seu centenário inaugurou um busto do saudoso Mani Jafet e uma estátua com o nome da Sra. Afife Jafet. Estou falando dos pais do nosso conhecido Sr. Ricardo Jafet, que foram verdadeiros pioneiros no progresso industrial, econômico e social de Mogi das Cruzes.

—)o(—

Até a próxima.

—)o(—

ESTOU ME preparando para em outubro decolar rumo a Paris. Já mandei reservar apartamento no famoso Plaza Athenée.

—)o(—

E DIARIAMENTE com vocês no vespertino «A NOITE».

SEM OS TREJEITOS DE ELVIS, SEM A CÔR DE VAN JOHNSON, O SUCESSO DE BELAFONTE EQUIPARA-SE AO DE AMBOS NOS RAMOS DE CADA UM.



Texto de
CARLOS A. NASCIMENTO

BELAFONTE

(Don José de "Carmen Jones")
volta com o Calypso



COM SUA «PINTA» DE JAMES DEAN DE ÉBANO, BELAFONTE SE TORNOU UM IDOLO. ALTO, MAIS DO QUE MORENO, MAIS DO QUE SIMPÁTICO.

BELAFONTE



A Cortina que separa brancos e negros nos EE.UU. ficou para trás dos dois. O «colored», o ousado Belafonte, a nêgra, a suave Fontaine. No fundo, a «cortina».



A CERCA de seis anos Harry Belafonte, cognominado o «rei do calypso», empurrava um carrinho de mão numa das ruas de um bairro industrial de Nova Iorque. Quem o visse naquela época nunca poderia imaginar que ali estava o futuro maior cancionista popular norte-americano. Há 25 anos, quando seu pai, natural da Martinica, resolveu deixar

Nova Iorque e voltar para as Índias Britânicas, levando consigo a família, o menino Harry manifestou uma tendência muito acentuada para a música de mitos e pelas danças nativas trazidas da África pelos escravos no tempo da colonização. Quando, com 10 anos, o jovem Harry regressou a Nova Iorque em companhia de sua família, seus pais o matricularam numa escola religiosa e mais tarde no «George Washington High School», abandonando os estudos em 1944 para ingressar na Marinha dos Estados Unidos. De regresso à vida civil, obteve emprêgo de servente num edifício de apartamentos em Nova Iorque. Certa vez Belafonte ganhou uma entrada para uma peça de teatro e lá teve, pela primeira vez, a oportunidade de assistir a um verdadeiro espetáculo teatral. Desde então passou a ambicionar o trabalho na ribalta. Sua condição de ex-combatente deu-lhe oportunidade para inscrever-se na «Dramatic Workshop» de N. Iorque (a escola que preparou Marlon Brando, James Dean, Julie Harris e outros «grandes») mas, apesar de seus dotes, não conseguiu emprêgo como ator; Belafonte, porém, não desanimou; procurou amigos, empresários, uma «ponta», um teste

pelo menos, nada conseguia. Certa vez, após um dia de intenso trabalho no edifício, procurou um «night club» para uns momentos de lazer; o proprietário do estabelecimento o reconheceu como ex-aluno da Academia; chamou-o para uma audição e o contratou por duas semanas. Seu sucesso foi tão grande que o proprietário lhe ofereceu contrato por mais cinco meses. Daí para cá, a marcha para o estrelato foi bem mais fácil. Sua voz ressoou nas fábricas de discos e a Capitol lhe ofereceu um contrato vantajoso. Após um período de prosperidade financeira, ei-lo às voltas com estudos sobre a música folclórica norte-americana, sua grande paixão. Para tal chegou a cancelar todos os contratos e se dedicar exclusivamente ao estudo das tradições do povo norte-americano. Foi ao extremo de contratar uma pessoa com a incumbência de viajar pelos EE.UU., de Norte a Sul gravando baladas inéditas do folclore afro-americano, principalmente dos antigos trabalhadores escravos das plantações de algodão. Quando Belafonte voltou a cantar em público com seu repertório enriquecido, as canções escravas adquiriram nova vida, com uma vantagem óbvia para Belafonte, pois o barítono «colored» tinha as mãos livres para interpretá-las. Essa foi a razão principal de seu sucesso.

♦ **O CINEMA INTERNACIONALIZA BELAFONTE.** — Sua carreira no cinema começou em 1953, quando um agente descobridor de talentos de Hollywood o encontrou num «night club» e o convidou para um teste; logo lhe foi oferecido um contrato com a



O Calypso (a música da atualidade) está tão ligado ao nome de Harry Belafonte como o «blue» ao de Bing Crisby e como o samba ao de Carmem Miranda.

Metro para o papel principal de «Bright Road». Daí em diante sua estrêla se projetou ainda mais na constelação norte-americana; seus discos vendiam-se às centenas de milhares; os contratos «choviam» em proporções gigantescas, até que lhe foi oferecido o papel principal na peça «Carmen Jones», mais tarde filmada pela Fox, cujo êxito abriu-lhe o caminho para projetar-lhe o nome no cenário internacional. Quando o moderno Don José começava a ficar esquecido, ei-lo novamente «alpinizando» os pináculos da preferência pública norte-americana. Desta vez, não mais com o folclore estadunidense ou com a música erudita de Bizet e sim com um ritmo selvagem das Antilhas — o Calypso. Em pouco mais de cinco meses, Belafonte levou às lojas de discos dos EE.UU. mais de 2 milhões de pessoas, constituindo um sério obstáculo para as pretensões de Elvis Presley que, aliás, vem perdendo terreno para Belafonte nessas últimas semanas.

♦ **O QUE É O CALYPSO.** — O Calypso é uma dança dolente trazida pelos escravos africanos no século XVII para as Antilhas, onde ela se mesclou com o folclore local. Sua música melancólica é orquestrada com bongôs e maracas; sua letra, cantada em dialeto local, conta geralmente uma história onde a rima e a seqüência são relegadas a um plano inferior, sendo que o ritmo e a coreografia sensual devem ser os atributos indispensáveis aos cantores e bailarinos do Calypso. Ele tem ainda outra finalidade, qual seja a de informar aos habitantes da ilha os acontecimentos mais

importantes — o batucar dos bongôs formam combinações sonoras que divulgam mensagens, funcionando como uma primitiva agência de notícias. Belafonte, de origem antilhana, não poderia ficar alheio a êsse «novo» ritmo e lançou, em princípios do ano em curso, os alicerces dessa melodia, gravando até agora, para a RCA, 19 discos e 4 álbuns que, segundo as estatísticas, são os mais vendidos atualmente nos EE.UU.

♦ **O PRIMEIRO FILME SOBRE O CALYPSO.** — O sucesso de Belafonte como criador do Calypso fez com que a Fox o contratasse para uma nova produção, juntamente com sua antiga companheira de «Carmen Jones» — Dorothy Danbridge. O filme, baseado no livro de Alec Waugh, «Island in the Sun», é uma das novelas mais discutidas da literatura moderna norte-americana. A obra, filmada em cinemascope, revela uma história corajosa que tem como tema principal o preconceito de raça e que reúne, além dos dois astros já citados, Joan Fontaine e James Mason. A película, cujo título em português é «A Ilha nos Trópicos», nos mostra cenas do autêntico Calypso com todo seu esplendor coreográfico.

Belafonte vem se firmando como ator dramático em cada novo filme que protagoniza, mas assim como a sisudez de Garbo, as pernas de Marlene, o risinho de Dean e a careca do Brynner, é a voz e não a atuação que se chama Harry Belafonte, e, disse-o bem o crítico novaiorquino que depois de ouvir Harry pela primeira vez, observou em sua temida coluna, «Belafonte canta as suas canções com a impetuosa determinação de um evangelista».



Roberto de Cleto: «a sua pronúncia está melhorando, darling!»

A
M
O
DE
TRI
GU
LEN
O
PIA
Te
A
da
rein
des
po
tes
da
FIN
O
foi
rec
cên
ga
O
Ro
ex
so
ric
se
a
ca

Aurimar Rocha:

NINGUÉM PODE LOGRAR IMPUNEMENTE OS ESPECTADORES DE UM TEATRO

O PÚBLICO NÃO QUER MAIS SABER DE DRAMAS NEM DE CONFLITOS INTRINCADOS — SEM PAPAS NA LINGUA AURIMAR ROCHA ATACA VIOLENTAMENTE A CRÍTICA TEATRAL — O TEATRO DE EQUIPE É UMA UTOPIA — TEATRO INFANTIL, UM IDEAL



Absolutamente. Isto não é uma loja em liquidação. É o Teatro de Bólso com fachada à moda de Aurimar Rocha.

Texto de OCTAVIO LINS

Fotos de V. VASCONCELOS

AURIMAR ROCHA, carioca, família paraense, nasceu em 11/3/1933. É Acadêmico de Direito e funcionário autárquico. Começou com o grupo dos «Quixotes» no Teatro Duse. Fêz crítica teatral para a revista do «Fluminense F. C.». Trabalhou como ator em: «A Falecida», «A cegonha se diverte», «A mulher sem alma», «A fôlha de parreira», «Mademoiselle», «Os elegantes», «Prima Donna» e «Infidelidades em Petit-Comité». Dirigi «Week-end», de N. Coward, para o grupo de amadores do «Juca Tênis Clube». Sua primeira peça «Os elegantes», permaneceu cinco meses em cartaz no Teatro de Bólso. «Infidelidades em Petit-Comité» já completou 200 representações.

FINANÇAS

«— A empresa Teatral de Comédia não deve um tostão a ninguém. O que vale dizer que um espetáculo puramente artístico como o que foi constituído pelas peças «O Belo Indiferente» e a «Prima Donna», recebido com elogios unânimes da crítica teatral, deu um prejuízo de cerca de Cr\$ 80.000,00, contrabalançado pela encenação de «Os elegantes» e «Infidelidades em Petit-Comité».

O PÚBLICO EXPLICA O AUTOR

Repórter: «— O empresário Aurimar Rocha explica o autor Aurimar Rocha?»

AURIMAR: «— Empresário algum explica um autor. O público, sim, explica tudo.

Um Teatro sem platéia perde a sua finalidade, a não ser para Nelson Rodrigues. Só os literatos da «Gondola», rapazes em sua maioria frustrados, fazem tudo por ignorar que uma Cia. profissional, para se manter, só pode representar autores que não signifiquem um passo a mais para se forjar o atestado de óbito da companhia. Se eu fôsse capitalista, a minha Cia. só montaria originais de Brecht, Pirandello,

Lorca, Tennessee Williams, O'Neill, Ionesco e Wilder. Porque uma Cia. como a dos «Comediantes», que realizou o trabalho mais sério pelo bom teatro, não conseguiu se manter até hoje? Cabe ao Teatro Nacional de Comédia, financiado pelos cofres públicos, a encenação de autores que o público, infelizmente, não aceita. E o público do Teatro de Bólso é constituído de médicos, advogados, militares, políticos, gente enfim de categoria social elevada. O problema é que ninguém paga Cr\$ 120,00 para ver num teatro de 160 lugares «teatro, instrumento de cultura», como seria de desejar. O público não quer mais saber de dramas, nem conflitos intrincados. Isto não é apenas um fenômeno nacional. Na França, país que afinal possui um lastro de cultura, o gênero «boulevardier» ainda é o mais cultivado. Apenas três ou quatro elencos conseguem apresentar um repertório mais elevado. Particularmente, prefiro montar autores nacionais medíocres a encenar peças de um Roussin, um Diego Fabbri ou um Sauvajon. O autor Aurimar Rocha está escrevendo duas peças que serão montadas futuramente: «O atelier de madame» e «A casa que não virou edifício». Duas novas experiências que possibilitarão ao autor encontrar um caminho para melhor dialogar com o público. Os autores nacionais precisam ser representados, discutidos, analisados. Uma literatura dramática de um país não pode ser improvisada a toque de caixa. Por enquanto tenho escrito peças desprezíveis para um palco de diminutas proporções. De futuro, meus planos são outros, quando estiver mais em dia com a carpintaria teatral.»

BOVARISMO

Repórter: «— V. pretende no Teatro Brasileiro ter um nome cu V. está contente com o que já tem?

AURIMAR: «— Gostaria que V. me emprestasse o seu. Aliás, fui batizado contra a minha vontade. Nunca simpatizei muito com o meu nome. Preferia um outro assim como Paulo Francis, Telmo Martino,



Aurimar: «— Particularmente, prefiro montar autores nacionais medíocres a encenar peças de «Infiéis em Petit-Comité». Aurimar diz que não um Roussin, um Diego Fabbri ou um Souvajan.» lugares para ver «teatro»

Geraldo Queiroz ou João Augusto. Ficaria senhor de um sem número de realizações pelo teatro nacional, falaria um perfeito inglês de Oxford, ofenderia gratuitamente a mediocridade indígena, frequentaria em Londres o camarim de Sir John Gielgud, dirigiria com maestria um repertório que iria do «Dilema de um médico» à «Electra no Circo», enfim seria filho de Carlos Lacerda e Claude Vincent. Acabaria mesmo ensinando arte dramática na Bahia.

POSIÇÕES

Repórter: «— Num momento em que o teatro brasileiro passa por uma fase de renovação e revisão, qual a sua posição como autor, ator e empresário?

AURIMAR: «— Como autor não acompanho fases, não obedeco a paradigmas. Escrevo para mim mesmo. A minha posição como ator é de uma completa ausência de sofisticação, característica principal de determinados grupos. Quando se anunciou que eu ia encenar a peça de Ugo Betti «Delito na Ilha das Cabras», várias atrizes se mostraram interessadas em ingressar na Cia., mas nenhuma delas conhecia a peça. Se eu montasse Abílio Pereira de Almeida, aposto, pediriam rescisão de contrato. O principal na carreira de um ator é trabalhar, representando bons ou maus originais. Falam em acabar com o «estrelismo» mas a verdade é que o «teatro de equipe» é utópico. Como empresário, acompanho a renovação com entusiasmo e acho muito pitoresca a revisão. Não concordo, porém, com os métodos da revisão. A nova geração não deve deixar de respeitar a «velha-guarda». Na época em que eles iniciaram suas carreiras o ambiente teatral era o mais hostil possível. Ser atriz era quase sinônimo de prostituição em potencial. Os atores representavam cento e poucas peças por ano. Tenho um profundo respeito pela geração passada. Eles amavam o teatro muito mais do que nós.»

ARLEQUINADA

Repórter: «— V. acha de bom gosto os cartazes que estão na porta do Teatro de Bólso?»

AURIMAR: «— Portinari negou-se a fazê-los porque estava às voltas com murais. Pancetti pintava marinhas e Di Cavalcanti estava abstraído com suas mulatas. Os cartazes saíram, a despeito dos três. Já tive vários oferecimentos do Museu de Arte Moderna para expô-los, mas infelizmente não pude atender ao gentil convite de D. Niomar Moniz Sodré.»

UM CONCEITO ELÁSTICO

Repórter: «— V. em sua carreira teatral está sendo honesto para com V. mesmo?»

AURIMAR: «— Honestidade em nossa terra tem um conceito bastante elástico. Uma pergunta como esta exige horas de reflexão, tal a gravidade do problema apresentado. Bem, o que posso adiantar é que até o momento ainda não fui prêso pelo meu «ego». O dia em que acontecer um «rififi» interior, sou capaz de acabar com os meus aias como Antonio Sanchez Galdeano ou cronista social.»

ORIGINAL ATÉ CERTO PONTO

Repórter: «— E, para com o público, V. está sendo honesto?»

AURIMAR: «— V. faz umas perguntas tão originais, mas tão originais, que me deixa impressionado. O público não é imbecil como meia dúzia de «intelectualóides» vive a proclamar. O público sabe o que quer. Ninguém pode lograr impunemente os espectadores de um teatro. A Empresa Teatral de Comédia já tem o seu público for-

ENQUANTO O PÚBLICO EXPLICA UM AUTOR MUITA COISA FICA SEM EXPLICAÇÃO



«Há um Paulo Francis em nossas vidas», estariam dizendo Glória Cometh e Marilu Bueno



guém paga 120 cruzeiros num teatro de 160 Aurimar e Marilu Bueno brigam (na peça) por causa de um coelho. Fora do palco Aurimar briga por menos que isso.

mado. Faça uma inquirição entre eles para saber se os nossos espetáculos são honestos ou não.

GENTE CONTRA GENTE

Repórter: «— Como V. vê o movimento de renovação da crítica teatral?»

AURIMAR: «— Paulo Francis não tem idoneidade para exercer o cargo. A profissão de diretor de uma companhia do governo é incompatível com a de crítico militante. João Augusto é um rapaz de cultura, que escreve bem, mas infelizmente enveredou por um caminho tortuoso. Ultimamente, parecia uma «Louella Parsons» em travestí, fazendo mexericos, tomando parte ativa na política dos bastidores. Henrique Oscar é um crítico que deve ser observado. Procura fazer crítica construtiva. O seu noticiário é sóbrio, não se envolve em intrigas e maledicências. Uma andorinha não faz renovação.»

Repórter: «— V. acha que este movimento tem realmente uma missão saneadora ou que pode ser perigoso?»

AURIMAR: «— É preciso estudar cada caso em particular. Henrique Oscar se incumba da missão saneadora. Paulo Francis e João Augusto são perniciosos. Exemplo: «Guilherme Figueiredo é filho de Ibrahim Sued em Antônio Maria», «Eva Todor só falta pular carniça nas costas de Mme. Morineau», «Alda Garrido devia ser recolhida ao Retiro dos Artistas em Jacarepaguá», etc.»

CÉLIA BIAR

Repórter: «— Como e por que Célia Biar deixou a sua Cia?»

AURIMAR: «— Como deixou? Ora, ela ainda não tinha assinado contrato! Por que? Porque não acertamos os ponteiros em definitivo. Célia Biar não queria dar três sessões aos sábados, desejava ter o

seu nome em plano destacadíssimo, desejava escolher as peças, não queria sair do plano Rio-São Paulo. Célia Biar é uma excelente atriz de comédia. Pena que ela não tivesse ficado na Empresa Teatral de Comédia. Satisfeito?»

«OF COURSE!»

Repórter: «— Sem Célia Biar, *Fallen Angels* continua no programa de sua Cia?»

AURIMAR: «— Um francês em nossas vidas», comédia de N. Coward, tradução de Roberto Cleto e Aurimar Rocha, direção de José Maria Monteiro, será o próximo cartaz do Teatro de Bólso. Se V. deixar a REVISTA DA SEMANA será que a REVISTA vai fechar as suas portas ou vai mudar as diretrizes traçadas?»

PLANOS

«— Comprar o Teatro de Bólso. O proprietário pediu a «bagatela» de Cr\$ 4.000.000,00. Já foram iniciadas as obras de escavação para ver se o petróleo do porão do Teatro de Bólso é nosso. Apresentar dois originais comerciais e um puramente artístico. Os originais primeiros permitirão a sobrevivência da Cia. Excursionar pelo interior do país. Montar um Teatro Experimental às segundas-feiras. Intensificar o gosto pelo Teatro Infantil, criando o público de amanhã.»

APOTEOSE FINAL

Repórter: «— O que, na sua opinião, é mais prejudicial ao desenvolvimento do teatro no Brasil?»

AURIMAR: «— Entrevistas como esta, o acúmulo de gênios na praça, falsos intelectuais, falta de teatros e de escolas.»



Durante os pouquíssimos dias que passou no Rio de Janeiro, o cientista francês teve que responder a um mundo de perguntas. Aqui o vemos mantendo o professor Maurício de Medeiros preso ao interesse de sua explicação.

ROUBADO DAS COLMEIAS O SEGRÊDO DA LONGEVIDADE

SABIO FRANCÊS DESCOBRE E REVELA COMO VIVER MAIS —
DEMONSTRADO NO III CONGRESSO DE BIOGENÉTICA O PODER
DO APISERUM — VIVERÁ O HOMEM, DOIS SÉCULOS E MEIO?

Reportagem de MARITA LIMA

Foi quando pronunciou sua conferência no Instituto Católico de Paris que o dr. Galleazi-Lisi, médico particular há vinte e cinco anos de Sua Santidade Pio XII, lançou o mundo num mar de esperança e emoção. Mas, ao mesmo tempo em que ele despertou, com o que disse, um enorme interesse por parte da humanidade em geral, levou os pesquisadores científicos, temerosos do rumo que aquilo podia tomar, a manter-se no mais severo sigilo profissional. Naquela ocasião, justamente o Papa completava oitenta anos de idade, após ter passado por tal crise de saúde que o mundo inteiro temeu por sua vida. Porém, não só o dr. Galleazi-Lisi encontrou para o seu cliente o seguro caminho da cura, como Pio XII, pouco depois, declarava a pessoa de sua intimidade que se sentia melhor e mais vigoroso aos oitenta anos do que se sentira aos quarenta.

E o que o dr. Galleazi-Lisi revelou na conferência que pronunciou, quando provocou um verdadeiro incêndio de curiosidade e esperança, foi exatamente o tratamento que empregou na cura do Sumo Pontífice, conseguindo resultados tão eficientes e promissores. Na época, declarou:

«— Os trabalhos do sr. Boyer de Belvefer e os seus amplos conhe-

cimentos referentes a tudo o que se relaciona com a Geléia Real foram para mim um precioso socorro. E recorri à Geléia Real, nesse caso, unicamente porque ela é um produto natural e me parece destituída de qualquer caráter nocivo.»

Assim, foram duas palavras — Geléia Real — que causaram uma tão grande emoção, quando Galleazi-Lisi pronunciou sua conferência, e lançaram sobre a humanidade uma esperança cujo alcance ainda não se pode prever totalmente.

◆ **A GELEIA REAL.** Há muito tempo, quase que poderíamos dizer que desde sempre, os apicultores estão perfeitamente familiarizados com a Geléia Real, essa massinha esbranquiçada que as abelhas produzem.

Durante dois dias, todas as larvas da colmeia utilizam-se dessa espécie de leite para com ele banhar-se e alimentar-se. Mas ao terceiro dia as coisas mudam, e as larvas daquelas que serão apenas abelhas operárias passam a receber alimento comum constando de mel, água e pólen. Entretanto, as larvas que se destinam a tornar-se Abelhas-Rainhas continuam recebendo alimentação exclusivamente proporcionada por meio da Geléia Real.

A larva da futura Rainha, a cada dia que passa, dobra o seu peso, chegando a atingir 20 gramas, enquanto que uma abelha-operária



Geléia Real abre um horizonte fantástico: o

não consegue ultrapassar 10 gramas. Mas não é só isso. A Abelha-Rainha desenvolve uma atividade incrível, chegando a pôr, diariamente, duas vezes e meia o seu próprio peso em ovos. Apesar disso, vive até cinco anos, quando a vida de uma abelha-operária não passa de 42 dias. O resultado que produz o emprêgo da Geléia Real tornou-se, recentemente, uma das mais importantes constatações que a ciência moderna fez.

Alguma coisa havia que estabelecia condições muito diferentes entre uma Abelha-Rainha e as abelhas-operárias, dando à primeira uma notável superioridade, embora a larva real seja inicialmente escolhida ao acaso, podendo recair sobre qualquer uma o destino de Rainha. E essa alguma coisa chama-se Geléia Real. Para fazer uma Rainha, as abelhas que são encarregadas dela tratam-na com o precioso alimento durante todo o período de crescimento, isto é, três semanas.

Observando inteligentemente tudo isto, Boyer de Belfefer fez-se, a si mesmo, a seguinte pergunta: «Essa Geléia Real, que é capaz de determinar a evolução das larvas, poderá retardar os sintomas da velhice e chegar a ser um fator de longevidade?» Se colocarmos em termos humanos o que acontece com as abelhas, a resposta que o sr. de Belfefer procura torna-se espantosa: baseemo-nos nos dados fornecidos pelas mais recentes estatísticas, segundo os quais a vida humana atinge, em média, 63 anos, para fazermos nossas contas. E assim, na suposição de que poderia acontecer com o homem o mesmo que acontece com a Abelha-Rainha, ele chegaria a viver dois séculos e meio.

Porém, mesmo que o resultado não seja total, mas atingindo apenas a metade do tempo calculado acima, o homem que conseguir este resultado para a humanidade será considerado o maior gênio de todos os tempos.

A Geléia Real foi descoberta, em 1763, por um holandês chamado Swammerdam, e que a batizou como «mel salivar», porque é produzida por certas glândulas localizadas na cabeça das abelhas. A com-

posição química desse produto que agora se denomina «Geléia Real», está completamente estabelecida, mas já foi objeto de incessantes estudos que deram margem a uma série de importantes trabalhos, entre os quais os de Aeppler (1922), Melampy e Jones (1939), os de Ardry, Helleu e Mme. Randoin (1955 e 1956), destacando-se principalmente o trabalho de Boyer de Belfefer, talvez o de maior importância porque sai do terreno da pura pesquisa científica para o do emprêgo direto pela conservação, industrialização e comércio de produto. Resultado, aliás, que só conseguiu após 14 anos de patientes investigações.

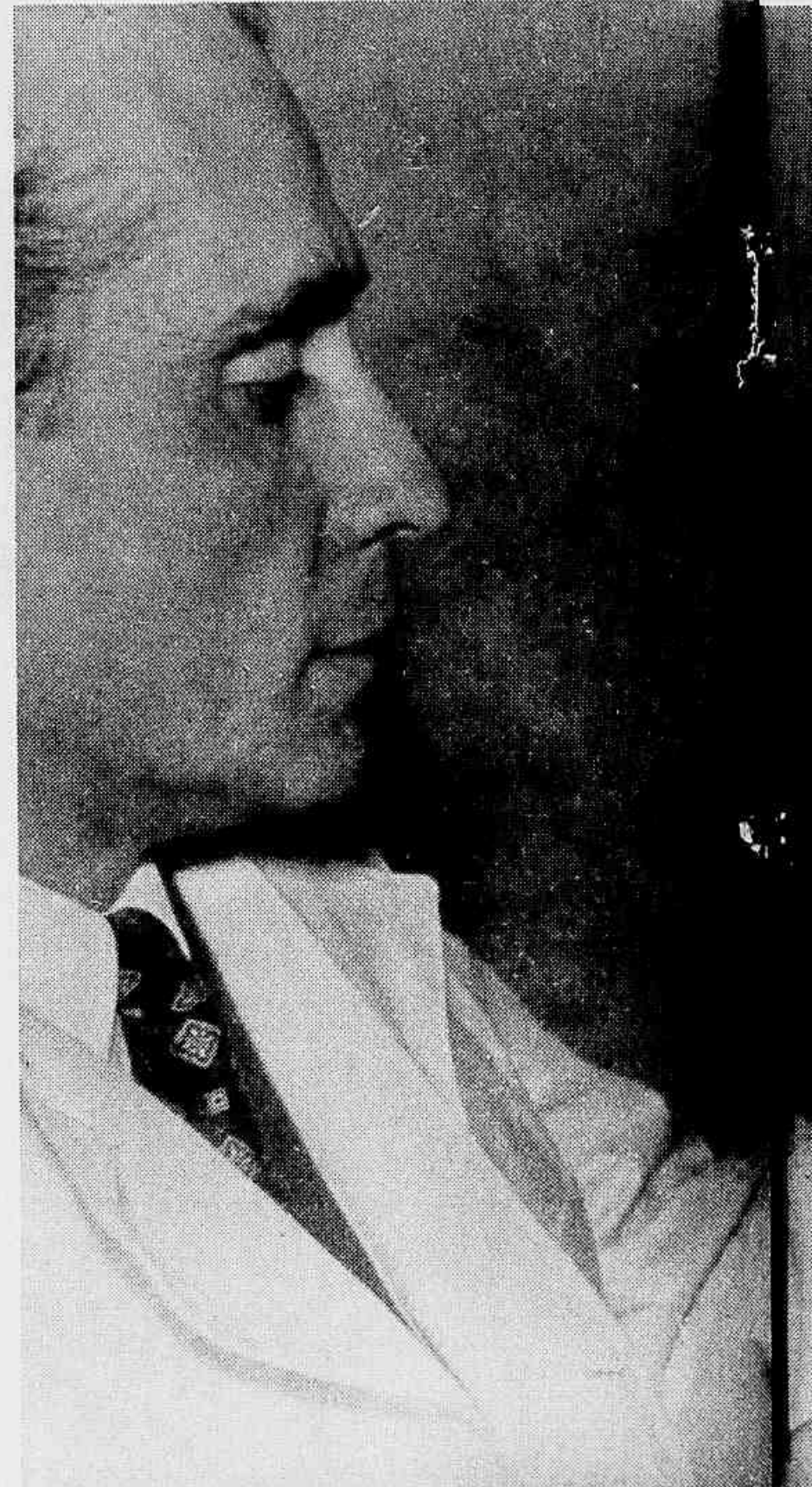
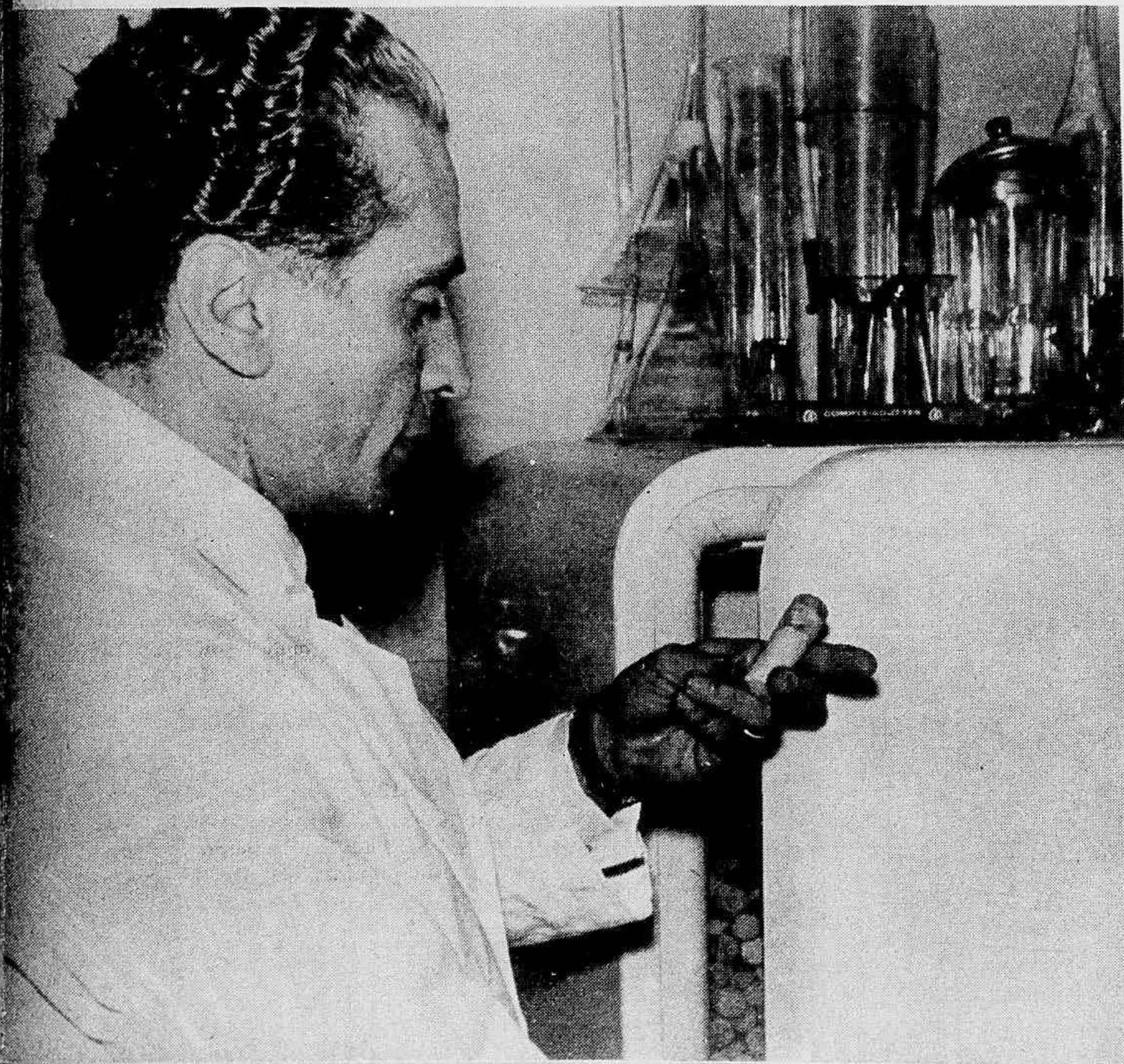
◆ **COMPOSIÇÃO QUÍMICA.** Agora, é levantar totalmente o véu que encobria o segredo da Geléia Real. É preciso levar a cabo toda espécie de experimentação científica, a fim de que o homem possa fazer com que a morte espere por ele. E parece que caminhamos a passos largos para esse dia, pois uma série de coisas se encadeiam nesse sentido. E, sem dúvida, entre elas, uma das de maior importância é a descoberta do emprêgo da Geléia Real como alimento ou medicamento humano.

O seu extraordinário poder já foi constatado, tendo sido a sua composição química cuidadosamente analisada em numerosos laboratórios, pelos cientistas que se lançam em caça da longevidade. Porém, a questão da longevidade ainda não passa de mera suposição ou, digamos, em termos mais animadores, de mera esperança por parte dos cientistas. Somente os temperamentos mais fantasiosos apressam-se por preencher com suposição a lacuna da constatação, dando-se por satisfeitos com isto.

Contudo, a grande importância da Geléia Real não está na dependência de suposições, ao contrário, foi constatada em laboratórios, quando os cientistas passaram a apontá-la como um produto de características extraordinárias, principalmente graças à sua composição rica em glucídios, protídios e lipídios. Além disso, contém ácidos orgânicos, esteres, cêra e outras substâncias que lhe conferem carac-

Este pequeno tubo que vai ser guardado no refrigerador, contém a própria essência da vida. É a Geléia Real produzida pelas abelhas e que leva os cientistas à esperança da longevidade.

As colmeias tornam-se insuficientes para a produção em massa da Geléia Real. Boyer de Bel-



o homem vai viver dois séculos e meio

terísticas de grande atividade biológica, especialmente na evolução sexual das abelhas. A sua maior fração é constituída de açúcares, sais orgânicos e um composto azotado, aproximando-se bastante da composição do mel. Por outra parte, há uma fração essencialmente de natureza proteica, e, entra ainda, na composição geral, a presença de nada menos do que 18 diferentes amino-ácidos.

A composição em vitaminas, da Geléia Real, mostrou-se riquíssima em diversas vitaminas do grupo B. Mas o elemento da esperança é a presença em grande quantidade de ácido pantotênico, que, segundo os cientistas, encontra-se nos tecidos jovens e de crescimento ativo, vindo a exercer efeito sobre o tempo de vida.

No entanto, uma das notícias melhores que nos traz esse novo produto é a de que ele tem, também, uma ação bactericida e anti-biótica bastante evidente sobre o bacilo de Koch. Tal é a Geléia Real, que mostrou-se, entre outras coisas, ativa na tuberculose experimental da cobaia, demonstrando também ação anti-biótica com relação ao stafilococcus dourado, retardando o desenvolvimento microbiano e impedindo todo o seu desenvolvimento ulterior. Essa mesma propriedade pode ser notada com relação ao proteu.

Em razão da atividade biológica muito especial da Geléia Real sobre o desenvolvimento das larvas de abelhas e mais especialmente no sistema genital da Rainha, os primeiros trabalhos efetuados nesse sentido foram dirigidos aos hormônios sexuais, os fatores de longevidade, e a fertilidade. Desde 1939, Heyl havia assinalado que a injeção de um extrato lipídico nas ratazanas impúberes provocava uma maturação rápida dos ovários, sugerindo a presença de um hormônio gonadotrofo ou de um hormônio de crescimento na Geléia Real. Townsend e Lucas constataram efetivamente que a fração lipóide da Geléia Real administrada às moscas *Drosophila* provoca uma maturidade sexual precoce e um aumento do número de larvas.

E como será o homem do futuro? Aos doze anos de idade será um adulto de três metros de altura, procurando casamento? E será que

vai haver divórcio, ou esse casamento deverá durar mais do que dois séculos?

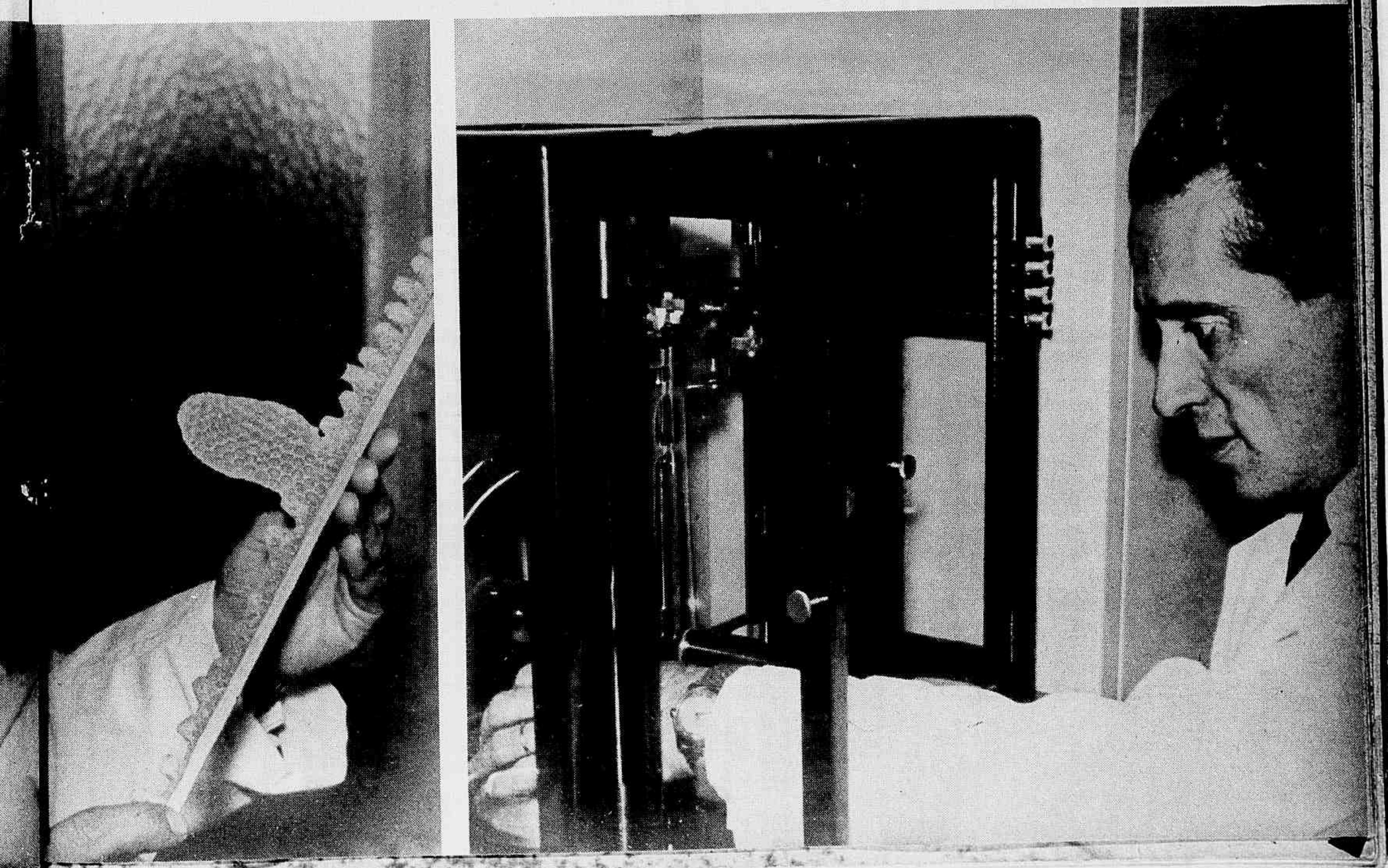
Enfim, homem não é abelha...

♦ **QUAL SERÁ O FUTURO?** Aí está, portanto, em linhas gerais, a grande importância desse novo produto do qual o homem se asseghora — a Geléia Real. O sr. de Belfer é o responsável pela propagação do produto. Muitos cientistas se dedicaram a estes estudos, porém, foi ele quem achou a maneira de isolar a Geléia Real com perfeição, misturando-a depois ao hidromel e produzindo uma grande quantidade de Apserum.

Cabe aqui, aliás, uma pequena explicação sobre o que ora se chama de grande quantidade. É grande no momento, mas, para o consumo das multidões, as abelhas tornam-se insuficientes em seu fabrico. Por isto, os laboratórios já procuram um meio de fabricá-lo sinteticamente. Uma vez obtido sucesso, toda a Geléia Real do mundo será pouca para a humanidade. E esta é uma das preocupações de Boyer de Belfer, aquele mesmo que torneceu ao médico do Papa o medicamento que suas abelhas produzem e que foi capaz, pelo menos, de ajudar a salvar a vida de Pio XII. Boyer de Belfer esteve durante poucos dias no Rio de Janeiro, onde se apresentou como sendo um dos membros do III Congresso de Biogenética. Foi logo assediado pela imprensa que lhe solicitava detalhes, e ele atendeu aos jornalistas, prestando-lhes precisas informações. Além disso, pronunciou uma conferência e exibiu, na Maison de France, um belo filme colorido, onde se aprende todo o processo de fabricação do produto que contém a Geléia Real, e que se chama Apiserum.

É um cientista, o sr. de Belfer, mas, além disso, é um homem cheio de esperanças e que distribui esperança à humanidade inteira. O produto que ele vende é bastante caro, pois uma caixa com doze ampolas custa cerca de mil e quinhentos cruzeiros, mas a verdade é que se ele conseguir alcançar os seus intentos, nós todos poderemos comprar a prazo e teremos muito tempo para pagar...

vefer descobriu um artifício que faz com que as abelhas produzam três ou quatro vezes mais. De todas as partes da França chegam casulos cheios de Geléia Real. Boyer de Belfer seleciona-os cuidadosamente, transformando-os, depois, numa espécie de elixir da longa vida.





Os jogadores só confiaram no silêncio de Bob quando o silenciaram para sempre, com uma bala de revólver no peito.

Por NORMAN ABBOTT

A MORTE DO EX-FUZILEIRO

QUANDO se mentiu a respeito da idade, alistando-se com apenas 15 anos; quando se lutou durante quatro anos no Corpo de Fuzileiros, em combates no Pacífico; quando se foi ferido, hospitalizado e se teve baixa, quando se fica andando de um ponto para outro, apenas por não se ter parentes nem emprego, nem mesmo vontade de arranjar algum... bem, então a polícia realmente tem dificuldade em fazer a identificação.

O ex-fuzileiro Robert Williams podia ter dito ao Inspetor-Chefe David Duggan, de Lynn, Massachusetts, tudo isso e mais alguma coisa

sobre si mesmo, naquele dia de agosto de 1945 — explicar até porque se achava nas salinas que ladeiam o Rio Saugus, depois de passar por aquela cidade industrial.

Mas Robert Williams estava morto. Morto havia três dias — disse o legista — com uma bala 32 no peito. E quase tudo o que o Inspetor Duggan sabia sobre ele — apesar de simples conjectura — era que o chamavam de «Bob» e que devia ter conhecido uma moça chamada «Kitty».

O inspetor desconfiava disso porque o morto

apresentava, no antebraço esquerdo, uma tatuagem caprichada: o desenho de um coração atravessado por uma seta e dois nomes entrelaçados, em letras feitas com esmero.

Não parecia grande pista, mas já era alguma coisa.

Um detective de ficção, como se pode calcular, logo teria deduzido a solução do caso do coração tatuado, mas o Inspetor Duggan não costumava ler histórias de detectives. Na verdade, as pistas mais promissoras para identificação do cadáver eram as impressões digitais do suposto «Bob». E estas, mandadas para o FBI, tiveram resposta imediata: «Bob» era o ex-fuzileiro naval Robert Williams, que morava em Haverhill, Massachusetts.

Muito bem, mas quem era «Kitty»? Ora, deve ser Kathryn Miles, cantora de cabaré, a quem Williams andara cercando de atenções. Kathryn Miles desaparecera dos pontos habitualmente freqüentados, isto é, do Bar L. Nova, no qual estava empregada, e da península em que morava.

SURTIU, porém, nova complicação: Não havia provas de Williams conhecer Kathryn por mais de algumas semanas. E veio o gabinete do médico legista a informação que o coração tinha sido tatuado no braço de Bob pelo menos uns cinco anos antes. Ora, as peças do quebra-cabeças não pareciam adaptar-se pelo fato de Kathryn ter vindo de Nova York e Bob, antes de alistar-se, jamais

saiado de Haverhill senão para uma ou outra visita a Boston. Haveria uma outra «Kitty»?

Havia. Foram para Haverhill os detectives Inspetor Duggan, que desencavaram um pouco da vida passada de Bob, uma juventude bastante inocente. Ele e Catherine Bauer — que os colegas chamavam de «Kitty» — tinham sido colegas de escola, quando contava quinze anos e ela era um ano mais nova, além de namorada. Ao voltar de licença, depois de alistado, orgulhosamente Bob suspendera a manga e mostrara a Kitty o coração tatuado, com os nomes entrelaçados, o que muito agradara a moça.

(Continua na pág. 59)

Dos arquivos do crime

JOSÉ LINS DO RÊGO

(Continuação da pág. 6)

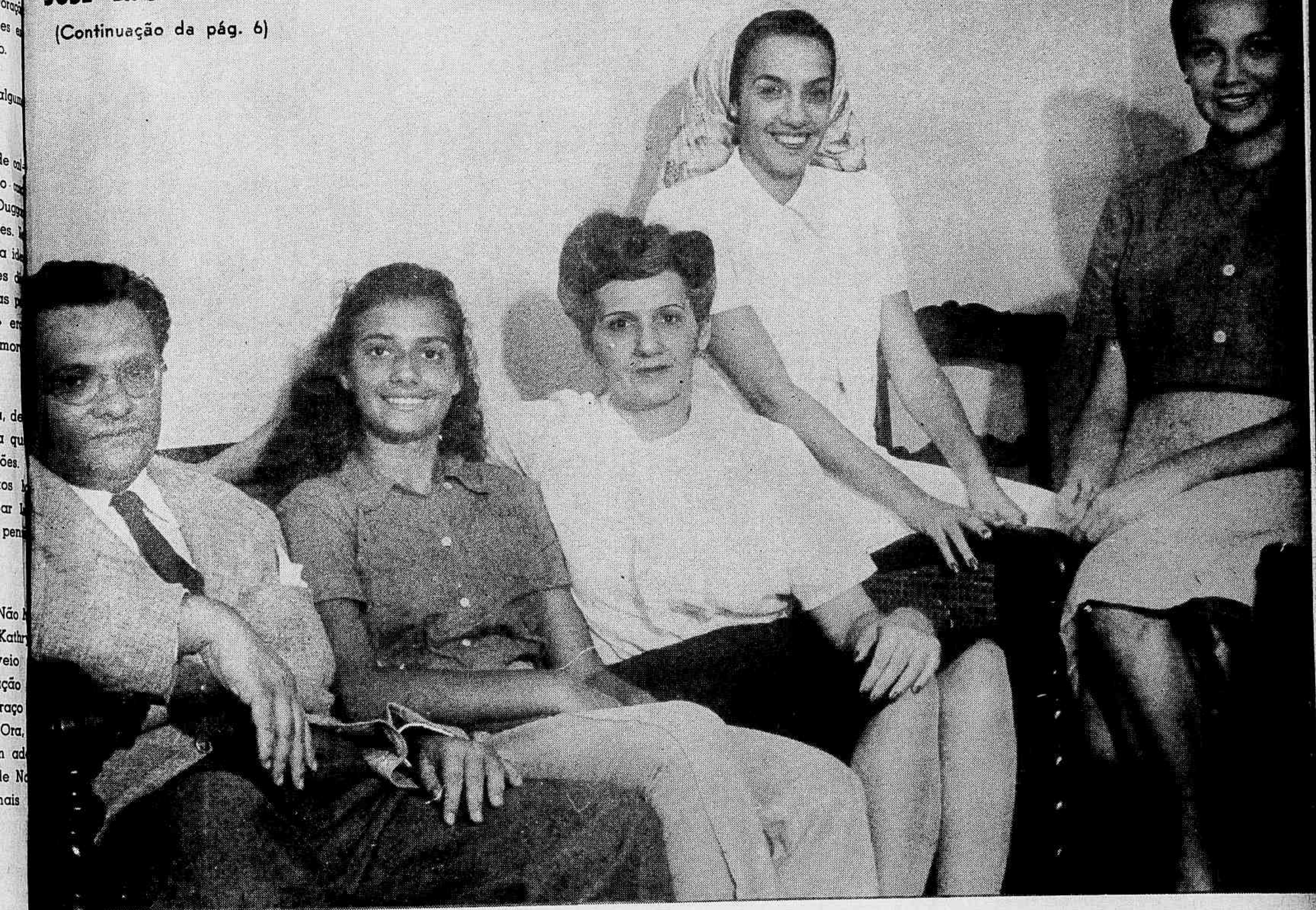


Foto batida em 1946 pela REVISTA DA SEMANA, numa reportagem que contava a vida de José Lins. Vemos: o romancista, Maria Cristina, D. Naná, Maria da Glória e Betinha.

A MORTE ROUBOU DOIS ROMANCES: "O MENINO E O CARNEIRO" E "CÊRCA VIVA"

Cada fim de ano, José Lins passava as férias no engenho, ligado a um mundo que haveria de acompanhá-lo pela vida inteira. Em 1920, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. Foi nesse tempo que sua visão do fenômeno literário se desenvolveu consideravelmente. Descobriu as «Confissões» de Rousseau e os romances de Stendhal, passou a conviver com uma figura como José Américo de Almeida e a receber os ensinamentos de Olivio Montenegro, literato local tido como especialista em literatura francesa. Em 1923, José Lins travou conhecimento com Gilberto Freyre, que voltava da Europa e dos Estados Unidos para o Brasil e se propunha a reformar o estudo de ciências sociais em nosso país, além de pregar novos sistemas de criação literária.

José Lins identificou-se então com a literatura inglesa (leu Thomas Hardy, que seria um dos seus romancistas prediletos, em francês), e mergulhou mais fundamente nos franceses e espanhóis. Formado em Direito, ele ficou

noivo de Naná, filha do senador Massa, um dos chefes da política paraibana. Casado pouco depois, veio morar com o sogro, no Rio. Em 1925, foi ser promotor público na cidade mineira de Manhuaçu, onde passava o tempo lendo, entre outros, Hardy e Marcel Proust. Nessa época, era ele um dos raros assinantes brasileiros da «Nouvelle Revue Française», que revela os então novos da França: Claudel, Valéry, Larbaud, Charles Louis Philippe.

Em 1926, José Lins do Rêgo foi nomeado fiscal de bancos em Alagoas, onde encontraria, além de um grupo de jovens declaradamente interessados na renovação literária, duas figuras que haveriam de ter projeção nacional: Graciliano Ramos e Jorge de Lima. Este era, então, um poeta parnasiano, e Lins do Rêgo muito o influenciou no sentido de convertê-lo ao modernismo, chegando mesmo a estimular a criação de «Essa Nega Fulô». Também estava em Alagoas, como funcionário de Banco, o pintor Santa Rosa.

Em 1930, em apenas dois meses, José Lins do Rêgo escreveu «Menino de Engenho», que seria publicado dois anos seguintes, quando o autor tinha 31 anos de idade.

Lançado por uma editora secundária do Rio, em edição paga pelo autor, o livro obteve um sucesso surpreendente, conquistando o Prêmio Graça Aranha e tornando o romancista uma figura de projeção em todo o país. Mais um ano, e Lins do Rêgo apresentaria seu segundo romance, «Doidinho», desta vez a evocação de seus dias de internato. Em 1934, era a vez de «Banguê», em que a recriação da figura de seu avô constitui um trabalho sem precedentes e o ambiente canavieiro, com os seus conflitos sociais, desfila em páginas inesquecíveis.

Em 1935, José Lins do Rêgo vem morar no Rio. É o ano em que sai «Moleque Ricardo», a história do moleque da bagaceira que se transfere do ambiente rural para a paisagem urbana (Recife) e ali vive nos mocambos, mergulhado na lama, num dos mais pungentes e



ÊLE ERA REALMENTE NOSSO GRANDE ESCRITOR POPULAR



O entusiasmo de Zé Lins pelo Flamengo, mais do que simples entusiasmo de torcedor, era o sinal de seu desmedido sentimento pelas coisas do povo. Um de nossos poucos escritores que poderia ter dito: eu sou o povo.

revoltantes espelhos da miséria social do país. O Ciclo da Cana de Açúcar foi encerrado em 1936, com «Usina», romance que narra a absorção dos engenhos pelos usineiros.

Em 1937, José Lins do Rêgo lançou «Pureza», uma história de amor numa estação ferroviária. Todavia, em 1938, com «Pedra Bonita», ele iniciava a exploração, em sua obra, do problema do banditismo e do fanatismo religioso no nordeste. O romance «Riacho Doce» (1939) aborda o problema do petróleo no litoral alagoano — problema, hoje, de singular atualidade. É o triste romance de um sueco que, com sua bela e loura mulher, vai morar em Maceió.

Fiscal do imposto de consumo na zona salinosa fluminense, Lins do Rêgo produziu em 1941 o romance «Água-Mãe», no qual se desenvolve o drama da decadência de uma rica família do Estado do Rio, simultaneamente com a ascensão de um jogador de futebol que, segundo muitos, foi inspirado pela figura de Leônidas. Nesse romance, há um personagem curioso: um líder fascista. Com ele, Lins do Rêgo obteve o Prêmio Felipe de Oliveira. Em «Fogo Morto», publicado em 1943, José Lins do Rêgo voltou aos seus engenhos, às suas várzeas, aos personagens de sua infância, e apresentou Vitorino Papa-Rabo, uma espécie de dom Quixote Paraibano.

«Eurídice» foi publicado em 1947. Desenvolvido no Rio, conta a vida da cidade nos tempos que antecederam e sucederam ao Estado Novo, com os seus conflitos entre comunistas e integristas, a atmosfera da rua do Catete, da galeria Cruzeiro. É um dos nossos maiores romances urbanos, tendo ganho o Prêmio Fábio Prado. O último romance de José Lins do Rêgo foi «Cangaceiros», publicado em 1953; suas páginas, das maiores que ele jamais escreveu, refletem o drama do banditismo nordestino.

E com «Meus Verdes Anos», livro de memórias de sua infância, José Lins do Rêgo forne-

ceu ao público, o ano passado, a chave de sua criação romanesca, num livro que constitui verdadeiro roteiro de tipos e fatos.

Além dessa poderosa bagagem de romancista e memorialista, ele nos deixou um livro para crianças, «Histórias da Velha Totônia» (1936); dois livros de viagens, «Bota de Sete Léguas» (1952) e «Gregos e Troianos» (1957), três livros de ensaios e crônicas, «Gordos e Magros» (1943); «Poesia e Vida» (1946) e «O homem e a Casa» (1953), além de várias plaquetas, com conferências, artigos esparsos, etc.

Parte de sua obra romanesca já está traduzida para o francês, alemão, inglês, italiano, espanhol, russo e outros idiomas, enquanto se processa no exterior a versão de outros volumes. Lins do Rêgo conhecia quase toda a Europa, e ainda o ano passado fôra, pela segunda vez, à Grécia.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, empossara-se ali a 15 de dezembro do ano passado.

Pretendia escrever ainda pelo menos dois grandes romances, «O menino e o carneiro», que deveria ser lido tanto pelas crianças como pelos adultos, e «Cêrca Viva», história de um homem (no interior fluminense) perseguido por uma obsessão amorosa. Não chegou a iniciar nenhum dos dois. Mas deixou, com o seu amigo Lêdo Ivo, um livro inédito de ensaios e crônicas, para ser publicado com o título provável de «O vulcão e a fonte».

Casado com a sra. Naná Massa Lins do Rêgo, o famoso escritor deixou três filhas: Maria Elisabete (casada com o advogado Henrique de Carvalho Simas); Maria da Glória (casada com o industrial Eládio dos Santos) e Maria Cristina (casada com o diplomata Carlos Veras). O casal Simas dera-lhe Cláudia, a neta mais velha do escritor, e o casal Veras dois netos, inclusive José, a quem Lins do Rêgo dedicou «Meus Verdes Anos».



ÚLTIMO FLASH

MACEIÓ SOB A LEI DA SELVA — O cadáver do deputado Humberto Mendes, assassinado a tiros no recinto da Assembléia Legislativa de Alagoas, minutos antes de iniciar-se a votação do «impeachment» do Governador. O deputado era sogro do sr. Muniz Falcão. Recebeu dois tiros mortais — duas entre as trezentas balas (de revólver e metralhadora) disparadas nos vinte minutos de luta entre os deputados. Entrincheirados por trás de cadeiras, mesas e sacos de areia, os depu-

tados do Govêrno e da Oposição trocaram tiros até que havia um morto e vários feridos. O Presidente da República decretou a intervenção federal no Estado, quarenta e oito horas depois, nomeando interventor o General Moraes Âncora. Na foto a esposa do deputado Humberto Mendes despede-se do marido, enquanto seu filho (no canto à direita) chora sôbre o corpo do pai, cuja morte jurou vingar.

Sumário

REPORTAGENS

José Lins do Rêgo	3/6 e	59/61
Violando a cortina de ferro	8/9	
Uma boneca para trezentas crianças	10/15	
Encontro secreto com Perón	16/21	
Ari (Mister Samba) Barroso	30/35	
A Nova Lei de Tarifas cria	35/37	
Lúcio Cardoso	39	
Belafonte	46	

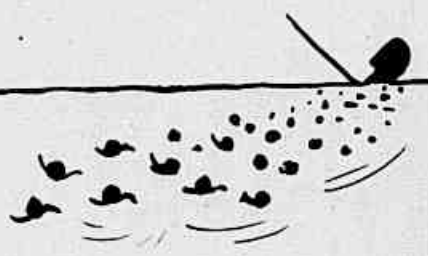
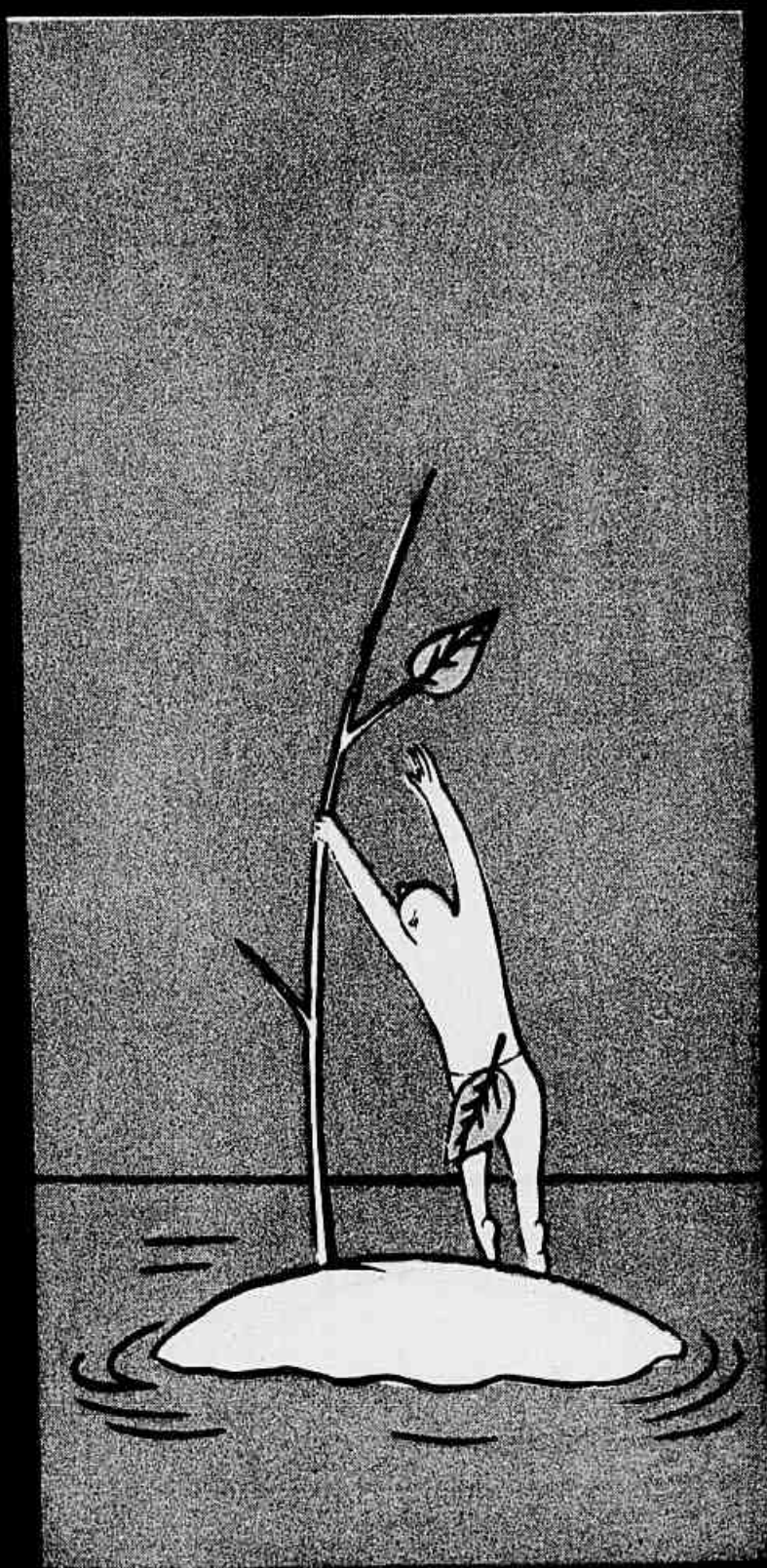
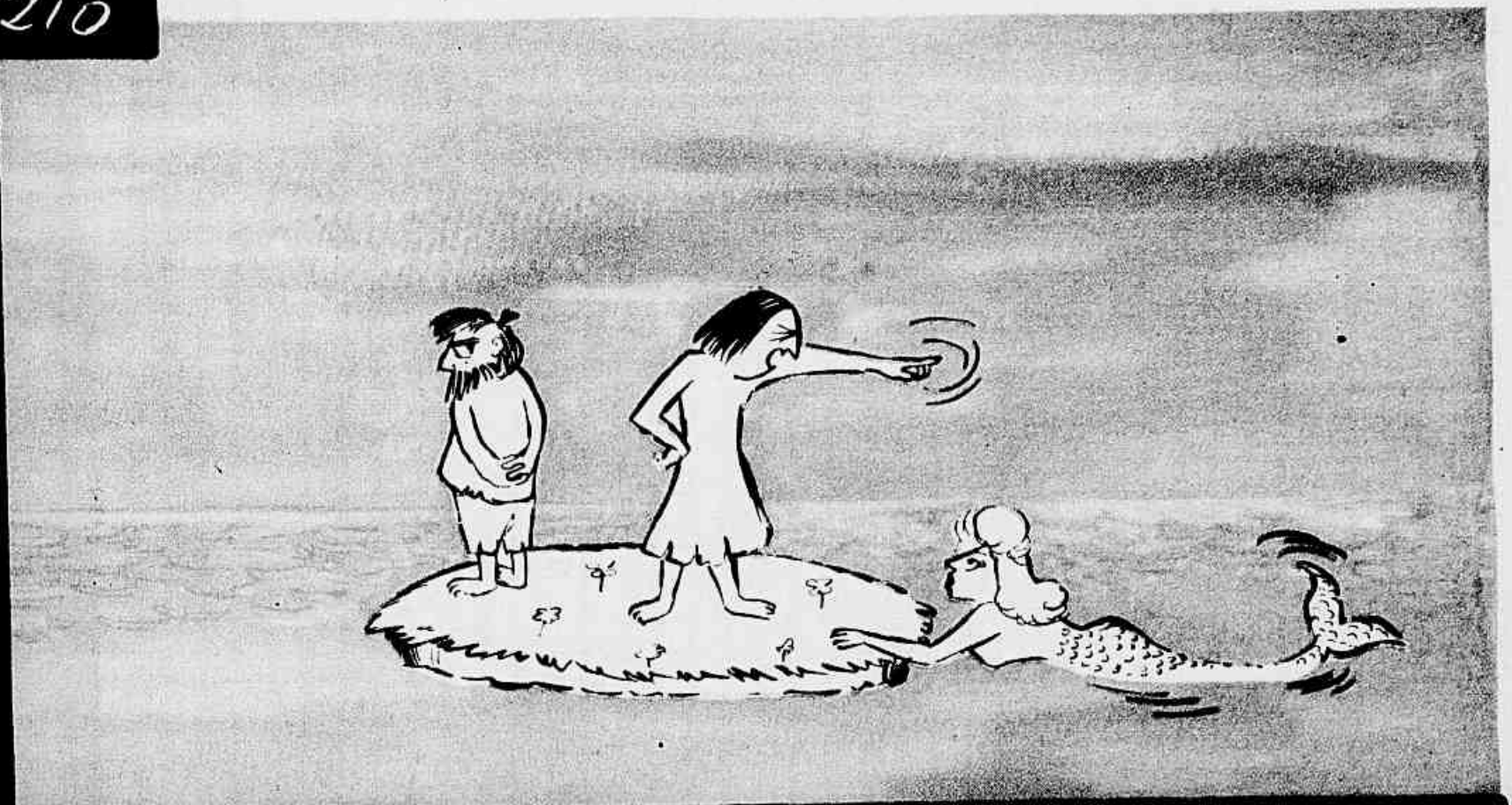
Ninguém pode lograr impunemente	51/53
Roubando das colmeias	54/57

Este número consta de 64 páginas.

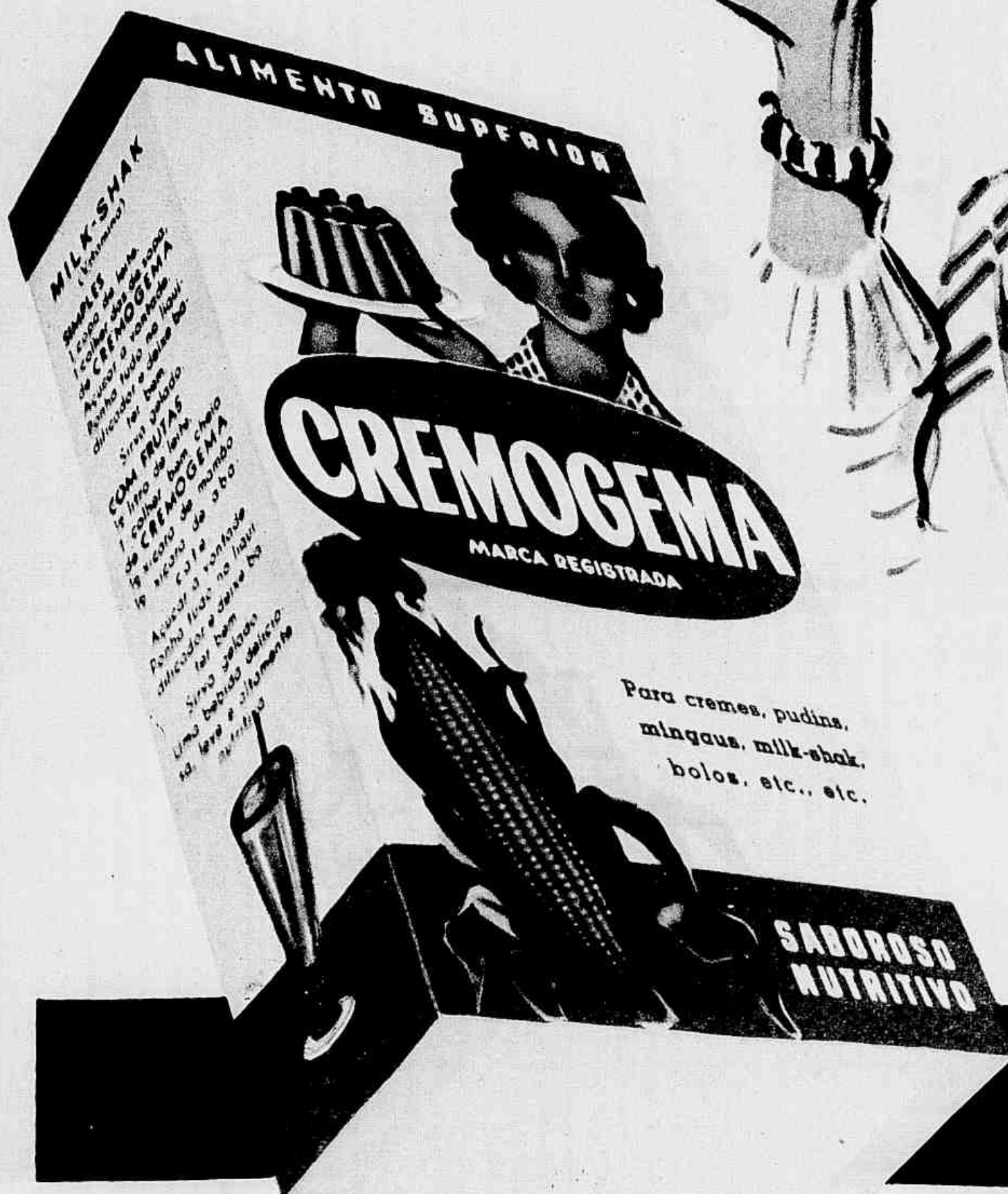
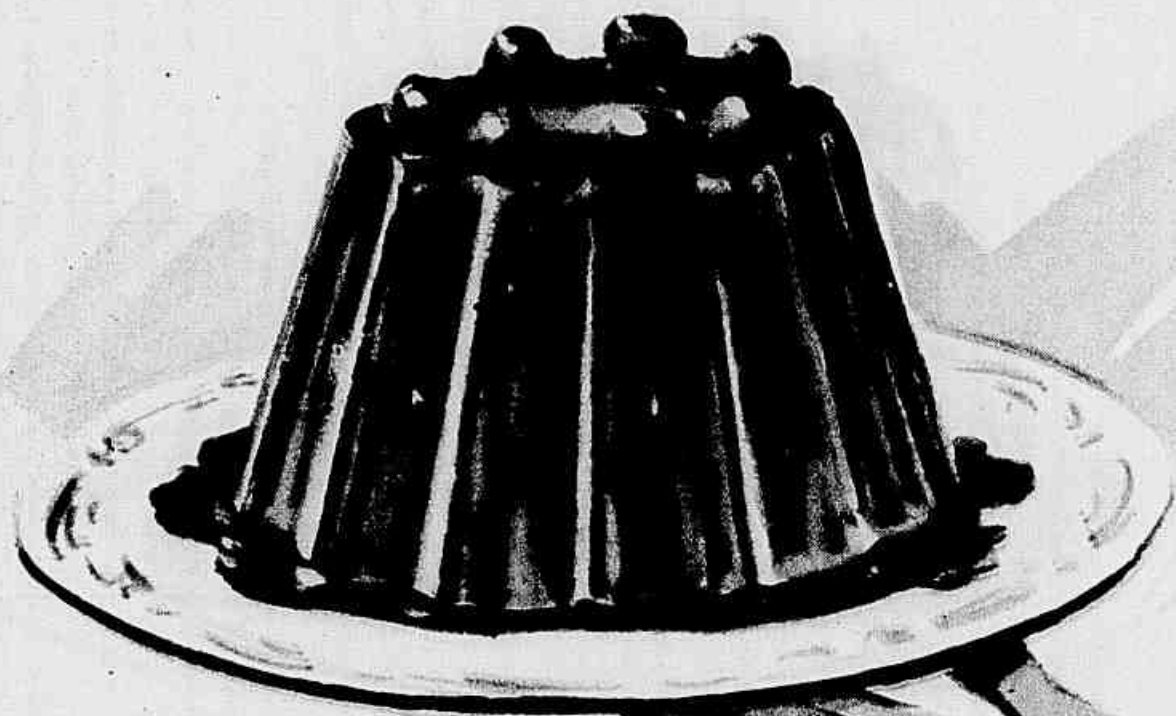
CAPA

Elisabeth Casper (em Ektachrome de Adir Vieira) toma parte no «show» de Carlos Machado «Mister Samba». Veja reportagem nas páginas 30 a 35.





CREMOGEMA



Para cremes, pudins,
mingaus, milk-shak,
bolos, etc., etc.

SABOROSO
NUTRITIVO

**SABOR DELICIOSO E GRANDE
PODER NUTRITIVO**

Fabricante:

SAN-CO Produtos Alimentícios Ltda.

Rua Ana Teles, 409 — Rio de Janeiro

**PEÇA AO SEU
FORNECEDOR**